



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

**TUANY ABREU DE MOURA**

**PATERNIDADES CONTEMPORÂNEAS: UM ESTUDO SOBRE PATERNIDADE**  
**“ATIVA” E “POSITIVA” NAS REDES SOCIAIS**

**FORTALEZA**

**2022**

TUANY ABREU DE MOURA

PATERNIDADES CONTEMPORÂNEAS: UM ESTUDO SOBRE PATERNIDADE  
“ATIVA” E “POSITIVA” NAS REDES SOCIAIS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Sociologia.  
Área de concentração: Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Cristian Saraiva Paiva.

FORTALEZA  
2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

M889p Moura, Tuany Abreu de.  
Paternidades contemporâneas : um estudo sobre paternidade "ativa" e "positiva" nas redes sociais /  
Tuany Abreu de Moura. – 2022.  
110 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-  
Graduação em Sociologia, Fortaleza, 2022.  
Orientação: Prof. Dr. Antônio Cristian Saraiva Paiva.

1. Homens e masculinidades. 2. Paternidade ativa. 3. Disciplina ativa. 4. Redes sociais. I. Título.

CDD 301

---

TUANY ABREU DE MOURA

PATERNIDADES CONTEMPORÂNEAS: UM ESTUDO SOBRE PATERNIDADE  
“ATIVA” E “POSITIVA” NAS REDES SOCIAIS.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Sociologia.  
Área de concentração: Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Cristian Saraiva Paiva.

Aprovada em: 05/09/2022.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Antônio Cristian Saraiva Paiva (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará- UFC

---

Prof. Dr. Benedito Medrado-Dantas  
Universidade Federal de Pernambuco- UFPE

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Anna Paula Uziel  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Irllys Alencar Firme Barreira  
Universidade Federal do Ceará - UFC

À minha filha Laylah Maryah, que abriu as portas do meu mundo para outros universos.

## AGRADECIMENTOS

Agradecer é um gesto de reconhecer que não fazemos nada sozinhos, não podia ter chegado até aqui sem a minha família, amigas, professores, a quem sou imensamente grata. Mas, gostaria de ressaltar alguns nomes que influenciaram e tornaram viável a pesquisa apresentada nesse trabalho.

Assim, agradeço à minha filha Laylah Maryah Moura Gomes Damasceno, pois foi graças a sua chegada em minha vida que abriram as portas para experiências únicas e que pude descobrir os (des)caminhos do cuidado.

Sigo agradecendo à Francisco José Gomes Damasceno meu marido, companheiro e amado que tem se aventurado comigo nesses (des)caminhos que a parentalidade nos apresentou nos últimos anos e por estar sempre com seu olhar atento a cuidar de nós.

À minha irmã Natana Abreu de Moura que me acompanha desde que eu nasci e que estava ao meu lado quando descobri que estava gestando uma nova vida em meu ventre. Obrigada por ter estado ao meu lado no momento de choque na hora da descoberta, no choro e na alegria.

Gratidão é tudo que tenho a dedicar à Maria Eunice Pereira Damasceno, minha sogra, que nos últimos anos tem sido uma fortaleza a nos abrigar (minha família) do ritmo frenético do cotidiano com sua presença, apoio e carinho.

Ao meu orientador Antônio Cristian Saraiva Paiva pela confiança em meu trabalho e pela liberdade de me deixar errar e acertar no processo da investigação, dessa forma, pude amadurecer um pouco mais como pesquisadora.

Aqui preciso agradecer as amigas que conheci com a maternidade, pois nossas conversas, dúvidas, alegrias e trocas de experiências inspiraram a realização dessa pesquisa. Em especial a Gisela Prata e Karla Florentino.

À Teresa Cristina Esmeraldo Bezerra minha amiga que tinha a paciência de me escutar e me aconselhar por horas ao telefone sobre o processo de pesquisa.

Agradeço também a Camila Mota e a Hannah Jook pelo carinho e acolhimento que sempre tiveram comigo.

Agradeço a todos os pais que se dispuseram a conversar e contribuir com as reflexões desse trabalho.

Gratidão aos professores participantes da banca examinadora Anna Paula Uziel, Benedito Medrado-Dantas e Irllys Alencar Firme Barreira que de maneira crítica e assertiva contribuíram imensamente para o resultado da pesquisa.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal Do Ceará. A todos os seus profissionais e professores em especial Professora Dra. Geíza Mattos.

Agradeço ao Núcleo de Pesquisa sobre Sexualidades, Gênero e Subjetividade, em especial Raquel Mesquita e Gabriel Vicente.

À CAPES por incentivar a investigação que culminou neste trabalho.

Por fim agradeço a todos que de forma direta ou indireta contribuíram para que esta pesquisa fosse realizada. Obrigada!

Um homem chegou aos quarenta anos e assumiu a tristeza de não ter um filho. Estava sozinho, os seus amores haviam falhado e sentia que tudo lhe faltava pela metade, como se estivesse apenas metade dos olhos, [...]

[...] via-se metade ao espelho porque se via sem mais ninguém, carregado de ausências e de silêncios como os precipícios[...]. Para dentro do homem era um sem fim, e pouco ou nada lhe continha lhe servia de felicidade. Para dentro do homem o homem caía.

[...]Um dia, depois de ter comprado um grande boneco de pano que encontrou à venda numa feira, o Crisóstomo sentou-se no sofá abraçando-o.[...]

Abraçava o boneco e procurava pensar que seria como um filho de verdade[...]. afagava-lhe os cabelos enquanto fantasiava uma longa conversa[...]. Começava sempre as frases por dizer: sabes, meu filho. Era o que mais queria dizer. Queria dizer meu filho, como se a partir da pronúncia de tais palavras pudesse criar alguém (MÂE, 2016, p.19-20).

## RESUMO

Passadas duas décadas da “Conferência do Cairo” (1994) foi lançado o documento “Guia de Paternidad Activa para Padres”, em 2014, pelo Fundo da Nações Unidas para a Infância (UNICEF) no Chile. O conteúdo do guia enfatizava a construção de uma relação afetuosa entre pai e filho, por meio de uma criação que demonstrasse carinho e respeito pela criança. Ao pai não bastava ser responsável e participativo, mas ativo nos cuidados com as crianças, entendida como um sujeito de direitos. Esta dissertação buscou compreender a “paternidade ativa” entendida como uma das manifestações das paternidades contemporâneas. Essa paternidade teve as redes sociais *online* como principal espaço de visibilização e debates, geralmente realizados por produtores de conteúdo para demarcar uma prática de paternidade que participa ativamente na economia do cuidado dos filhos e do lar. Dessa maneira, propondo-se a dar uma educação embasada no respeito e empatia pela criança. Esta paternidade estabelece uma relação horizontal entre os integrantes da família. Divergindo da *paternidade tradicional*, identificada com os valores patriarcais que concebe o pai como *pai-provedor* e estabelece relações hierárquicas no seio familiar. Na investigação do fenômeno encontramos de forma central a reflexão sobre a masculinidade hegemônica ou tradicional e a reivindicação de masculinidades possíveis, além de um forte processo de psicologização das relações familiares marcada pela teoria do apego e a prática da disciplina positiva. O estudo foi realizado por meio da pesquisa bibliográfica e de campo ancoradas em uma abordagem qualitativa. O campo da pesquisa foi constituído pelas páginas e canais de redes sociais online de pais e influenciadores digitais produtores de conteúdos sobre *paternidade ativa* no período de 2018-2021. As incursões realizadas ao campo tiveram como inspiração o método etnográfico. Desse modo, houve a elaboração de diário de campo e banco de dados online para registrar as observações realizadas em imagens, áudios, vídeos e textos postados das redes analisadas. A hipótese que interpretamos a *paternidade ativa* repousa no processo de ressignificação do ser pai frente as mudanças da sociedade contemporânea embasada nos conceitos de liberdade, igualdade e individualização.

**Palavras-chave:** homens e masculinidades; paternidade ativa; disciplina positiva; redes sociais.

## ABSTRACT

Two decades after the “Cairo Conference” (1994) the document “Active Fatherhood Guideline” was launched in 2014 by the United Nations Children's Fund (UNICEF), in Chile. The content of the guide emphasized the construction of a caring relationship between father and child, through an upbringing that showed affection and respect for the child. It was not enough for the father to be simply responsible and participatory, but active in the care of the child, who are understood as a subject of rights. This dissertation aimed to understand “active fatherhood” as one of the manifestations of contemporary paternities. This fatherhood had the social media as the main space for visibility and debates, which are usually carried out by content producers to mark a fatherhood practice that actively participates in the economy of childcare and household. Thus, proposing to provide an education based on respect and empathy for the child. This fatherhood establishes a horizontal relationship among family members. It diverges from the traditional fatherhood that is identified with patriarchal values, which conceives the father as a provider and establishes hierarchical relationships within a family. In the investigation of the phenomenon we find centrally the reflection about hegemonic or traditional masculinity and the reinvalidation of possible masculinities. Furthermore it was identified a strong process of psychologization of family relations marked by the attachment theory and the practice of positive discipline. The study was carried out through bibliographic and field research anchored in a qualitative approach. The research field was constituted on social media pages, channels of fathers and digital influencers, who was producing content on active fatherhood over a period of time, from 2018 to 2021. The fieldwork was inspired by the ethnographic method. Thus, there was the elaboration of a field diary and an online database to record the observations made in images, audios, videos, and texts posted from the social media analyzed. We interpreted the hypothesis that an active fatherhood rests on the process of re-signification of being a father facing the changes in contemporary society, which it is based on the concepts of freedom, equality, and individualization.

**Keywords:** men and masculinities; active fatherhood; positive discipline; social media

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Biografia do perfil do Instituto Mãe do corpo – 2015.....	22
Figura 2 – Encarte de divulgação primeiro encontro Movimento Materno – 2015.....	23
Figura 3 – Divulgação do Movimento Materno – 2015.....	24
Figura 4 – Encarte de divulgação Movimento Materno mês de ago./2015.....	24
Figura 5 – Encartes de divulgação de encontros do Movimento Materno.....	25
Figura 6 – Encarte de divulgação segundo encontro do Movimento Paterno jul./2016.....	27
Quadro 1 – Conteúdo dos encontros do movimento paterno.....	28
Figura 7 – Encarte de divulgação Movimento Paterno outubro/2017.....	30
Figura 8 – Biografia do @paizinho, vírgula no <i>Instagram</i> .....	40
Figura 9 – Biografia do perfil @otadeufranca.....	40
Figura 10 – Biografia e teclas de interação, perfil @paternidadepositiva.....	41
Figura 11 – <i>Feed</i> do Instagram @afropai.....	42
Figura 12 – <i>Feed</i> da página @homempaterno.....	42
Figura 13 – Postagem no feed e Interação pelo Instagram.....	43
Figura 14 – Descrição.....	43
Quadro 2 – Quadro de perfis selecionados na plataforma <i>Instagram</i> .....	46
Figura 15 – Página do canal Paizinho, vírgula na plataforma YouTube.....	48
Figura 16 – Página do perfil do AfroPai na plataforma <i>Spotify</i> .....	50
Figura 17 – Página podcast Tricô de Pais – <i>Spotify</i> .....	51
Figura 18 – Biografia Completa – disponível em aba extra.....	53
Quadro 3 – Linha do tempo.....	62
Figura 19 – #Paiscontraomachismo.....	69
Figura 20 – Descrição contextualizando a imagem.....	69
Figura 21 – Posicionamento, ruptura geracional.....	79
Figura 22 – O lugar dos homens na gestação.....	83
Figura 23 – Críticas.....	85
Figura 24 – Super pai?.....	86
Figura 25 – Dia dos pães?.....	86
Figura 26 – Maturidade emocional!.....	90
Figura 27 – simplesmente pai.....	100
Figura 28 - Diversidade na Paternidade.....	101

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>DO ESTRANHAMENTO DO COTIDIANO AO COTIDIANO DA PESQUISA.....</b>	<b>16</b>
<b>2.1</b>	<b>Caminhos e conexões da investigação.....</b>	<b>21</b>
<b>2.1.1</b>	<b><i>A Internet.....</i></b>	<b>33</b>
<b>2.2</b>	<b>Definindo o campo e os sujeitos da pesquisa.....</b>	<b>38</b>
<b>2.2.1</b>	<b><i>Instagram: ponto de partida.....</i></b>	<b>39</b>
<b>2.2.2</b>	<b><i>YouTube: transitando.....</i></b>	<b>47</b>
<b>2.2.3</b>	<b><i>Transitando chegamos a podosfera.....</i></b>	<b>49</b>
<b>2.3</b>	<b>Trançando a rede: métodos e técnicas.....</b>	<b>51</b>
<b>3</b>	<b>TRANSFORMAÇÕES NO LAÇO SOCIAL: PATERNIDADES ADJETIVADAS.....</b>	<b>55</b>
<b>3.1</b>	<b>De família à Famílias: pluralização e individualização.....</b>	<b>55</b>
<b>3.2</b>	<b>Reflexões sobre as Paternidades Contemporâneas: da paternidade responsável à paternidade ativa.....</b>	<b>60</b>
<b>3.3</b>	<b>“Ninguém nasce homem, torna-se homem” .....</b>	<b>68</b>
<b>4</b>	<b>PATERNIDADE ATIVA NAS REDES SOCIAIS: elementos constitutivos.....</b>	<b>76</b>
<b>4.1</b>	<b>Gestação, parto e pós-parto.....</b>	<b>81</b>
<b>4.2</b>	<b>O “pai que ajuda” e o “pai que cuida” .....</b>	<b>84</b>
<b>4.3</b>	<b>Paternidade participativa, ativa e positiva: percorrendo a trilha das novas paternidades, o caminho do meio como resposta.....</b>	<b>88</b>
<b>4.4</b>	<b>Problematizando a paternidade ativa e positiva nas redes sociais: simplesmente pai.....</b>	<b>97</b>
<b>4.5</b>	<b>Dia dos pais – dia de desconstrução.....</b>	<b>100</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>103</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>106</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O ideal da paternidade que vem sendo proposta e (re)construída em documentos de entidades internacionais e nacionais, influenciadas por movimentos sociais, nas últimas décadas do século XX encontra nas primeiras décadas do século XXI com as redes sociais em um contexto neoliberal, que vem construindo novas subjetividades. O que podemos esperar desse encontro?

Em 1994 aconteceu no Cairo a “Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento” (CIPD), organizada pela Organização Mundial das Nações Unidas (ONU). O documento produto desse encontro entre os países signatários da ONU foi um marco legal e institucional do debate que já vinha sendo feito, desde 1970, na academia sobre os direitos reprodutivos partindo de uma perspectiva feminista, que presa pela igualdade de gênero na questão da reprodução (MEDRADO, LYRA, 2012).

O homem e as masculinidades entraram nos diálogos sobre a reprodução da vida nas diferentes áreas do conhecimento. Nos estudos das ciências sociais e humanas começou a falar do surgimento de uma nova paternidade, que passa a estabelecer novos valores para o lugar de pai (GOMES; RESENDE, 2004).

Essa nova paternidade foi ganhando contornos e passou a ser adjetivada, a paternidade *responsável*. O qualificativo responsável foi atribuído ao paterno após a “conferência do Cairo” (ARILHA, 1999). O adjetivo “institucional” marcou o primeiro passo para a desconstrução da *paternidade tradicional*. Esse primeiro momento é marcado por iniciativas do Estado, por meio de políticas e movimentos sociais (governos e sociedade civil organizada).

Uma década passadas da “Conferência do Cairo”, em 2014 o documento “Guia de Paternidad Activa para Padres<sup>1</sup>” foi lançado pelo Fundo da Nações Unidas para a Infância (UNICEF) no Chile. O conteúdo do guia enfatizava a construção de uma relação afetuosa entre pai e filho, por meio de uma criação que demonstrasse carinho e respeito pela criança. Ao pai não bastava ser responsável e participativo, mas ativo nos cuidados com a criança, entendida como um sujeito de direitos.

Apesar de ter sido lançado em espanhol sem traduções em uma parceria da UNICEF com instituições Chilenas ele não permaneceu restrito ao território do país. Esse documento teve repercussões internacionais com o acesso facilitado pelo desenvolvimento da

---

<sup>1</sup> Guia da Paternidade Ativa para Pais, tradução da autora.

tecnologia da informação, nas últimas décadas, que tornou possível a popularização da internet que conecta máquinas e pessoas pelo mundo.

No Brasil o termo ganhou popularidade a partir de 2015 nas redes sociais on-line estabelecidas em plataformas de empresas multinacionais (D'ANDREA, 2020). No Instagram, Youtube, blogs e posteriormente na podosfera homens que encontraram nas redes um espaço para compartilhar o momento de transformação que a paternidade lhe proporcionara, compartilhavam a descoberta da *paternidade ativa*.

Inicialmente compartilhando descobertas e trocando experiências cotidianas com quem se tivesse interesse ou estivesse no mesmo processo, descobrindo como ser pai e revisitando sua forma de ser homem, ao ser cobrado demonstrar amor e carinho e se colocar em lugar de igualdade no cuidado dos filhos com as companheiras.

Mas o fundamento da *paternidade ativa* que é a demonstração de afeto e amor encontrou nas redes um terreno fértil, uma porta para explorar além de novas sociabilidades e partilha de experiências em enorme escala de pessoas, também possibilitou a exploração de novos mercados.

Pois, as redes sociais que passaram a disseminar a *paternidade ativa* se alimentam dos sentimentos, da vida, do cotidiano das pessoas comuns e as tornam em mercadorias dentro das construções de subjetividades neoliberais. Ao falar sobre *paternidade ativa*, algo ainda recente, perfis de homens nas redes passaram a ter “visibilidade” e “autoridade” (RECUERO, 2020) produzindo conteúdo de forma profissional e obtendo ganhos materiais com parcerias e vendas de cursos, pelo “engajamento” que tinham sobre o mercado que se abria.

A *paternidade ativa* passou a ser defendida e divulgada por perfis de homens que se apropriavam de seu conteúdo e compartilhavam nas redes, diferente da *paternidade responsável* que tinha os Governos e Instituições da sociedade civil organizada como seus principais expoentes.

A *paternidade ativa* produzida nas redes pelos perfis de homens que produzem sobre a temática aponta que esta deve começar com participação do homem já no período gestacional. Os princípios que regem e orientam os pais ativos em suas relações cotidianas familiares devem ser a liberdade, igualdade e amor.

Estes para serem postos em práticas mantem uma íntima relação com a psicologia ou melhor com conhecimentos psicológicos transformados em guias práticos e ferramentas. A disciplina positiva (NELSEN, 2015) é amplamente divulgada como respostas as demandas dos pais ativos que visam seguir os princípios apresentados acima.

A aproximação com correntes psicológicas e conhecimentos da neurociência sobre como os hormônios influenciam no desenvolvimento e comportamento das crianças, o apelo ao uso da inteligência emocional e mesmo o uso da prática da Comunicação Não-Violenta- CNV (ROSENBERG, 2006) na educação e criação dos filhos, marca a ruptura que a *paternidade ativa* estabeleceu com os ensinamentos e modos de cuidar das gerações de pais anteriores.

Frente a esse caldeirão de mudanças socioculturais contemporâneas de formas de sociabilidades intermediadas pela internet, de disputas de desconstrução e construção de masculinidades e famílias, buscamos compreender *paternidade ativa* por meio dos produtores de conteúdo sobre a temática nas redes sociais.

Buscamos ao longo do trabalho responder as seguintes questões. Quem são os sujeitos que estão produzindo sobre a *paternidade ativa* nas redes sociais? Como os produtores de conteúdo definem e caracterizam a *paternidade ativa*? Quais os elementos que a constitui?

No segundo capítulo deste trabalho intitulado: **DO ESTRANHAMENTO DO COTIDIANO AO COTIDIANO DA PESQUISA** o leitor irá encontrar uma apresentação do percurso metodológico traçado para a realização da pesquisa, por meio de uma descrição das descobertas do objeto aos caminhos percorridos que nos levaram ao principal campo de análise que foram as redes sociais: Instagram, Youtube e Spotify.

Além, de uma apresentação dos sujeitos entrevistados. De modo geral, inicialmente o perfil predominantemente entre os pais produtores de conteúdo era de homens, brancos, de classe média e cisgênero com relações heterossexuais, no decorrer da pesquisa o perfil passa a se tornar mais plural, em relação a raça, com a entrada de pais pretos produzindo sobre a *paternidade ativa* e *paternidade preta*.

No terceiro capítulo designado: **TRANSFORMAÇÕES NO LAÇO SOCIAL: PATERNIDADES ADJETIVADAS**, cruzamos os dados encontrados em campo com a os resultados da pesquisa bibliográfica. Nesse capítulo foram trabalhadas as principais transformações sociais que influenciaram nas organizações familiares e na compreensão da categoria gênero com recorte das masculinidades.

Buscando estabelecer uma conexão entre as transformações estruturais e subjetivas, considerando os cenários nos quais emergiram as novas configurações das paternidades contemporâneas, demarcamos os diferentes adjetivos associados ao termo paternidade nas últimas décadas e compreendemos que cada um deles marca um diferente momento do que é solicitado socialmente da compreensão de pai e paternidade.

O capítulo quatro nomeado: **PATERNIDADE ATIVA NAS REDES SOCIAIS: elementos constitutivos**, tivemos o esforço de apresentar as principais características e críticas da *paternidade ativa* produzida nas redes sociais, pelos próprios sujeitos do campo.

Como características destacamos a utilização da “disciplina positiva” como um facilitador do princípio de educar com afetividade presente na *paternidade ativa*; o princípio de igualdade nas relações de gênero com debates sobre desconstrução de machismos a possibilidade de outras masculinidades.

Como crítica que essas características propiciaram a compilação de um conhecimento que passou a ser mercantilizado. A ênfase da paternidade ativa deixa de ser a demonstração de afeto, mas apreensão de técnicas e ferramentas adquiridas em cursos e consultorias que abre as portas para o conceito da “família empresa”, fixada em rotinas e métodos, apesar de o discurso uníssono entre os produtores de conteúdos de que não existe uma receita única para a educação.

A crítica revela nuances na forma de compreensão da *paternidade ativa* e na forma da sua mercantilização entre os produtores de conteúdos, tendo aqueles que assumem a *paternidade ativa*, na perspectiva de uma subjetividade deliberadamente neoliberal que parte de duas justificativas: uma o desenvolvimento da criança em primeiro lugar, para atender a demanda das mudanças sociais inclusive no mercado de trabalho futuro; a segunda segue a lógica que mudando a mim e minha família estou contribuindo para que possa haver uma transformação no social. Estes investem mais na comercializam de infoprodutos, cursos e consultorias.

E existem aqueles produtores que conseguem extrapolar, em partes a noção de mercado, que apostam em conteúdo que levantem pautas sociais amplas como as de gênero e raça por exemplo. Esses produtores investem em financiamentos coletivos para manter a autonomia do conteúdo postado, mas também comercializam infoprodutos, realizam parcerias com empresas e alguns prestam consultorias.

No entanto, apesar das sutis diferenças que pode passar despercebidas ao olhar apressado entre os produtores de conteúdos, todos estão ancorados em plataformas que tem seus próprios mecanismos de funcionamento e suas próprias regras, então de forma generalizada todos evitam temas que possam gerar rejeição nas redes, e conseqüentemente a perda de seguidores e de autoridade, temas tabus ainda na sociedade como o aborto, não estão presentes em nenhuma conta apesar da igualdade de gênero ser uma das principais características da paternidade analisada.

Nas **Considerações finais**, resgatamos nossos principais objetivos da pesquisa realçando as respostas dadas ao longo de cada capítulo as perguntas feitas inicialmente pela pesquisa. No capítulo final do trabalho, sustentamos a compreensão que foi o fio condutor da reflexão geral presente no texto, que a *paternidade ativa* é mais um marco na busca pela ressignificação do que é ser pai e qual é o seu lugar no exercício da paternidade dentro das famílias contemporâneas.

E sendo mais um marco não se finda com esse trabalho, mas abre portas para outros estudos que enfoque outros aspectos desse fenômeno multifacetado. Aspectos como recorte de raça, gênero (pensando a gestação de homens trans ou a parentalidade de pessoas não-binária), classe levando consideração as questões que envolvem o mundo do trabalho foram pontos encontrados no decorrer da pesquisa como passíveis de investigação.

## **2 DO ESTRANHAMENTO DO COTIDIANO AO COTIDIANO DA PESQUISA**

Começo essa escrita compartilhando o caminho que percorri até chegar ao objeto de investigação deste trabalho e como a maternidade me aproximou dos interlocutores da pesquisa, pois afinal falar de paternidades, maternidades e parentalidade é falar de filhos. Dessa forma, apresento brevemente meu relato de parto, prática comum no universo pesquisado, assim como o processo de tornar-se responsável pela criação de outro ser humano em tempo integral.

No dia dois de maio de 2014 à meia noite e dezesseis minutos nasceu minha primeira e única filha, medindo cinquenta centímetros e pesando três quilos e duzentos e cinco gramas. Dez horas de trabalho de parto antecederam sua chegada. Seu parto foi “normal” e “humanizado”, passei a maior parte do tempo sentindo as intensas dores e contrações em casa, no meu quarto, acompanhada pelo meu marido e somente as últimas três horas finais do parto se passaram no hospital.

Havia sido orientada pela ginecologista obstetra que me acompanhara no pré-natal que eu não deveria ir logo nas primeiras contrações para o hospital, pois assim que chegasse teriam que iniciar os protocolos, que indicam a realização do exame do toque<sup>2</sup> a cada duas

---

<sup>2</sup> O exame tem como objetivo verificar a dilatação do colo do útero durante o parto é feito a partir da colocação de dois dedos do obstetra no canal vaginal para avaliar o colo do útero, o que pode causar desconforto em algumas mulheres. A prática desse exame esta sendo revisitada por alguns profissionais que descartam sua necessidade.

horas, e que muitas mulheres reclamavam da dor ou incomodo que esse exame causa. Me aconselhou a passar as primeiras horas em casa, exceto se a bolsa rompesse aí deveria ir imediatamente ao hospital, que não foi o caso.

Chegando à maternidade pública fui encaminhada a sala de parto que era equipada com aparelhos para exercícios e um banheiro. Pouco tempo depois, chegou uma profissional que se apresentou como uma doula e que iria me acompanhar até o fim do parto<sup>3</sup>. Ela me propôs tomar banho e depois foi me indicando exercícios que fazia entre uma contração e outra até o momento do nascimento da minha filha, quando ela nasceu a colocaram em meus braços ainda com o cordão umbilical. Cansada, suada, com uma mistura de sentimentos que não consigo descrever olhava para ela pela primeira vez em meus braços.

No entanto, antes mesmo de nascer ela já era o motivo de inúmeras mudanças em meu corpo, mente e relações sociais. Com o seu nascimento e crescimento vinham novas descobertas sobre ela e sobre mim e meu corpo, e na nova relação a três, a cada nova fase de seu desenvolvimento e aprendizagens traziam sempre novidades para ela e para todos que estavam envolvidos com seu cuidado, um universo novo se abria e se expandia rapidamente para a minha família.

Na busca de compreender esse novo lugar que habitava, o lugar de mãe, passei a estudar e ler sobre a gestação, sobre saúde, cuidados com o bebê, alimentação, educação etc. Nessa procura passei a seguir perfis em redes sociais na internet de mães, pais e profissionais (pediatras, psicólogos, psicopedagogos, nutricionistas) que falasse sobre parto, cuidado, sono, amamentação, birra, desfralde... entre tantos outros assuntos dos desafios cotidianos na criação e educação de filhos na atualidade.

Um dos marcos da minha geração, comparada com a da minha mãe é a relação íntima e quase automática de buscar conhecimentos na internet, seja em artigos científicos em revistas online, blogs ou nas redes sociais, essa última fonte geralmente com pessoas que estejam vivendo a mesma situação que se deseja saber mais ou com um profissional, a orientação com as pessoas mais velhas ou parentes fica em segundo plano ou nem existe a procura devido possíveis divergências.

Frequentando as redes sociais por volta de 2015 seguindo perfis vinculados com a maternidade ou criação de crianças no *Facebook*, *YouTube*, *Instagram* e *blogs* percebi que alguns temas sobre maternidade, paternidade e parentalidade começaram a pautar discussões

---

<sup>3</sup> Nesse contexto vigorava o programa Rede Cegonha.

nessas redes, gerando textões<sup>4</sup> e posicionamentos de usuários e pessoas públicas em páginas na web, vídeos no *YouTube*, e até ocupando espaços em conferências como no modelo do TEDx<sup>5</sup>.

Sobre a maternidade uma postagem feita no *Facebook* rapidamente ganhou a rede e causou muita controvérsia, pois um desafio que circulava entre as usuárias que consistia em: postar uma foto exercendo alguma atividade que representasse a alegria da maternidade, foi quebrado quando uma usuária da rede fez uma postagem em que se negava a participar. “Ela assim escreveu, abrindo um longo depoimento: “Desafio NÃO aceito! Me recuso a ser mais uma ferramenta para iludir outras mulheres de que a maternidade é um mar de rosas e que toda mulher nasceu para desempenhar esse papel” (CAVALCANTE, 2017, p.2).

A repercussão do posicionamento foi imediata, centenas de pessoas se desagradaram com seu depoimento e a usuária teve sua conta suspensa, pois foi denunciada por outros usuários e saiu do ar (CAVALCANTE, 2017). No entanto, outras tantas a apoiaram, e, desta forma, o debate estava aberto e logo a frase: “amo meu filho, mas odeio ser mãe” passou a ser dita e divulgada em falas de redes sociais, materiais de jornais e revistas sobre o tema, e até mesma inspiração para investigações acadêmicas (CAVALCANTE, 2017; SOUZA, 2019; DONATH, 2017; ARANHA, SILVA, 2020).

A problematização da relação mulher e a maternidade, foi pauta de estudos já consagrados clássicos dentro das epistemologias feministas a exemplo da autora Elisabeth Bandinter em sua obra, *Um amor conquistado: o mito do amor materno* e de Nancy Chodorow na obra *a psicanálise da maternidade: uma crítica a Freud a partir da mulher*. Esses estudos em geral comprovam que o amor materno não é algo natural ou biológico, mas uma construção social.

Se continuarmos pensando junto a produção feminista, constatamos que o amor materno é uma construção social marcada por categorias como raça e classe como apresentou bell hooks em seu livro, *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Na obra a autora defende a pluralidade do olhar sobre a relação mulher-mãe.

O debate, no entanto, saiu da academia e agora acontecia na mídia de massa por meio da internet, protagonizado por mulheres que compartilhavam o que viviam e se negavam

---

<sup>4</sup> Textão é uma expressão utilizada por usuários do Instagram e Facebook quando vão escrever um texto longo para se posicionar sobre algum assunto, que geralmente causa algum tipo de polêmica.

<sup>5</sup> O termo TED é a sigla de Tecnologia, Entretenimento e Design que foram as principais ideias da primeira edição nos Estados Unidos em 1984. TED é uma organização sem fins lucrativos que tem como objetivo a realização de eventos com exposição rápida de ideias inovadoras são os chamados TEDtalks. Em 2002 a Fundação Sapling passou a coordenar as atividades diversificando os temas e viabilizando o acesso aos eventos gravados pela internet. A TED é a organização central que fica restrita a sua atuação nos EUA e Canadá os TEDx são eventos que a TED auxilia com parcerias regionais para que o evento ganhe capilaridade em outras regiões do globo. Informações retiradas do site da organização <<https://www.moblee.com.br/blog/tedx-modelo-de-conferencias/>>.

a perpetuar um modelo de maternidade tradicional que era cobrado pela sociedade de forma romântica e quase religiosa “de padecer no paraíso”.

Diferentes mulheres, mulheres comuns ou influenciadoras e blogueiras digitais que ocupavam as redes sociais com falas apoiadas direta ou indiretamente em reflexões realizadas pelos movimentos feministas, reclamavam igualdade e menos controle social sobre o corpo grávido e materno, queriam desromantizar a maternidade e assim surgiu a dualidade nos relatos: “maternidade ideal” x “maternidade real”.

Em um movimento de questionamento e proposições nas redes sociais as mães relatavam em sua maior parte que não queriam ocupar um lugar na maternidade como era cobrado das gerações anteriores de se doar por inteira, se abdicar e ser cobrada socialmente por um ideal de mãe que elas não concordavam ou sequer queriam para si, sem ao menos poder reclamarem, pois quando o faziam eram acusadas de não amarem seus filhos. Essa movimentação das redes indica que existe uma reivindicação de mulheres para inaugurar a possibilidade de criar seu próprio jeito ou “ideal” de ser mãe.

Nessa toada, outro termo foi se popularizando nos *posts* em redes sociais, o seguinte: “mãe solo”. Na busca de demarcar a pluralidade dos modelos familiares o nome “mãe solo” passou a ser utilizado por mulheres em famílias monoparentais em detrimento da popular “mãe solteira”, que além de poder ser utilizado de forma pejorativa, também se refere a concepção de que não se pode ser mãe sem necessariamente imaginar um outro, um homem, apontando sempre uma incompletude nesse modelo de família e realizando uma alusão normativa do modelo da velha família nuclear, hétero e patriarcal. (SILVA, 2020; UZIEL, 2007). Atualmente nas redes existem homens que usam o termo pai solo.

Concomitantemente a esses debates acerca da maternidade que identificava nos perfis das mães que eu seguia, nos perfis de homens /pais, que acompanhava nascia a discussão sobre um “novo jeito de ser pai”. Os homens expunham dois pontos de forma geral para a construção de suas paternidades. Um deles era a relação com os seus pais que era em maioria problemática ou inexistente seja, pela ausência física propriamente dita: o abandono paterno, ou seja, pela ausência e distanciamento sentimental, mesmo o pai estando presente e assim reclamavam um abandono (CORNEAU, 2015).

Eu não conheci meu pai biológico<sup>6</sup> (Marcos Piangers).  
Eu me tornei pai sem ter um pai. [...]Eu Nunca mais vi meu pai desde os 16 anos  
(QUEIROZ, 2018, p.8).

---

<sup>6</sup> Trecho retirado da palestra realizada por Marcos Piangers no Tedx intitulada: Ser pai é maravilhoso! Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=t-xxamVY8nQ>> . Acessado em 25.02.2020

Falar de paternidade e negritude para muita gente significa ausência. (Diego, trecho retirado do podcast afropai episódio 002 intitulado: Para não fugir da raia. Jun. de 2018)

Esses homens apontavam que buscavam em sua paternidade serem diferentes dos *pais tradicionais* e rejeitavam a posição de um *pai patriarcal provedor*. Reivindicavam ser um pai como o que eles não tiveram e desejavam se permitir sentir sentimentos até então negados para eles como homens. Queriam participar da criação de seus filhos.

O outro ponto destacado pelos homens que produzem conteúdos sobre paternidade e cuidado na internet é a relação paternidade com as transformações que os feminismos geraram nas relações familiares, como Diego um dos integrantes do Podcast AfroPai afirma, durante o episódio dois que tem por título: para não fugir da raia, em que os integrantes conversam sobre o momento de descoberta da gravidez de suas companheiras;

Acho que a gente acaba tendo uma visão bem bacana sobre a paternidade, sobre todo esse processo inclusive sobre a própria emancipação, eu sempre digo, que a gente hoje afirmar esse processo da paternidade tem muito haver com o resultado né do movimento feminista desse novo lugar da mulher e que enfim, inclusive sobre a própria emancipação, eu sempre digo que a gente hoje afirmar esse processo da paternidade tem muito haver com o resultado do movimento feminista, esse novo lugar da mulher e que faz também repensar o nosso lugar (Trecho do episódio 002: Para não fugir da raia. Postado em jun. de 2018).

Esse comentário é reforçado em conteúdo de perfis de pais que foram surgindo na internet para falar de paternidade de forma cuidadosa afetiva e não somente engraçada ou desajeitada. Nos perfis encontramos depoimentos sobre o processo de transformação para a paternidade ativa, contam que no início ao descobrirem que seriam pais pensavam exatamente como o imaginário popular sobre pai, e a partir de agora vou ter que trabalhar mais, que a transformação para a paternidade que participa do cuidado não é indicada pelos pais como uma vontade inata e espontânea e sim como um processo de mudança.

Nas histórias de vida que acompanhei a transformação vem mediada por um processo de desconstrução de paradigmas sociais patriarcais, que muitas vezes vem a preço de crises conjugais e demandas cotidianas que inicialmente geram desconfortos, mas que é o começo da mudança.

Em 2015 o publicitário e produtor de conteúdos Marcos Piangers<sup>7</sup> (atualmente com 1,1 milhão de seguidores no Instagram) lançou seu primeiro livro o **Papai é Pop** que vendeu 300 mil cópias em diferentes países como Portugal, Inglaterra e Espanha, e em 2016 lançou seu

---

<sup>7</sup> Ver mais em: site < <https://piangers.com/>>, <<https://www.youtube.com/c/piangers>>, <<https://www.instagram.com/piangers/>>

segundo livro **O papai é Pop 2**. Os principais temas abordados em seus escritos são a demonstração de sentimentos e as paternidades, seus textos trazem experiências cotidianas de afetos familiares.

Neste mesmo período, outro canal começava no *YouTube* o canal **Paizinho, Vírgula**, criado pelo produtor de conteúdo e engenheiro Tiago Queiroz <sup>8</sup> (atualmente tem 80,3 mil inscritos no canal do *YouTube* e 168 mil seguidores no *Instagram*), os temas paternidade ativa, criação com apego e disciplina positiva são os eixos que estruturam em geral suas postagens sobre os cuidados dos filhos e o lugar que o pai deve ocupar na família.

Essas discussões da *maternidade real x maternidade ideal*, de *maternagem e paternagem*, pais falando sobre sentimentos e cuidados aconteciam nas redes e eu acompanhava na época o que acontecia como uma mãe curiosa, que ainda tentava entender o universo que se abria para mim com a maternidade e buscando o meu caminho.

O despertar para tornar o universo que desvendava aos poucos com a maternidade em objeto de investigação científica, veio durante uma conversa informal com uma amiga que conheci depois que me tornei mãe, em uma conversa em tom de desabafo ela me narrou suas múltiplas jornadas diárias, revelando-me sua solidão nos afazeres domésticos e no cuidado com os filhos, sua exaustão física e psicológica, ocasionada por essa solidão.

Junto a esse relato acrescentou ainda que quando solicitava mais colaboração do marido acabava se desgastando com discussões, pois o mesmo não conseguia se envolver de forma efetiva na dinâmica familiar, nem perceber a sobrecarga de trabalho vivenciada no cotidiano da esposa e o relacionamento do casal estava ficando desgastado. Como solução para seu problema ela mencionou a seguinte frase: [...] “tenho que me convencer que sou mãe solteira, mesmo estando casada, se eu quiser manter meu casamento” (SIC).

Por meio desta narrativa, passei a me questionar: qual o lugar que o homem ocupa dentro do âmbito familiar no cenário contemporâneo? Depois dessa conversa fui analisar a situação narrada e percebi que ela expressa um problema coletivo. Pesquisas realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2019) e divulgadas na imprensa indicam que as mulheres cuidam mais de pessoas (crianças e idosos) e gastam o dobro do tempo que os homens em trabalhos domésticos.

A resposta estava dada, como as mulheres ainda são as principais responsáveis pelo tempo dedicado ao cuidado e gerenciamento domiciliar os homens ocupam a ausência deste lugar e isto se reflete em sobrecarga para as mulheres, pois ocupam o lugar do cuidado. Desta

---

<sup>8</sup> Ver mais em <<https://www.youtube.com/c/paizinhovirgula>>, <<https://www.instagram.com/paizinhovirgulaoficial/>>

forma, resolve focar meu olhar para os homens, e entender e visibilizar o lugar da ausência que ainda requeria investigação.

É possível afirmar que a relativa indiferença ou desobrigação que homens costumam manter em relação às demandas domésticas e de cuidados com crianças e idosos tem raízes históricas em nossa sociedade (ALMEIDA, 1987), pois esta apresenta traços profundos de patriarcalismo e machismo, que estabelecem hierarquias e desigualdades entre os gêneros e intra gênero (CONNELL, 1995), ou seja, na base desta questão social encontramos as desigualdades de gênero, como um fator estruturante.

No entanto, durante a pesquisa exploratória e acompanhamento nas redes sociais identifiquei iniciativas aparentemente dissonantes e questionadoras do padrão tradicional que o homem/pai ocupa no âmbito familiar e social no cenário atual das masculinidades e paternidades como dito acima. Assim, o objeto deste estudo considera os cenários nos quais emergem novas configurações das paternidades e masculinidades, e em comum com os autores Gomes e Resende;

queremos encontrar a paternidade que acolhe e convive com o processo de transformações em marcha: o pai que transita entre valores novos e arcaicos. Questionam-se o silêncio e o distanciamento impostos por determinações culturais, através de várias gerações (GOMES; REZENDE, 2004, p.120).

Assim iniciei minha jornada pelos estudos das paternidades contemporâneas. Na investigação preliminar nas redes sociais percebi que o termo *paternidade ativa* apareceu como uma palavra-chave para a compreensão de um novo modelo de ser pai, sendo muito utilizado por pais produtores de conteúdos e influenciadores digitais no Brasil.

Nos vídeos gravados ou em falas em lives<sup>9</sup> e eventos online o termo era utilizado para denominar os pais que estão em nível de igualdade com as mães nas tarefas domésticas e nos cuidados com as crianças, diferenciando-se da paternidade “tradicional” ou “patriarcal”, na qual a figura masculina ocupa o lugar de *pai-provedor* ou daquele que “ajuda”.

Investigar a *Paternidade Ativa* se fez imperativo para compreender o “novo” lugar que o masculino busca ocupar dentro da economia do cuidado familiar recentemente. Esse universo que acessei quando entrei na maternidade com um olhar curioso de mãe se tornou meu objeto de investigação que observei com o olhar atencioso e curioso de pesquisadora.

## 2.1 Caminhos e conexões da investigação

---

<sup>9</sup> Um recurso de vídeo ao vivo do aplicativo Instagram com duração média de uma hora, que o usuário e dono da conta pode fazer sozinho ou com convidados e pode ser público para os seguidores poderem assistir e interagir por meio do chat ao vivo.

Os perfis de pais que eu seguia nas redes sociais que produziam sobre *Paternidade Ativa* (P.A) se concentravam em sua maioria nas regiões sudeste e sul do país. Não havia nenhuma conta com expressividade em números de seguidores nas redes que representasse o Nordeste e nenhum nome de expressividade do Ceará.

Dessa forma, inicialmente a pesquisa tinha como proposta investigar as novas expressões de paternidade(s) que surgem na contemporaneidade, por meio das narrativas de homens que aderiam à chamada *Paternidade Ativa* na cidade de Fortaleza<sup>10</sup> no estado do Ceará. Nesta perspectiva, a pesquisa tinha como propósito descobrir: Qual o perfil dos homens que aderiam ao modelo da paternidade ativa na cidade de Fortaleza? Como a experiência da paternidade estava sendo compreendida e discutida por pais que praticavam a “paternidade ativa” ou atos de “paternagem” no contexto local? Em que sentido a paternidade ativa redefine construções hegemônicas sobre a masculinidade? Há relação entre as novas paternidades e as transformações nas famílias contemporâneas?

De imediato pude identificar iniciativas pontuais de pais que se organizavam e estudavam sobre a paternidade “ativa”, assim como havia percebido no meio virtual. Em Fortaleza encontrei o chamado *Movimento Paterno*<sup>11</sup> que segundo seu organizador surgiu de uma provocação de um outro movimento que sua esposa participava denominado *Movimento Materno*.

A utilização da nomenclatura *movimento* no nome dos grupos gerou estranhamento, pois nesse contexto a ideia não se caracteriza um movimento social em seus moldes clássicos: ações sociais coletivas que expressam demandas de uma população, e que tem caráter político e cultural como nos apresentou a socióloga Maria da Glória Gonh em seus escritos.

Os grupos chamados de *Movimento Materno* e *Movimento Paterno* eram reuniões organizadas por uma instituição particular denominada Instituto Mãe do corpo. Que possui o seguinte perfil no *Instagram*:

Figura 1 – biografia do perfil do Instituto Mãe do corpo

---

<sup>11</sup> Grupo de pais que se reuniam periodicamente em bares, churrascarias ou restaurantes de Fortaleza para debaterem sobre paternidade ativa, puerpério e temas relacionados a paternidade ativa.



Fonte: print realizado pela autora na rede social Instagram @maedocorpo, Fortaleza, 2020.

Segundo o conteúdo encontrado, em sua página pública disponível na rede social citada acima, a referida instituição oferta e comercializa cursos para a formação de doulas e para casais gestantes que se preparam para o parto, também realiza parcerias com empresas. Em seu conteúdo há uma presença na defesa do parto natural e humanizado e a maternidade ativa. Cursos ou conteúdos de práticas de medicina integrativa e homeopáticas também foram encontrados em posts da página.

O único evento gratuito promovido pela empresa são as reuniões dos chamados *Movimento Materno* e *Movimento Paterno*. Esses são eventos organizados e divulgados pela instituição aberto ao público em geral, e não somente a seus clientes. Dentro da lógica de mercado podemos entender esses eventos como uma demonstração de seus produtos e um marketing que se adequam aos objetivos da empresa. Pois são eventos organizados pela instituição e mediados por pessoas indicadas pela instituição aberto ao público.

Ao analisar mais de perto a página da instituição identificamos que o *Movimento Materno* foi o primeiro a ser publicizado na página em um momento pouco posterior ao da inauguração da empresa na cidade de Fortaleza. Segue os dois primeiros encartes apresentados na página do Instagram convidando o público para participação do evento aberto e gratuito,

Figura 2 – Encarte de divulgação primeiro encontro Movimento Materno - 2015



Fonte: print realizado pela autora na rede social Instagram @maedocorpo, Fortaleza, 2020.

Figura 3 – Divulgação do Movimento Materno -2015



Fonte: print realizado pela autora na rede social Instagram @maedocorpo, Fortaleza, 2020.

O primeiro chamamento para o grupo ocorreu como podemos ver na datação das postagens do feed no ano de 2015. Na publicação da programação do encontro chamo atenção para o espaço Roda Paterna facilitado por um pai, dentro de um espaço apresentado como para mães, e para a prática de relato de parto que como sinalizado anteriormente vai ser algum

comum dentro desse universo e principalmente pelas instituições privadas que trabalham com o parto humanizado.

Seguindo esse primeiro encarte de divulgação coletamos mais cinco que antecedem o primeiro referente ao “Movimento Paterno.” São os seguintes:

Figura 4 – Encarte de divulgação Movimento Materno mês de agosto/2015



Fonte: print realizado pela autora na rede social Instagram @maedocorpo, Fortaleza, 2020.

Figura 5 - Encartes de divulgação de encontros do Movimento Materno





Fonte: print realizado pela autora na rede social Instagram @maedocorpo, Fortaleza, 2020.

Os encontros que seguiram o evento de abertura das reuniões gratuitas organizados pelo Instituto não apresentaram mais espaço para a paternidade, mas para informações sobre a gestação, parto, pós-parto e utilização de acessórios para o uso com o bebê. A “oficina de shantala” no segundo encontro e a “oficina métodos naturais de cuidados com o bebê” nos dar pistas de um estilo de vida que procura práticas “alternativas”, aponta para uma cultura geralmente encontrada em classes médias.

Sobre o esse assunto estabelecemos um link com os estudos apresentados pela estudiosa Tânia Salem que investigou nas últimas décadas do século XX o surgimento do casal grávido que originou seu livro, *O casal grávido: disposições e dilemas da parceria igualitária*. No prefácio da obra encontramos a seguinte ponderação;

Mesmo que o fenômeno tenha se extinguido, o trabalho permanece atual pelo que elabora sobre a configuração cultural na qual o CG está imerso e da qual é porta-voz: o individualismo igualitário com coloridos psicologizantes e libertários. Essa ideologia e seus preceitos perpassam todo o livro, seja na fala dos informantes, nos manuais e nas reuniões para o CG, ou no próprio movimento de revisão da gravidez e do parto que, a partir dos anos 70, coloca em pauta o CG e o “parto natural” (SALEM, 2007, p.13)

Aqui corroboremos com a autora que apesar do termo casal grávido ter sido posto em discussão dentro do universo da gestação e parto e ter caído em desuso, algumas características apresentadas pela autora permanecem, pois como assinalado por ela ainda o perfil encontrado inicialmente nesta pesquisa é um público de classe média em grande maioria branca e que carrega características da cultura citadas acima.

Também encontramos similitudes no que diz respeito a comercialização dos serviços com o apresentado pela autora em sua obra. Pois, vale ressaltar que esses encontros denominados como “movimentos” também podem ser entendidos como publicização do Instituto, para novos clientes, Pois como apontado por Salem,

[...] a clientela define-se como consumidora de mercadorias simbólicas e de outras ordens, enquanto os especialistas têm a preocupação de mercantilizar a oferta desses bens por meio da disseminação de sua ideologia. Ora, à medida que os casais passam de neófitos a iniciados, eles próprios se convertem em importante veículo de propagação do ideário e dos serviços dos especialistas. (SALEM, 2007, p.122-123)

Observamos essa participação dos pais em propagandear os serviços que tiveram para outros por meio da prática de relato de parto, que observamos logo no primeiro encontro o espaço destinado para essa prática. Os relatos são geralmente de casais que tiveram seus partos acompanhados ou preparados pelos serviços contratados da equipe, e atribuem parte da experiência, geralmente positiva, vivida aos profissionais que os acompanharam.

Nos encartes dos primeiro, segundo e terceiro evento observamos um espaço reservado para a apresentação e fala da equipe do Instituto. E em todos os eventos presença da equipe ocorre de forma direta com espaços reservados para fala de profissionais da instituição, ou indireta na indicações de profissionais que podem ser parceiros da instituição ou pelo próprio espaço que ocorre o evento, sendo sua sede. Outra similitude ao fenômeno investigado por Salem, pois ao escrever sobre os profissionais que atendiam os CGs apontou uma repetição, um giro entre os profissionais. Vale destacar que,

O trabalho em conjunto reitera o sentimento de pertencer a uma comunidade que compartilha crenças e estilos, além de lhes fornecer um relevante esquema de auto-avaliação e de auto-referência. As equipes são, em suma, mais uma instância de legitimação e de atribuição de significado aos bens e mercadorias ofertados. (SALEM, 2007 p.122)

Aqui a cultura presente se apresenta a mesma como para o CG. A ideia da instituição não é somente preparar o casal para gestação, parto e pós-parto no sentido biológico e médico, mas também no sentido psicológico, entendendo o indivíduo como um todo, corpo e mente (SALEM, 2007).

Voltando a investigação realizada na página do Instituto Mãe do corpo, observo que após um ano de eventos do chamado “Movimento Materno” surge o primeiro encarte de divulgação, na rede social da instituição denominado “Movimento Paterno” um espaço destinado aos homens pais conversarem entre eles. Segue o primeiro encarte de divulgação publicado no Instagram da Mãe do Corpo:

Figura 6 – Encarte de divulgação para o segundo encontro do Movimento Paterno jul/2016



**maedocorpo**  
Mãe do Corpo

**Movimento Paterno**  
Tema: O puerpério do pai  
com Ben-Hur Oliveira  
psicólogo, terapeuta familiar e pai do Rudá

Dia 30 de julho  
(sábado)  
de 9 às 12h

Local: Rua Pindorama 268, Bairro Salinas  
maedocorpo.com.br | facebook.com/maedocorpo  
Mais informações: Semirames 9.9984.0694

**Mãe do Corpo**  
Espaço de Apoio à Maternidade

36 curtidas

**maedocorpo** A primeira edição do Movimento Paterno foi super legal! Muitos pais participaram! Estavam realmente "precisados" desse espaço. Amanhã será o segundo encontro! Aberto e gratuito! Podem chegar. Tem um espaço reservado para mães, bebês e outros acompanhantes.

Ver todos os 3 comentários

29 de julho de 2016 · Ver tradução

Fonte: print realizado pela autora na rede social Instagram @maedocorpo, Fortaleza, 2020.

Em conversa com o principal facilitador desse grupo o espaço das reuniões surgiu como um espaço para os homens falarem entre si e tirarem dúvidas entre eles sobre a gestação, parto, puerpério, e relações sexuais. Buscavam entender e encontrar qual o seu lugar de homem-pai neste contexto, tendo em vista o protagonismo da mulher na gestação, parto e aleitamento, pois é no seu corpo que está se produzindo uma nova vida.

Interessante enfatizar o apelo a espaços para homens falarem indicado pelo termo precisados destacado entre aspas na descrição da postagem. O que me fez pensar quem eram esses homens? E sobre o que falavam? Em entrevista com Leandro, ao ser perguntado sobre sua participação em rodas de conversa sobre relatos de parto e sobre paternidade, aponta o seguinte:

Eu vou te dizer, assim, por volta de dois mil e dezoito, né? Eram ainda rodas muito majoritariamente brancas, com problemas que a branquitude enfrenta e com problemas de uma classe média, é muito engraçado, porque o recorte é muito classe média, os problemas apresentados numa roda como essa são problemas da classe média brasileira, não são problemas que tocam a sobrevivência, mas são problemas de ajustes do relacionamento, face a face, ajustes do relacionamento entre o pai e filho, marido e mulher. E as vezes com a interseccionalidade, de falta de dinheiro, ou de algumas questões relacionadas a sexualidade. Mas, nunca eram questões puramente sociais em si, meio difícil da gente definir isso, mas aquelas que tocavam a estrutura da sociedade, como por exemplo a discussão sobre racismo, a discussão sobre misoginia mesmo, não, não era tão presente assim, a discussão sobre sexualidade, acho que eu já fiz uma única vez sobre isso (Leandro, 30 anos).

Em campo encontramos essa preocupação individual e psicologizante que é apontado pelos estudos de Salem e depois presente na fala do entrevistado. Acrescento aqui também que parece que há um desejo que parte das mulheres, principalmente aquelas que possuem proximidade ou se dizem feministas para que esses homens falem, e parece que as vezes eles estão falando ou para elas ou por elas com os outros homens.

Vale destacar que já em seu primeiro encarte o movimento paterno conseguiu ultrapassar o número de curtidas do *Movimento Materno* que já estava ocorrendo a mais ou menos um ano e estava em seu sexto evento. Nos comentários deixados nos posts realizados observei que em grande maioria eram feitos por mulheres que por vezes marcavam nomes de perfis masculinos.

Seguido a esse primeiro evento foram publicado mais dose somando um total de treze reuniões que ocorreram no período de 2016 a 2018. Os demais eventos estão organizados na tabela a seguir apresentados na tabela a seguir.

Quadro 1 – Conteúdos dos encontros do movimento paterno

<b>Tema do encontro</b>	<b>Descrição feita na página de divulgação na rede social</b>	<b>Data e Local</b>
O puerpério do Pai	Os homens também têm sentido necessidade de um espaço para conversar sobre o seu puerpério, sobre as delícias e os desafios de vivenciar esse momento tão intenso da paternidade. Se você também acha que pode ser importante, vem pra roda! Sua presença, com certeza, fará toda a diferença! Chamem os amigos, os vizinhos e podem chegar! Participação Gratuita. Em paralelo, temos grupo de gestantes. Movimento Paterno, sábado às 9h, na Mãe do Corpo.	Setembro/2016 Sede da Instituição
Sem tema	Amanhã também tem Movimento Paterno. Bora?	Dezembro/2016 Sede da Instituição
Conversa livre sobre gravidez e puerpério e relato de parto domiciliar	Venham, Pais!	Janeiro /2017 Sede da Instituição
Sem tema	Vamos falar de Paternidade? O Movimento Paterno desse mês experimenta um formato diferente. Queremos conversar ainda mais descontraídos, resgatando as conversas na praça, a céu aberto, com a possibilidade das crianças ao redor se divertindo. Em caso de chuva, teremos estrutura coberta! Pra isso, vamos fazer esse encontro na Praça do Iprede, na rua Professor Carlos Lobo, 15, Cidade dos Funcionários. Esperamos vocês com aquela alegria de praxe!	Março/2017 Praça
Sem tema	Dirigido aos pa3is, o Movimento Paterno é uma roda de conversa com o terapeuta de família @ben_huroliveira, trocando experiências sobre paternidade ativa e todo esse universo. O Movimento Paterno é um evento gratuito.	Mairo/2017 Sede da Instituição

	#movimentopaterno #paternidadeativa #serpai	
Sem tema Destaque para a vivência corporal Laboratório do corpo com convidado.	O MOVIMENTO PATERNO é uma roda de conversa que conta com a condução sensível do pai e psicólogo @ben_huroliveira. Os pais são convidados a trocar suas experiências numa conversa leve e aberta sobre gravidez, parto, puerpério, sexo, educação, partilha de cuidados e tudo o que chegar na roda. Sintam-se convidados a participar! O MOVIMENTO PATERNO é um evento gratuito!	Julho/2017 Sede da Instituição
Desafios do puerpério	Sábado (26.08) tem Movimento Paterno! E neste mês de agosto, pais - e mães também! - conversam sobre os desafios do puerpério! O encontro será realizado no Café Passeio, no Passeio Público, de 9 às 12h. Participação gratuita! Vamos?	Agosto/2018 Passeio Público
A influência do patriarcado nas relações familiares Obs: Oficina de sapatinhos de crochê	E fechando a programação do mês de setembro da Mãe do Corpo, teremos mais uma edição do Movimento Paterno!! Um momento para os papais estreitarem laços e trocar experiências! O tema da roda de conversa será "A influência do patriarcado nas relações familiares"! Imperdível! Com a facilitação do psicólogo e pai @ben_huroliveira . Teremos também oficina de confecção de sapatinhos de crochê com o professor João Batista e o registro fotográfico do pai e fotógrafo @wagnerkiyanitza . Dia 30 de setembro, sábado, de 9h às 12h, na sede da Mãe do Corpo. O endereço é Rua Pindorama, 268, Salinas. Esperamos vocês!! Na foto de @babizita , @laloneto brinca com os filhos Levi e Gabriel.	Setembro/2017 Sede da Instituição
O relacionamento depois da chegada dos filhos.  Comemoração! Vamos beber o mijo dos nascidos em setembro e outubro	O Movimento Paterno de outubro acontece neste sábado, dia 28! Os pais se reúnem para conversar sobre como fica o relacionamento depois da chegada dos filhos! O encontro é mediado pelo psicólogo e pai, @ben_huroliveira . Além do bate-papo, eles brindam o nascimento dos bebês de setembro e outubro! O Movimento Paterno tem participação gratuita e, nesse mês, acontece no Café Passeio, no Passeio Público! Sábado, 28.10, de 10h às 13h. Esperamos vocês!!	Outubro/2017 Passeio Público
O Brincar Feira de troca de brinquedos usados	Neste sábado, o Movimento Paterno reúne os pais e os filhos pra falar sobre a importância do brincar! Além da roda de conversa facilitada pelo pai e psicólogo Ben Hur Oliveira, teremos também uma feira de troca de brinquedos usados! Nesta edição, as crianças são as convidadas especiais! É neste sábado, dia 25, de 9h às 12h, na sede da Mãe do Corpo! PARTICIPAÇÃO GRATUITA!!	Novembro /2017 Sede da Instituição
A relação conjugal no puerpério As bases da Comunicação Não Violenta	Sábado tem Movimento Paterno, no restaurante Renascença. Atenção para o local e endereço do encontro!!	Fevereiro/2018 Restaurante
A relação conjugal pós filhos	O Movimento Paterno convida pais e mães pra uma importante conversa que possibilita o desabafo, a troca de experiências e estratégias de superação pós chegada dos nossos filhos. Mais uma vez o restaurante Renascença abraça o movimento tendo o querido Eduardo como anfitrião. Seja bem vindo! Participação gratuita! Atenção para o endereço.	Março/2018 Restaurante

Fonte: rede social Instagram @maedocorpo, Fortaleza, 2020.

Inicialmente o grupo ficou vinculado a instituição particular que prestava serviços a gestantes, mas podemos observar que a partir do quinto encontro existe uma alternância entre os espaços que acontecem, além da sede da instituição locais de sociabilidades como praças e restaurantes passam a integrar os espaços que os encontros passam a acontecer, buscando um ar mais descontraído. Como foi observado nos encartes compartilhados a seguir.

Figura 07 – Encarte de divulgação Movimento Paterno outubro/2017



Fonte: print realizado pela autora no Instagram do Instituto Mãe do Corpo.

Em 2018 as postagens sobre o movimento paterno param na rede social do Instituto mãe do corpo. Em contato com o organizador do Movimento Paterno tomei conhecimento que a parceria com a instituição havia sido encerrada. Ao conversar sobre como era o grupo e o seu futuro. O facilitador informou que a quantidade de participantes era bem pequena, não tendo uma ampla procura pelos homens que muitas vezes chegavam por indicação das mulheres. Sobre o futuro do grupo havia o desejo de continuar, mas sem data certa para acontecer, mas em um formato, mais livre parecido com os que vinham acontecendo em restaurantes.

Por meio desse contato com o facilitador dos encontros do *Movimento Paterno* fui convidada a participar do minicurso sobre paternidade, ofertado mensalmente pelo sindicato dos bancários, que era mediado pelo mesmo. Esse curso era disponibilizado para os trabalhadores bancários como um requisito para a o pedido de extensão do direito da licença paternidade como indicado pela lei.

A licença paternidade foi instituída em nosso país por meio da constituição de 1988, que possibilitou os pais cinco dias de afastamento do trabalho sem implicações trabalhistas. Em 2016, houveram duas mudanças estabelecidas junto ao direito da licença paternidade. Uma que diz respeito aos funcionários públicos que por meio do decreto 8.737 instituiu a prorrogação da licença paternidade em até quinze dias totalizando vinte dias para os funcionários públicos.

A outra com a promulgação da Lei 13.257 - Marco Legal da Primeira Infância que possibilitou a extensão de quinze dias, além dos cinco garantidos pela constituição, para funcionários de empresas que são integrantes do Programa Empresa Cidadã junto ao Estado brasileiro. Mas, para solicitar o benefício o requerente deve no momento da solicitação da ampliação dos dias apresentar um certificado de participação em algum curso ou programa sobre paternidade responsável.

E aqui entra o curso que pude acompanhar. O conteúdo do curso foi sobre paternidade ativa, a importância do plano de parto, alguns relatos de partos e trocas de experiências entre os pais do primeiro filho com pais que já vivenciavam a paternidade. Temas com comunicação não-violenta e disciplina positiva também tiveram no conteúdo do curso. Conversando com facilitador identifiquei que seguíamos o mesmo perfil que postava conteúdo sobre paternidade e que muito do conteúdo compartilhado estava presente no conteúdo do curso.

Com caminhar da pesquisa comecei a circular pelos bairros de classe média da cidade acompanhei a exibição do documentário o Silêncio dos Homens que foi produzido pelo grupo Papo de Homem, seguido por mesa redonda e debate na Universidade de Fortaleza – UNIFOR. Nesse mapeamento comecei a estabelecer meus contatos pela cidade, e fui acompanhando o surgimento de outros nomes e rodas de conversa sobre a temática.

O Padrão dessa expressão de paternidade que passava a gerar encontros e debates pela cidade permanecia, defesa do parto natural e humanizado, pois essas rodas e falas que eram organizadas e divulgadas geralmente tinham pessoas que se relacionavam com doulas ou era propiciada por instituições particulares de apoio e comercialização ao parto natural e ao parto humanizado, essas reuniões aconteciam em lojas “alternativas” ou nos espaços das instituições, ambientes urbanos, classe média, em maioria branca, em uma geração de jovens adultos e adultos. Os eventos e encontros pararam de acontecer quando veio a pandemia em 2019.

No início do ano de 2020 a doença covid 19 causada pelo vírus Sars-CoV-2 responsável pela pandemia em nível global chegaram ao Brasil. Devido ao fácil contágio e a alta capacidade de letalidade que essa doença apresentou foi necessário a tomada de diversas medidas sanitárias para a sua contenção.

Os Governos Estaduais, em sua maioria, expediram decretos de uso de máscara e distanciamento social, além de indicar a higienização das mãos com água e sabão ou com álcool 70%. A nova realidade determinada pela doença impactou na saúde, educação, economia e entre outros segmentos que estruturam e compõem a sociedade.

Entre as medidas adotadas destacamos o distanciamento social que ocasionou a suspensão de atividades laborais, educacionais e de lazer mantendo somente em funcionamento as atividades consideradas essenciais. A indicação geral era de ficar em casa e sair somente para atividades essenciais como comprar suprimentos de primeira necessidade.

Trabalho, estudos, comunicação com amigos e familiares passou a ser realizada pelo meio virtual, essa nova realidade acarretou transformações no cotidiano, sendo um desafio a mais para aqueles com crianças e adolescentes em casa, pois a vida social invadiu a vida doméstica de sobressalto.

Nesse contexto de adaptações das novas condições de sociabilidade e da inviabilidade de trânsito pela cidade ocasionadas pela pandemia global o desenvolvimento da pesquisa também precisou passar por readequações para o seu prosseguimento, pois a movimentação que estava sendo mapeada deixou de existir.

Ainda, tentei estabelecer contato com algumas pessoas via meio digital pelo aplicativo *WhatsApp*<sup>12</sup>, algumas acabaram contraindo COVID ficando debilitada, outras atravessava o luto pela perda de familiares ou amigos, outros simplesmente não estavam conseguindo gerenciar o cotidiano caótico e não quiseram se comprometer com mais uma atividade.

Dessa forma, tendo empatia pela dor e aflição do outro que também era a minha, como mãe, esposa, filha, amiga, estudante, trabalhadora sobrevivendo em plena a pandemia que matou milhões de pessoas pelo mundo, entes queridos de alguém, preferi não insistir nos contatos e busquei novos caminhos que viabilizassem estudar o fenômeno que havia proposto.

Observando o movimento da intensa virtualização das relações pessoais e sociais causada pela doença Covid 19 que determinou distanciamento físico como estratégia de combate e controle, percebi que a internet poderia ser um caminho possível. Assim, iniciei a disciplina de Etnografias Digitais ofertada pela professora Dra. Geiza Mattos, no programa de pós-graduação de sociologia da Universidade Federal do Ceará (UFC). No decorrer da disciplina percorremos autores como Daniel Miller (2004), Christine Hine (2015), Larissa Pélucio (2017) entre outros.

O contato com os debates teóricos sobre etnografias digitais me permitiu perceber a possibilidade de realizar uma produção acadêmica com o intermédio da internet de forma qualitativa. Nesta pesquisa, compartilho do posicionamento de Daniel Miller que defende a

---

<sup>12</sup> Aplicativo de mensagem.

viabilidade de realizar pesquisa de qualidade utilizando a internet como um local em que a vida acontece.

Aqui proponho que possamos compreender o mundo online e offline como uma realidade conectada e fluída, em que uma se derrama sobre a outra sem fronteiras rígidas que as limite, pois o que ocorre em um espaço pode gerar efeitos sobre o outro. Temos visto isso acontecer com cada vez mais frequência, a exemplo de pessoas que tem a vida social alterada por algo que foi postado em redes sociais online tanto em seu benefício ou malefício, na política como nas eleições de 2018.

Em virtude dessa compreensão que o mundo online e offline integram uma realidade conectada e fluída, parei para rever os passos que tinha seguido até aquele momento da pesquisa e constatei que toda a aproximação inicial, a pesquisa exploratória que culminou no objeto de investigação havia acontecido nas redes sociais mediadas pela internet, ou seja, minha investigação já estava no online.

Desse modo, percebendo a potencialidade e a viabilidade de observar e participar dessas interações mediadas pela internet efetuei algumas alterações no projeto inicial, como objetivos e campo. As redes sociais online passaram a ser o principal campo da pesquisa, pois antes já era meu campo de coleta, mas de forma secundária. Precisava olhar para esse campo de forma sistemática e questionadora descortinando o aparente.

### **2.1.1 A Internet**

Para utilizar a internet e as redes sociais online como campo de pesquisa fez-se necessário compreender suas estruturas e características para poder me posicionar estrategicamente dentro desse universo. A primeira atitude a tomar foi desnaturalizar o acesso à *Internet* e redes sociais instantâneos como fazemos habitualmente por *notebooks*, *smartphones* e demais aparelhos. Para isso, inicialmente questionei o que é a internet? E encontrei a seguinte definição técnica.

A internet é uma rede global de computadores, ou, mais exatamente, uma rede que interconecta outras redes locais, regionais e internacionais. Para o usuário final, a impressão que se tem é que se trata de uma só rede, já que de qualquer ponto onde se está pode-se comunicar com qualquer outro computador, independentemente de onde ele estiver ou de que tipo ele seja [...]. A interconectividade ampla entre os diferentes computadores que participam da internet é garantida pelo uso em toda a rede de um conjunto de protocolos padrão, o TPC/IP. Desta forma, recursos informacionais, que antes, apesar de acessíveis por redes, eram isolados, ou ilhados, podem, na internet, ser oferecidos de maneira integrada (CENDON, 2000, p.01).

Em suma, a principal característica da internet é conectar informações em rede. Se olharmos para a história da internet percebemos que esta é uma invenção relativamente recente data do conflito da guerra fria, sendo inicialmente de uso exclusivo de governos, geralmente para fins militares. Até o final da década de 1980 a internet foi principalmente aplicada para investigações científicas com fins acadêmicos. Seu uso comercial foi liberado em 1987.

Em 1990 a internet tomava novos caminhos se tornando mais acessível para aqueles sem muito conhecimento técnico com a criação de um sistema global para documentos multimídia o *World Wide Web* (WWW). Esse programa, segundo Cendon;

Ao fornecer um ambiente gráfico que permitia a interação com o sistema através de facilidades tais como cliques de mouse, menus, janelas, e barras de rolamento, diminuiu a necessidade de conhecimento técnico por parte do usuário, contribuindo para aumentar o número de atores que poderiam participar da rede (CENDON, 2000, p. 2).

Com o passar dos anos a internet se tornou cada vez mais popular e acessível apesar de que para ter acesso é necessário pagar pelo serviço. Em 2005 uma nova forma de utilizar a internet foi inaugurado com a chamada Web 2.0, a partir dessa mudança o usuário da rede poderia além de usufruir dos conteúdos postados, poderia também contribuir com a sua construção. A ideia central novo modelo é o aproveitamento da inteligência coletiva. De acordo com D' Andréa:

Com a chamada Web 2.0, inaugurou-se, a partir de 2005, uma nova “lua de mel” entre os novos serviços online e as pesquisas em internet e cibercultura. Durante vários anos, termos como “cultura da participação”, “sabedoria das multidões” e “inteligência coletiva” foram amplamente usados para se compreender um conjunto de práticas e inovações que prometiam “democratizar”, “horizontalizar” ou “descentralizar” as relações interpessoais, a política, a economia (D'ANDRÉA, 2020, p. 13).

No entanto, o que aconteceu no passar dos anos é que esse novo modelo de internet abriu caminho para o fenômeno das plataformas digitais a partir dos anos de 2010, a nova internet que foi idealizada como um canal de troca horizontal, é majoritariamente controlada pelas Big Five: Alphabet-Google, Amazon, Apple, Facebook e Microsoft, estas plataformas tornaram as relações assimétricas na Web.

Assim como a internet se modificou e se popularizou as pesquisas realizadas a tendo como objeto de investigação ou campo também se multiplicaram criando um campo de investigação conhecidos como estudos de ciências e tecnologia, em inglês *Science and technology Studies* (STS).

Esses estudos utilizam métodos variados podendo ser qualitativo, quantitativo ou misto quali-quanti. A Teoria Ator Rede (TAR) é uma abordagem semiótica-material, é uma das mais utilizadas atualmente nesse campo. Um método utilizado para o estudo das redes sociais ancorado nessa teoria é a Análise de Redes Sociais (RECUERO, 2020).

Os estudos produzidos sobre o novo cenário online, depois da *WEB 2.0*, nos apontam o seguinte: “Defendemos aqui que, na contemporaneidade, os modos de se estabelecer vínculos na *web* não podem ser vistos fora de uma lógica de sociabilidade programada proposta pelas plataformas” (D’ANDRÉA, 2020, p.17). As plataformas online trouxeram a lógica comercial para as relações sociais online, não se trata apenas de comunicação e troca, mas também de negócios ligando usuários e empresas. Grande parte das “redes sociais online” são também “plataformas”. Dessa forma,

[...] devemos procurar entender tanto o modo como algoritmos, recursos tecnogramaticais – curtir, compartilhar etc. –, políticas de governança – como os termos de uso – etc. moldam as práticas e as percepções dos usuários, quanto as apropriações criativas, táticas e coletivas que recriam, cotidianamente, as plataformas (D’ANDRÉA, 2020, p. 18).

Tendo conhecimento do caminho percorrido pela internet e sua relação com o social, de seu surgimento até a contemporaneidade. Gostaria de destacar algumas características que são relevantes para os estudos que utilizam redes sociais e a internet como campo de investigação.

Segundo Danah Boyd, socióloga estadunidense, a internet tem quatro características que são traços do digital necessários de serem considerados no decorrer da pesquisa, que são as seguintes: persistência ou permanência, replicabilidade, escalabilidade e buscabilidade (RECUERO, 2020).

De forma sucinta podemos identificar as características da seguinte forma, a persistência ou permanência se refere aos dados gerados por publicação, tudo que é publicado na rede fica gravado, arquivado e gera dados e metadados. A replicabilidade aponta que tudo que é postado é possível ser replicado, um arquivo pode ser reproduzindo inúmeras vezes e em diferentes espaços.

No tocante a escalabilidade todo arquivo publicado tem um potencial de escalar, ou seja, um arquivo disponibilizado inicialmente para uma comunidade de amigos pode ser compartilhado e circular em várias redes por compartilhamentos dos usuários alcançando

centenas de pessoas, quem postou não tinha conhecimento ou o controle do alcance da sua postagem. Atualmente identificamos esse fenômeno pelo termo “viralizou”<sup>13</sup>.

Por último, a buscabilidade é uma característica que define a chamada Web, a existência de indexadores que permitem que os conteúdos postados sejam encontrados, esse aspecto é que a difere da *deepweb* que não é indexada pelos mecanismos de busca. Devido a essas características neste trabalho consideramos as redes sociais online como espaços públicos de livre acesso.

Recueiro<sup>14</sup> associa as características da internet com a sociabilidade realizada nas redes sociais online chama a atenção para a construção de capital social<sup>15</sup> pelos atores da rede. Estudando os valores envolvidos na construção do capital social nas redes sociais a autora apresenta quatro elementos relacionados, que são os seguintes: visibilidade, reputação, popularidade e autoridade.

A visibilidade é um valor “decorrente da própria presença do ator na rede social” (RECUERO, 2020, p.109). Devido a conexão entre os nós<sup>16</sup> na rede a visibilidade social de um nó pode aumentar, como aponta a autora:

Aumentar a visibilidade social de um nó tem efeitos não apenas na complexificação da rede, mas, igualmente no capital social obtido pelo autor. Alguém pode intencionalmente aumentar sua visibilidade no Twitter, por exemplo, utilizando-se de artifícios para aumentar o número de seguidores, apenas para popularizar seu blog (RECUERO,2020, p.109).

Além dessa propriedade a visibilidade também é a base para a formação de outros valores como o da reputação. A reputação é uma avaliação qualitativa agregada a outros valores sobre um ator realizada pelos demais atores com que se relaciona que “implica em três elementos: o “eu” e o “outro” e a relação entre ambos” (RECUERO, 2020, p. 109).

Segundo Recuero, a internet é um lugar em que é fácil construir reputação, pois se tem mais controle sobre as impressões de que se quer passar, vale lembrar que os conteúdos podem ser escolhidos e editados antes da circulação pública. Portanto,

---

<sup>13</sup> O termo viralizar é utilizado para um conteúdo postado na rede e alcança uma escalabilidade alta na internet, sendo visualizado, compartilhado e comentado por centenas de pessoas.

<sup>14</sup> Recuero, Boyd entre outros autores desse campo de estudos inicialmente se referiam a interação mediada pelo computador como “sites de redes sociais”, não consideravam essa interação em si construtora de redes sociais. A partir da evolução da web 2.0 e os desdobramentos desta com a criação de plataformas o acesso cada vez mais popular com novos aparelhos como smartphones, entre outros apontamentos passou a considerar essas interações mediadas pela internet como “redes sociais online”, pois não somente mantém laços já existentes, mas atuam e moldam a criação de novos laços sociais, sendo a mudança no nome não apenas uma questão semântica, mas com significado social.

<sup>15</sup> Capital social é um conceito proposto pelo sociólogo Bourdieu, que foi apropriado pela autora e busca relacioná-lo com o universo das redes sociais.

<sup>16</sup> São os objetos que estabelecem as conexões da rede.

A reputação, assim, refere-se às qualidades percebidas nos atores pelos demais membros de sua rede social. Ela pode ser gerenciada através dos sites de redes sociais, uma vez que cada ator pode, como já explicamos, construir impressões de forma intencional. Com essa intencionalidade, um determinado nó poderia trabalhar na construção de sua própria reputação, seja através das informações publicadas, seja através da construção de visibilidade social (RECUERO, 2020, p.111).

Outro dos quatro valores observados nas redes sociais online é a popularidade. Este valor possui um aspecto quantitativo, relacionada ao número de *likes* ou curtidas, seguidores e comentários em uma postagem, ela está vinculada com a característica de permanência ou persistência que permite verificar a popularidade. A autora explica a popularidade com valor nas redes da seguinte forma:

A popularidade é um valor relacionado à audiência, que é também facilitada nas redes sociais na internet. [...] Trata-se de um valor relativo à posição de um ator dentro de sua rede social. Um nó mais centralizado na rede é mais popular, porque há mais pessoas conectadas, a ele e, por conseguinte, esse nó poderá ter uma capacidade de influência mais forte que outros nós na mesma rede (RECUERO, 2020, p.111).

A popularidade também pode se relacionar com a Autoridade, nosso último valor a ser demonstrado. A autoridade está vinculada a capacidade de influência de um nó na rede social, ela pode se associar com a reputação. Geralmente que deseja se tornar uma autoridade produz conteúdos sobre algum assunto específico, esse tipo de ator busca não somente construir intimidade com os outros, mas construir uma audiência (RECUERO, 2020).

Os apontamentos feitos acima nos permite perceber como as características e valores desse espaço virtual possibilitou o surgimento de novas profissões e categorias sociais, com a era dos *blogs* existiram aqueles que investiam em seu capital social – associando valores acima – se tornaram os chamados “*blogueiros*”, o *YouTube* também gerou os chamados “*youtubers*” e com o surgimento do *Instagram* e na circulação entre as plataformas vimos ser construído, o formador de opinião, o *influenciador digital* ou *influencer*.

Ciente das características da internet (persistência ou permanência, replicabilidade, escalabilidade e buscabilidade) e dos valores presentes nas redes sociais online (visibilidade, reputação, popularidade e autoridade) que geram capital social para atores (RECUERO, 2020), e não menos importante o processo de plataformização da web, nos últimos anos que além de ter uma ideal de comunicação também tem uma lógica de mercado que transformou as relações sociais (D’ANDRÉA, 2020) tive necessidade de realizar adequações no projeto inicial de pesquisa, apesar das redes sociais online serem o campo e não o objeto.

## 2.2 Definindo o campo e os sujeitos da pesquisa

Tendo as redes sociais online como o principal espaço de coleta de dados e investigação da pesquisa e conhecendo como funciona a internet e como se dá a interação e quais os valores cultivados nas redes sociais a primeira mudança que realizei em relação ao projeto inicial foi no objetivo geral da investigação em curso, pois junto com a internet tive a necessidade de realizar um movimento de escalabilidade, pois não me restringia mais a Fortaleza, mas a pessoas/atores de outras regiões do país.

Logo, objetivo geral passou a ser: compreender e analisar as iniciativas de “novas” paternidades no Brasil, a partir de perfis de homens ou “grupos” de homens que produzem e socializam conteúdos em plataformas digitais de interação social sobre o tema da *paternidade ativa*.

Nesses perfis acompanhei as trajetórias desses sujeitos rumo ao exercício desse novo modelo de paternidade, por meio dos conteúdos postados em suas redes sociais sobre o tema. Baseada no método da etnografia realizei incursões ao campo buscando compreender e construir o conhecimento compartilhado nos diferentes espaços para compor um entendimento sobre a *paternidade ativa*.

Usar as redes sociais como campo me possibilitou realizar os seguintes questionamentos: como os produtores de conteúdos definem a paternidade ativa? O que a caracteriza? Quem são os sujeitos que estão produzindo sobre esse tema? Assim, define como objetivos específicos: mapear os produtores de conteúdos sobre o tema da *paternidade ativa* nas redes sociais online, apreender os elementos constitutivos da *paternidade ativa* e desvendar as relações familiares contemporâneas com base na análise da *paternidade ativa*.

Estabelecendo um olhar sistemático sobre o campo, tendo como objeto acompanhar homens pais em redes sociais *online* comecei a pesquisa perseguindo um dos objetivos propostos mapear os perfis que produzem sobre o tema investigado, e para isso a plataforma escolhida foi o *Instagram*, devido as suas características e os usos feitos pelos usuários deste aplicativo.

### ***2.2.1 Instagram: ponto de partida***

O *Instagram* é um aplicativo (app) que tinha como propósito inicial ser uma rede social para o compartilhamento de fotos pessoais em rede. Foi criado em 2010 nos Estados Unidos, por Kevin Systrom e Mike Krieger engenheiros de software e empreendedores. Ao ser lançado o app poderia ser acessado pelo sistema IOS (sistema operacional exclusivo da

empresa de tecnologia Apple) baixado na App Store (loja de aplicativos da Apple) em dispositivos com câmeras. Rapidamente a plataforma ganhou popularidade chegando a 10 milhões de usuários em apenas um ano após seu lançamento (PIZA, 2012).

Devido ao seu sucesso em 2012 o Facebook<sup>17</sup>, atual Meta, que é uma das plataformas que compõe as Big Five citadas anteriormente, comprou o Instagram pelo valor de 1 bilhão de dólares, e a rede foi disponibilizada para o sistema Android (sistema disponível em smartphones de diferentes empresas) visando a maior popularidade e adesão de público.

A mudança funcionou, pois, a plataforma adquiriu mais usuários chegando atualmente na casa de 1 bi de pessoas que utilizaram o *Instagram*. Segundo sites<sup>18</sup> que acompanham o mundo das tecnologias, marketing e negócios apontam que desde 2015 os usuários brasileiros ganham destaque nas estáticas da plataforma com um uso mais frequente que a média global.

Ao longo dos anos a plataforma passou por várias alterações em suas configurações e diferentes objetivos dos inicialmente proposto em sua idealização, atualmente para acessar o *Instagram* é necessário baixar o aplicativo e preencher alguns dados pessoais, criando seu perfil, feito isso você se torna um usuário com acesso a uma conta que pode ser conta pessoal ou uma conta empresa com ferramentas diferenciadas para quem vai empreender pela plataforma.

Depois de criar login e senha o usuário que abriu uma conta no *Instagram* passa a gerenciá-la podendo se conectar a outros usuários utilizando a tecla seguir. Na página o usuário tem espaço, que é chamado de *bio*<sup>19</sup> pelos usuários da rede, para colocar uma breve descrição sobre si e disponibilizar links que levam o visitante para outras páginas na web.

Além de poder visualizar o número de publicações realizadas, a quantidade de contas que o usuário segue e a quantidade de seguidores que ele tem e os seguidores ou amigos que as contas podem ter em comum, e o seguidor pode acionar o sininho para ser avisado quando houver uma postagem na página que segue, como podemos visualizar nas imagens a seguir:

Figura 08 - Biografia do @paizinho, vírgula no *Instagram*

---

<sup>17</sup> Facebook também é nome da rede social online desta empresa.

<sup>18</sup> Site Canaltec. Disponível em: <<https://canaltech.com.br/empresa/instagram/>>.  
Site shopify. <https://www.shopify.com.br/blog/estatisticas-instagram#2>

<sup>19</sup> Bio é uma abreviatura da palavra biografia.



Fonte: print realizado pela autora no Instagram @paizinho,vírgula, 2020.

Figura 09 – Biografia do perfil @otadeuf Franca



Fonte: print realizado pela autora no Instagram @otadeuf Franca, 2021.

Uma vez feita a conta, que geralmente é feita por aplicativos em smartphones, o usuário está conectado *full time*, sem necessidade de colocar login e senha ou sair quando não estiver online, pois o aparelho celular emite sons ou avisa quando há uma mensagem, *lives* ou caso sua conta seja marcada em alguma postagem, atualizando constantemente o *feed* de notícias e os *stories* publicados na rede que se está conectado.

No formato atual, o app em questão, tem as seguintes funcionalidades: o compartilhamento de fotos e de vídeos. Este último pode ser encontrado em duas modalidades: gravados ou ao vivo, o chamado tempo real. Os vídeos gravados podem ser disponibilizados no feed da página da plataforma ou pelo IGTV e a transmissão de chamadas de vídeos ao vivo, conhecidas como *lives*.

Além das funcionalidades citadas, o Instagram disponibiliza inúmeras ferramentas, tais como: aplicação de filtros e efeitos, como o *boomerang* (nas fotos, vídeos e demais postagens), *Stories*, *Reels*, Feed, ícones de destaque, pasta pessoal para salvar postagens, busca por assuntos utilizando hastags(#) <sup>20</sup> e um botão para ativar notificações nas páginas desejadas.

A interação entre os usuários pode ocorrer por manifestações como curtir, comentar e compartilhar as postagens de outros, também existe a possibilidade de marcar outras contas com a utilização do @ em suas postagens ou mesmo repostar a publicação de outra conta. Um contato mais direto e pessoal acontece pelo *direct*, caixa de mensagem de texto e áudio.

Figura 10 - Biografia e teclas de interação, perfil @paternidadepositiva



Fonte: print realizado pela autora no Instagram @paternidadepositiva, 2020

Nas figuras acima podemos, além das informações da *bio*, que já destacamos acima, observa-se as teclas de interação e logo após os ícones de destaque. As postagens na página pode ser em *stories* ou no *feed*. Os *stories* são postagens passageiras que duram em torno de 24 horas e aparecem ao clicar em cima do ícone da foto na *bio*. A postagem no *feed* fica disponível para o acesso de outros participantes na rede por tempo indeterminado que decide é o gerenciador da conta e vem logo após os ícones de destaque, como podemos observar nas imagens seguintes:

<sup>20</sup> A hashtag é constituída de uma palavra-chave precedida pelo símbolo da cerquilha (#), que ao ser criada se transforma em um hiperlink que agrupa conteúdos sobre determinado assunto, com o objetivo de direcionar o usuário para uma página de publicação relacionadas ao tema que se deseja saber mais informações facilitando a pesquisa do usuário. O Instagram, youtube, facebook e twitter fazem uso desta ferramenta de buscabilidade.

Figura 11 – *Feed* do Instagram @afropai



Fonte: prints retirados pela autora do feed das página @afropai na plataforma do Instagram, 2020.

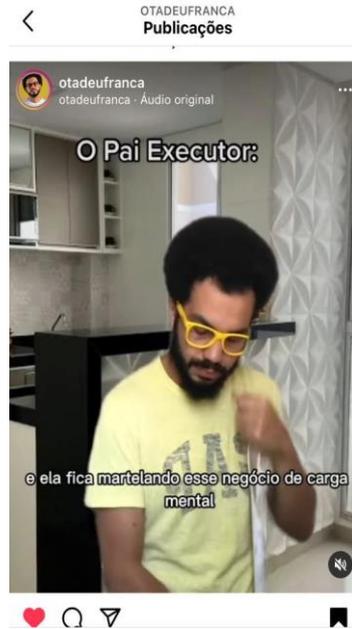
Figura 12 - *Feed* da página @homempaterno



Fonte: prints retirados pela autora do feed das página @homempaterno na plataforma do Instagram, 2020.

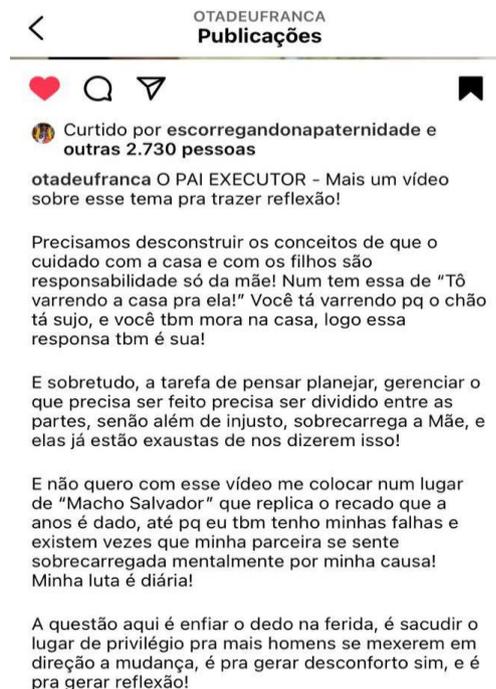
Cada postagem realizada no feed pode ser acompanhada por uma descrição. Ao clicar em um vídeo ou foto disposto no feed de alguma conta acessamos a descrição e os comentários sobre aquela postagem também podemos ver as teclas de interação de curtir, compartilhar e salvar, ver a imagem a seguir na postagem realizada na conta do @tadeufranca:

Figura 13 – Postagem no feed e Interação pelo Instagram



Fonte: prints realizado pela autora da página @tadeufranca no *Instagram*, 2021.

#### Figura 14 – Descrição



Fonte: prints realizado pela autora da página @tadeufranca no *Instagram*, 2021.

Devido a dinâmica demonstrada acima, pela conectividade *full time* e com outras redes e usuários e pela ampla adesão social o app se tornou um dos locais da pesquisa. Vale a pena destacar que as funcionalidades e o amplo acesso o Instagram tornou-se além de uma plataforma de postagens de fotos de comidas, viagens encontros entre amigos, também passou

a ser um espaço de negócios. D'Andréa, defende que não podemos trabalhar com as redes sociais sem considerar as relações com o mercado depois da web 2.0 ou o processo de “plataformização das redes sociais” nas palavras do autor, ou

Em outras palavras, as plataformas se apropriam das lógicas de conexão e as potencializam como parte de uma estratégia – comercial sobretudo – que visa incentivar usuários a deixar rastros de suas relações, preferências etc. Considerando essa concepção, parece-nos que é grande o risco de, ao usarmos automaticamente o termo “rede social”, enfatizarmos apenas a dimensão relacional das plataformas, inviabilizando os aspectos materiais, econômicos, políticos etc. da conectividade online (D'ANDRÉA, 2020,p.18).

Aqui destaco essa informação, para assinalar que as redes sociais online passam por constantes atualizações de suas funcionalidades e ferramentas, no caso específico o Instagram deixou de ser apenas um app de compartilhamento de fotos pessoais para ser um local de novos mercados, muito utilizado pelo marketing e empreendedorismo, atualmente existem lojas apenas online funcionando pelo Instagram e que essa lógica de algum jeito é assimilada pelos sujeitos da pesquisa.

No entanto, é importante estar atenta para a pluralidade de usos de uma rede social online, pois apesar da relação assimétrica que encontramos nelas atualmente, precisamos por um lado conhecer o que a plataforma idealizou inicialmente e disponibilizam em termos políticas e ferramentas e, por outro, perceber as apropriações e significações feitas pelos usuários. Um dos aspectos que destaco é o Instagram também ser concebido como um espaço de ativismo e denúncias sociais sobre temas de relevância social.

Mas seguindo um pouco a lógica de mercado alguns marcadores dentro da rede são considerados relevantes na escolha dos perfis analisados. Dependendo da frequência com que se posta, da quantidade de seguidores, de curtidas, de interações que geram o “engajamento”, ou seja, se tiver capital social, autoridade e popularidade o ator pode ser considerado um influenciador digital e conseguir estabelecer ganhos materiais e financeiros, por meio de parcerias ou venda de produtos.

Dentro da plataforma a busca por perfis de homens que produzissem conteúdos sobre a *paternidade ativa* seguiu alguns passos. Inicialmente realizei a busca por perfis que eu já seguia e que já poderiam ser considerado uma “autoridade” no assunto da paternidade ativa dentro da rede. Não utilizei *hashtag*, pois não queria a minha busca restrita pelo sistema, procurei pelo termo pai e por paternidade ativa na área de pesquisa representada por uma imagem de lupa dentro do aplicativo.

Ao começar a seguir algumas contas fui observando os seguidores e quem eles seguiam ou os seguiam, com quem faziam *lives*, pois um influenciador pode convidar outro para um momento em tempo real, para ajudar o outro a crescer com a sua influência, ou para aumentar a sua própria audiência. Geralmente um ator visita a conta do outro, uma troca de influência que gera visibilidade para ambos.

Seguindo as pegadas dentro da rede, fui observando os seguidores e olhando as contas que poderiam atender os interesses da pesquisa e fazendo o movimento de “bola de neve” (VINUTO, 2014), buscando construir um campo de conexões. Depois de um tempo ao entrar em uma conta via muitos amigos em comum significando que partilhávamos vários pontos ou nós da mesma rede sobre paternidade ativa.

Depois de um tempo quando entrava em uma conta e via os seguidores em comum fui percebendo que começavam a se repetir, havia uma conexão entre inúmeras contas chegando em um ponto de saturação parei de buscar e passei a acompanhar os perfis fazendo um novo recorte, pois existe uma enorme quantidade de dados disponíveis na internet, e precisava adensar meu campo para a realização de uma análise qualitativa.

O recorte feito foi orientado pelos valores da rede deixando para análise os perfis que tivessem capital social, refletido pelo alcance das discussões que geravam levando em conta pela visibilidade, autoridade e engajamento em suas postagens. O número de seguidores contou para uma prerrogativa de recorte estipulamos um mínimo de mil seguidores, pois o tema ainda não tem alcance amplo dentro da sociedade e um recorte com um número muito maior poderia restringir muito a pesquisa a poucos atores.

Desta forma chegamos a uma lista de perfis, organizada de forma decrescente pela quantidade de seguidores, nela contém as seguintes informações: nome do perfil no Instagram, o número de seguidores e uma breve descrição com informações retirada da *bio*, informações escritas pelos próprios usuários. Segue a lista elaborada com os perfis encontrados:

Quadro 2 – Perfis selecionados na plataforma *Instagram*

Perfil no Instagram	Nº de seguidores	Informações da descrição e links disponíveis de outras plataformas.
1. @piangers	1,1 milhão	Criador de conteúdo e palestrante. Tem canal no youtube e site. Autor do livro papai é pop e papai é pop2.
2. @paizinho, vírgula	163 mil	Criador de conteúdo digital. Autor do livro Abrace seu filho. Líder certificado de grupo de apoio pela Attachment Parenting International, e também educador parental certificado pela Positive Discipline Association. Além do Instagram tem Site, canal no youtube, podcast
3. @escurecendofatos	130 mil	Luã Andrade. Aqui se fala de raça, paternidade e FORABOLSONARO.

4. @eupapai	147mil	Família pelo ponto de vista paterno. Pai do João e da Helena. Casado com @eumamae
5. @familiaquilombo82	115 mil	Criador de conteúdo digital. Canal no youtube.
6. @homempaterno	102 mil	Criador de conteúdo digital, Pai e Naturólogo. Oferta cursos, orientações e consultoria para homens sobre gestação, parto e puerpério.
7. @papaiflix	66,1mil	Criador de conteúdo digital.
8. @paispretospresentes	48,1 mil	Rede de apoio. Aquimlobamento e afroempreendedorismo. Outros canais de comunicação e oferta de cursos.
9. @faculdadedopapai	46,7 mil	Educador Parental. Presente também no youtube, spotify e telegrama
10. @papaidahora	37,1 mil	Criador de conteúdo digital.
11. @paivemca	25,8 mil	Consultor parental, psicanalista em formação, colunista e parceiro @paiefilhosoficial
12. @pai_mala	23,5 mil	Colunista e embaixador da revista Pais&Filhos, Escritor e palestrante. Pai do Gianluca e Stefano. Autor do livro pai mala. Paternidade e inclusão.
13. @papaiemdobro	20,5 mil	Pai solo do Pedro e da Mariana. Educador parental- Certificated by Positive Discipline Association US. Palestrante e escritor. Canal no youtube
14. @otadeufranca	19,5 mil	Criador de conteúdo digital. Pai do Augusto e do Hugo. Ativista #ochatodaroda e podcaster.
15. @papaiurbano	16,4mil	Thiago Couto. Pai do Noah e da Maya. Dividindo afeto e transformando famílias.
16. @paitemquefazerdetudo	15,1mil	Educador parental pela Positive Discipline Association. Autor do livro: Pai tem que fazer de tudo.
17. @tricodepais	12,1 mil	Podcast
18. @marloncamacho	11,4 mil	Pai do Joaquim e Antônio Consultor familiar, oferta curso com foco na disciplina positiva, projeto criança do futuro canal no youtube e autor do E-book: Como parei de gritar e bater no meu filho.
19. @perfilpapai	11,1 mil	Criador de conteúdo digital. Disciplina positiva.
20. @4_daddy	9.741 mil	Parentalidades, masculinidades e economia do cuidado. #NegócioSocial.
21. @paternidadepositiva	9,198 mil	Family coach
22. @paideverdade	6,641 mil	Criador de conteúdo e empreendedor. Site, canal no youtube e telegrama.
23. @paidaspretinhas	5.995 mil	Criador de conteúdo digital.
24. @sosendopai	3.586 mil	Criador de conteúdo digital.
25. @afropai	3,043 mil	Página do primeiro podcast sobre paternidade negra do Brasil.
26. @paiemformação	1,790 mil	Blog pessoal, pai da vida real.
27. @entrefraldas	1,745mil	Podcast
28. @apaternidadeativa	1,357 mil	Promover o Movimento da Paternidade Ativa. Pai da Maria Clara. Repensando o papel do pai #PaiNãoAjudaPaiCria
29. @papipodcast	1.134 mil	Podcast rede de apoio sonoro às paternidades.
30. @papaidescomplicado	1,134 mil	Blogueiro e líder do @papaisinfluenciadores
31. @balaiodepais	1.060 mil	Página de podcast elaborado por um grupo de pessoas.

Fonte: elaborado pela autora, levantamento realizado durante 2019/2021.

Dos perfis apresentados encontramos contas individuais, contas coletivas e contas que serviam de divulgação de outros projetos em outras redes. Passado o primeiro mapeamento,

passsei a olhar cada perfil, buscando observar os conteúdos, frequências de postagens e o engajamento gerado, buscando atender ao objetivo de apreender os elementos constitutivos da *paternidade ativa*. Dessa forma pude estabelecer alguns padrões que serão apresentados e analisados no capítulo quatro.

Vale destacar que no decorrer da investigação alguns perfis aumentaram ou quase duplicaram o número de seguidores, demonstrando a velocidade que as mudanças ocorrem no mundo da internet. As vezes uma investigação ainda em curso pode cair em desuso ou que foi descoberto cair rapidamente em desuso (D'ANDRÉA,2020) nesse campo dinâmico.

Olhando de perto cada perfil selecionado pude conhecer os nomes dos pais, por trás do @ que indica o perfil de busca, me aproximar das discussões e eventos e dessa forma comecei a acompanhar e transitar com esses perfis por outros caminhos, pois muitos deles também alimentavam contas em outros canais de produção de conteúdo gratuitos e “pagos”, dessa forma, o *YouTube* e o *spotify* foram adicionados como campo de investigação, pois era uma das plataformas utilizadas pelos pais da lista para postar conteúdos em vídeos e áudios, respectivamente.

### **2.2.2 *YouTube: transitando***

Transitando com os sujeitos da pesquisa chego a plataforma do *Youtube*. Esse foi criado oficialmente no ano de 2005 por Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim nos Estados Unidos, tinham como escopo encontrar uma forma mais rápida e fácil de compartilhamento de vídeos pessoais que poderia ser visualizado por milhares de pessoas (BURGESS, GREEN, 2009), era literalmente a ideia de você na tela, a plataforma foi um sucesso e um ano depois o *YouTube* foi comprado pela empresa google, uma das *Big Five*. Em 2007 a plataforma chega ao Brasil com uma versão em português.

Nessa mais de uma década do seu lançamento o *YouTube* passou por várias modificações em seu layout e objetivos, passando a oferecer diversos produtos, como o *YouTube premium* (uma versão paga) e novas ferramentas. Atualmente ao fazer uma conta no *YouTube* o usuário cria seu canal, pois a ideia é a mesma da televisão, o dono do canal tem espaço para descrição, postar vídeos, que poderão ser monetizados, fazer playlist dos vídeos, criar quadros uma gama de possibilidades.

Figura 15 – Página do canal Paizinho, vírgula na plataforma YouTube.

Thiago Queiroz - Paizinho, Vírgula!  
85,5 mil inscritos

SEJA MEMBRO INSCRITO

INÍCIO VÍDEOS PLAYLISTS COMUNIDADE CANAIS SOBRE

CHANTAGEM EMOCIONAL funciona? | Paizinho, Vírgula!  
3,6 mil visualizações • há 10 meses

Thiago Queiroz - Paizinho, Vírgula!  
Chantagem emocional: você já passou por isso? Todas as chantagens têm um fundo emocional envolvido e quando aplicamos na criação de nossos filhos isso pode trazer alguns problemas sérios....

Paizinho, Vírgula! ▶ REPRODUZIR TODOS

CRIANÇAS MIMADAS 21:22  
 Permissividade ou Autoritarismo? | Paizinho, Vírgula!  
 Thiago Queiroz - Paizinho, Vírgula!

VACINA EM CRIANÇAS & VOLTA AS AULAS 14:07  
 Volta às Aulas e Por Que VACINAR Seus Filhos? | Paizinho, Vírgula!  
 Thiago Queiroz - Paizinho, Vírgula!

CASAMENTO CHILDFREE 16:39  
 Barraram a Entrada de CRIANÇAS num Casamento... | Paizinho, Vírgula!  
 Thiago Queiroz - Paizinho, Vírgula!

FURAR ORELHA 15:40  
 Furar orelhas de bebês é errado? | Paizinho, Vírgula!  
 Thiago Queiroz - Paizinho, Vírgula!

CHUPETA 17:51  
 CHUPETA, A MAIOR POLÊMICA DE TODOS OS... | Paizinho, Vírgula!  
 Thiago Queiroz - Paizinho, Vírgula!

Fonte: prints realizados pela a autora do canal paizinho, vírgula no YouTube, 2020.

Os vídeos postados no canal do Youtube podem ser gravados e postados depois de edição ou ao vivo. Nessa última modalidade existe a interação pelo chat em tempo real por meio de comentários, quem está assistindo pode manifestar seu apoio ao canal enviando dinheiro pela ferramenta valeu no caso de uma exibição ao vivo ou o seguidor pode contribuir se tornando um membro do canal acessando a tecla seja membro que pode ter em alguns canais.

Para atrair membros para os canais os *youtubers* lançam conteúdos exclusivos de acesso somente para quem é membro. Como apresentou os autores Burgess e Green, “para o YouTube, a cultura participativa não é somente um artifício ou um adereço secundário; é, sem dúvida, seu principal negócio” (BURGESS, GREEN, 2009, p.23).

Seguindo a lógica do mercado nos últimos anos os vídeos do Youtube também puderam ser monetizados segundo a política de monetização da empresa, que estipula por exemplo a partir de um número de visualizações um vídeo pode ser remunerado, a remuneração ocorre em dólar. O programa passou a ser monetizado depois da veiculação de comerciais dentro dos vídeos.

A possibilidade de ganhos materiais por meio da publicação de vídeos auxiliou na criação de novas profissões como o de influencer ou os chamados youtubers, pessoas que se profissionalizam a postar vídeos em seus canais e ganham não somente pela monetização, mas pela sua influência e visibilidade que acabam tendo em determinado nicho que leva a parcerias com marcas para divulgação de seus produtos ou mesmo patrocínio de empresas, ou mesmo a criação e venda de produtos como cursos sobre determinado tema em que se tornou autoridade na rede.

Para acompanhar um canal o usuário da rede clica no botão se inscrever e para interagir com o vídeo quem visualiza pode sinalizar que gostou ou não gostou, compartilhar e deixar um comentário. Os usuários também podem ter a escolha de ativar as notificações, fazer download e/ou deixar salvo na sua biblioteca.

No YouTube foi observado o conteúdo dos vídeos e as descrições. Transitando ainda com os sujeitos em seus caminhos virtuais os produtores de conteúdos ocupam ou se fazem presentes nas diferentes plataformas, além do Instagram e do YouTube chegamos ao espaço do podcast ou a chamada *podosfera*.

### **2.2.3 Transitando chegamos a podosfera**

Outro recurso utilizado pelos pais que produzem conteúdos digitais é o Podcast, que consiste em uma gravação em áudio que surgiu por volta de 1999, e por volta de 2001 já havia os primeiros programas sendo produzidos no formato. O produtor do conteúdo é chamado podcaster.

A novidade veio com as transformações da tecnologia da informação. Nessa pesquisa utilizamos a plataforma Spotify para acompanhar os podcasts sobre paternidade. O Spotify é um serviço de streaming de música, podcast e vídeo lançado em 2008 na Suécia. E na era do smartphone desde 2015 o Spotify está disponível como aplicativo para os sistemas mais populares no mundo *IOS, Android e Windows mobile*.

No decorrer da pesquisa chegamos a *podosfera* por dois caminhos. O primeiro foi pelo Instagram, pois as contas @tricodepais @entrefraldas @afropai @papiPodcaster e ainda o @podcastpaispretos encontradas no mapeamento inicial são utilizadas para a divulgação do conteúdo produzido em podcast.

E o segundo motivo consiste no alcance de público que a plataforma possui. Por ser uma gravação em áudio o podcast tem a proposta de ser ouvido enquanto o usuário faz outra atividade, a gravação pode ser de longa duração alcançando uma hora ou mais e o estilo é informal, podendo ser como um bate papo entre amigos. As postagens são feitas em episódio. E esse estilo pode ser mais atrativos para o público masculino. Como indicado no trecho da entrevista de Tiago Queiroz para o site 4daddy, a seguir:

Abordar criação com apego e disciplina positiva se mostrou um caminho de sucesso para o blog. Havia demanda. Mas, no começo, não era a que Thiago esperava. Em vez de falar para os pais, o Paizinho Virgula falava para mães. Muitas marcavam seus companheiros, e a mensagem até chegava aos homens, mas em um movimento ainda lento.

Isso continuou com suas iniciativas seguintes, como youtuber e em workshops, que ainda tinham uma incidência feminina maior. O jogo mudou quando foi para uma plataforma que, estatisticamente, ainda é mais consumida pelo público masculino: os podcasts. (Entrevista completa disponível em < <https://4daddy.com.br/paizinho-e-uma-vigula/>> Acessada em 03.jun. 2022.)

No decorrer da entrevista Thiago aponta que foi por essa plataforma que pela primeira vez seu público de pais é maior do que o de mães. Para acessar o podcast é necessário acessar as plataformas disponíveis no mercado nesta pesquisa acessamos pelo *Spotify*.

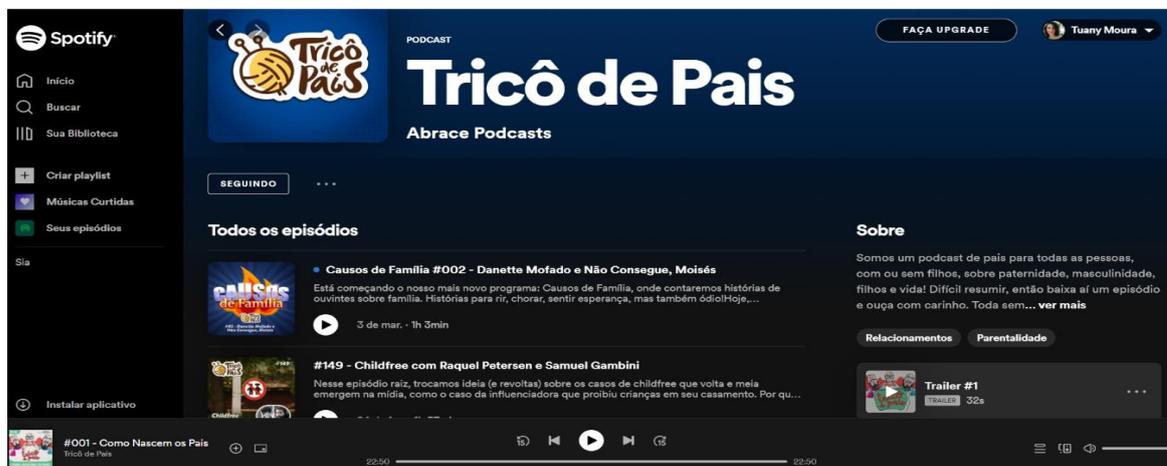
Ao acessar a plataforma é necessário se tornar um usuário para ter acesso aos conteúdos produzidos e para isso é necessário fazer uma conta. Ao fazer uma conta o usuário tem acesso a conteúdo gratuitos e pagos, se for da categoria assinante, podendo seguir podcasts, compartilhar em outras redes, adicionar a uma playlist. O podcast tem em sua página uma descrição e pode ter um trailer apresentando sua linha de atuação, as postagens são chamadas de episódios e são lançados com a frequência desejada por cada podcaster.

Figura 16 - Pagina do perfil do AfroPai na plataforma *Spotify*



Fonte: print realizado pela autora na página do AfroPai no spotify, 2021.

Figura 17 – Página podcast Tricô de Pais - *Spotify*



Fonte: prints realizados pela autora na plataforma spotify na página do podcast tricô de pais, 2020.

Essas três plataformas apresentam similitudes, pois seguem a lógica da internet e das plataformas, mas cada uma possui um conjunto de características que se diferenciam no estilo de produção de conteúdo para cada uma delas. No geral esses foram os principais espaços em que ocorreram coleta de dados.

Reconheço que a própria escolha do campo já é um dos limitantes do perfil do meu interlocutor, pois necessariamente ele deve ter acesso a internet, ter um smartfone ou computador para acessar e alimentar sua conta e ter conhecimentos básicos de tecnologia para alimentar as diferentes plataformas que para melhor entrega de conteúdo requer algum tipo de edição antes de serem lançados.

### **2.3 Trançando a rede: métodos e técnicas**

O campo em que a pesquisa se realiza é heterogêneo, amplo e difuso. Desta forma, para dar seguimento a pesquisa optei por uma abordagem qualitativa, pois esta tem como objetivo “esmiuçar a forma como as pessoas constroem o mundo à sua volta, o que estão fazendo ou o que está lhes acontecendo em termos que tenham sentido e que ofereçam uma visão rica” (FLICK, 2009, p.8) da realidade que se investiga.

Estabelecendo a abordagem qualitativa como meu ponto de partida foram realizadas coletas de dados por intermédio de diferentes métodos qualitativos, a exemplo da pesquisa bibliográfica, pois esta foi fundamental para a construção do histórico e problematização do fenômeno analisado. A investigação na literatura acadêmica aconteceu tendo como recorte as seguintes categorias de análise: famílias e gêneros/masculinidade e paternidades.

Percorrendo o campo da pesquisa outros materiais de leitura foram incorporados como os livros produzidos ou indicados por interlocutores da pesquisa e influenciadores do campo analisado, pois o próprio campo produz um tipo de conhecimento. Essas leituras viabilizaram a explicação de um dos pilares da paternidade ativa e são apresentadas no decorrer da obra.

Concomitante a esse momento foi realizada pesquisa de campo. Esta foi sendo construída nos diferentes espaços apresentados acima. Participei de eventos online sobre paternidade, acompanhei lives em diferentes perfis, observava as postagens, assistia aos vídeos e ouvia os podcasts. A coleta era realizada pelo smartfone e notebook.

As *lives* em geral aconteciam no período da noite, pois como o conteúdo se destina para pais geralmente um horário que os filhos estão dormindo iniciando as 20h ou as 21h com duração de 1h. Acrescento que todas as atividades de pesquisa foram sistematicamente registradas em diário de campo online com registros das impressões e prints dos eventos.

Ao trabalhar com vídeos, imagens, áudios e textos em grande volume eu utilizava o diário de campo para registrar as capturas de imagens e transcrição de trechos de áudios relevantes para o tema pesquisado, copiar e colar textos e anotava depois qual foi a fonte e copiava os links. Ao fazer esse trabalho percebi que cheguei em um ponto que necessitava fazer um novo recorte.

Comecei a acompanhar as páginas com maior número de seguidores e fui seguindo a tabela apresentada acima. As páginas foram me levando para outras redes e realizando essa circulação entre as páginas percebi que algumas delas estavam diretamente conectadas a uma conta, ou a uma pessoa o Tiago Queiroz do @paizinho, vírgula.

O Tiago Queiroz é um dos pioneiros em produzir conteúdo sobre *paternidade ativa* na internet. Começou com um blog que compartilhava suas experiências e transformações pessoais com a chegada do primeiro filho, por volta de 2015. A partir do primeiro filho ele passou a estudar sobre criação com apego, disciplina positiva e passou a escrever sobre os temas no blog e expandiu sua produção para um canal no Youtube. Atualmente o paizinho, vírgula está presente além do site e Youtube no Facebook, Instagram e Podcast. Em sua página do Instagram encontramos a seguinte apresentação:

Figura 18 – Biografia Completa – disponível em aba extra

### Bio completa

Thiago Queiroz é pai do Dante, Gael, Maya e Cora. Após o nascimento de seu primeiro filho, passou a se envolver ativamente com a divulgação e produção de conteúdo sobre formas mais empáticas e não violentas de criar filhos.

Ele criou o grupo [Criação com Apego](#) no Facebook em 2013, oferecendo apoio e acolhimento virtual (e, muitas vezes, também presencial) a muitos pais. No mesmo ano, criou o site [Paizinho, Vírgula!](#), um dos poucos lugares atuais mantidos por um pai, em busca de uma forma mais amorosa e conectada de criar os filhos.

Thiago é certificado como líder pela organização *Attachment Parenting International*, e criador do primeiro grupo de apoio oficial no Brasil, a *API Rio*. Além disso, é também certificado como educador parental para a disciplina positiva, pela *Positive Discipline Association*. Atualmente, está fazendo formação em Psicanálise.

O site [Paizinho, Vírgula!](#) oferece textos e vídeos sobre criação com apego, disciplina positiva e parentalidade consciente. Além disso, Thiago é *host* do [podcast Tricô de Pais](#) (um podcast focados em paternidade), *host* do [podcast Coisa de Criança](#) (um podcast exclusivo Spotify e o primeiro podcast no Brasil feito para crianças) e também *host* do podcast *Vai Passar* (um podcast original Spotify feito em parceria com Elisama Santos, sobre relacionamentos e filhos).

Thiago faz de sua vivência como pai a busca pelo desenvolvimento e divulgação de uma forma de criar filhos mais afetuosos, sensível e respeitosa. Além disso, também oferece apoio e amparo a todos que buscam ajuda e informação sobre essa forma de criar filhos.

Um dos resultados de todo esse trabalho e dedicação também está na forma de livro, em [Abraça Seu Filho](#), publicado em 2018, onde ele escreve de forma acessível sobre suas vivências e aprendizados ao criar seus filhos de forma empática e afetiva. É um abraço em forma de livro para todos os pais e mães que apenas querem criar seus filhos de uma forma diferente.

Em 2020, participou do documentário internacional ["Dads"](#), produzido e dirigido por Bryce Howard e com a participação de celebridades como Will Smith, Neil Patrick Harris e Jimmy Fallon.

Em 2021, Thiago publicou o livro infantil *A Armadura de Bertô*, onde ele conta uma aventura sobre o sentir, e sobre a construção de uma masculinidade mais saudável, de forma lúdica e sensível.



Fonte: print realizado pela autora via plataforma Instagram @paizinho,vírgula, 2021.

Como podemos ver, além do paizinho, vírgula Thiago Queiroz participa da construção de outros projetos, em que estabelece parcerias com outros produtores como o podcast tricô de pais com Victor Ourives e Tadeu França (elenco fixo atual, mas já teve outra composição) e o podcast coisa de criança com sua esposa Anne.

Além das parcerias diretas. Ele também apoia outros projetos por meio da família paizinho, vírgula de podcasts utilizando sua influência, visibilidade e autoridade para visibilizar outras iniciativas. As produções encontradas vinculadas a família paizinho, vírgula eram as seguintes: Tricô de pais, Afro pai, Entre fraldas, Balaio de pais, sinuca de bico e coisa de criança.

Em 2021 a família paizinho, vírgula deixa de existir dando espaço a produtora abraça podcast que passou a concentrar alguns dos podcast citados acima. Como um novo recorte foi necessário passei a acompanhar esse grupo que de alguma forma se conectavam inicialmente em torno da influência do Thiago.

Nesse acompanhamento dessas conexões e avaliando todo o material armazenado desde o início da pesquisa, realizo mais um recorte. Passei a acompanhar de perto o podcast Afro pai o primeiro podcast sobre paternidade negra do Brasil. Foram produzidos um total de cinquenta episódios somando mais de 66h de conteúdo.

Essa aproximação culminou na entrevista de alguns dos integrantes e podcasters. As entrevistas foram realizadas de forma semiestruturada e aconteceram por meio de chamada de vídeo sendo somente o áudio gravado e posteriormente transcrito. No momento anterior a entrevista foi enviado aos participantes o termo de consentimento livre e esclarecido para a participação da pesquisa por meio de formulário eletrônico.

Aqui apresento um breve perfil dos pais entrevistados: Caio, 34 anos, homem negro, cis e hétero, estado cível solteiro, mas mora com a companheira que é a mãe do seu único filho Gael, é natural de São Paulo, mas mora em Santiago- Chile, possui ensino superior completo, profissão designer desenhista industrial, mas trabalha como padeiro e microempreendedor. Religião umbandista.

Leandro, 30 anos, homem preto, cis e hétero, estado cível casado, pai do Ben, natural de Belo Horizonte (BH)/Minas Gerais-Brasil, mora em Betim região metropolitana de BH. Possui Doutorado e trabalha como professor universitário, pesquisador e podcaster. Ao ser perguntado sobre religião afirmou ser ateu.

Seguindo a indicação de um dos entrevistados entrei em contato e entrevistei Di Toledo, 33 anos, pessoa negra, trans não-binária agênero, estado cível casado, Zazi de Marina, natural e morador de São Paulo- Brasil. Possui ensino superior completo, trabalha como escritora e audioescritora. Religião umbandista. Di Toledo não era uma das vozes do podcast afropai, mas ajudava na produção e edição dos seus conteúdos.

Todas as pessoas entrevistadas tinham apenas um único filho ou filha, sobre a renda familiar todos foram classificadas como classe média, apresentando um média que variava de seis a nove salários-mínimos, na moeda brasileira, o real.

Com as apresentações dos caminhos, métodos e sujeitos que participaram da investigação concluo o primeiro capítulo deste trabalho, que teve como objetivo conectar o leitor ao universo investigado, mostrar sua complexidade descrevendo os passos da pesquisa e como chegamos nos resultados obtidos que serão explorado nos demais capítulos.

### **3 TRANSFORMAÇÕES NO LAÇO SOCIAL: PATERNIDADES ADJETIVADAS**

*Paternidade tradicional, paternidade presente, paternidade responsável, paternidade ativa, paternidade afetiva, paternidade positiva, paternidade socioafetiva e paternidade consciente. Pai provedor, pai que cuida, pai que ajuda, coparentalidade, paternagem.* Todos esses termos foram encontrados durante a fase de coleta de dados nas

páginas das redes sociais dos pais que produzem conteúdo para as mesmas que foram analisadas no desenvolvimento da pesquisa aqui apresentada.

Os termos apareceram nas descrições de postagens nas redes analisadas, em falas de vídeos gravados e *lives* e por meio de hashtags que acompanhavam a descrição dos conteúdos postados. Mas o que todos esses qualificativos de fato nos informam sobre a paternidade?

A sociabilidade humana é marcada por mudanças e permanências ao longo de sua existência que reelaboram e tencionam relações que são constituídas de poder. A ideia de poder aqui compartilhamos o entendimento de Foucault quando em suas obras o define como algo que não tem um lócus que o detém, mas acontece nas relações sendo uma prática social.

Com o advento da modernidade houve profundas reelaborações e tensionamentos nas relações que são constituídas de poder. A família entendida como uma instituição basilar vem refletindo esse processo de mudança, pois tem um duplo papel de absorver as mudanças ao redor e também ser a gente para as transformações vigentes apresentando diferenças em sua forma e conteúdo ao longo dos séculos.

### **3.1 De família à Famílias: pluralização e individualização**

As perguntas: o que é uma família? O que a constitui e a define? Vem sendo feita por inúmeros estudiosos nos diferentes ramos das ciências humanas. E as respostas para essas questões dependem do momento histórico e do grupo social que se investiga, pois a família é uma construção sociocultural que sofre e contribui para transformações nos laços sociais (MELLO, 2005).

Quem se dedicar a investigar sobre a produção acadêmica no que concerne a família moderna ocidental vai perceber de modo geral que as principais transformações sociais, importantes para compreender a categoria, iniciam por volta dos séculos XVI e XVIII (ELIAS, 2012), mas é a partir do séc. XIX que podem ser percebidas de forma nítida no cotidiano familiar (SINGLY, 2007; GIDDENS, 1993).

O advento da modernidade trouxe um conjunto de mudanças que alteraram a construção do laço social impactando diretamente na morfologia da família. Aqui destacamos algumas delas: a mudança no modo de vida do campo com foco no desenvolvimento agrário para a cidade com o modelo urbano e empregos assalariados; o desenvolvimento da medicina; a consolidação da escola como instituição e a maior intervenção do Estado na regulação da família.

O desenvolvimento da medicina propiciou a erradicação ou tratamento eficazes de doenças, a criação do conceito de higiene e sua prática, que culminou na maior longevidade da vida humana, menor taxa de mortalidade ainda na primeira infância, assim impactou principalmente na expectativa de vida das mulheres e das crianças (BECK; BECK-GERNSHEIM, 2017). Que serão as protagonistas das principais mudanças que irão acontecer no seio da família contemporânea.

Diante das novas estruturas sociais a família foi sendo reduzida em seu tamanho. Na base organizacional da sociedade moderna os princípios organizadores foram e ainda são os conceitos de liberdade e igualdade. Os valores revolucionários que embalsamaram a sociedade moderna também agiram sobre a família e ainda hoje sentimos seus desdobramentos.

No entanto, “[...] o modelo de família surgido com a sociedade industrial e chamado pelos sociólogos de “família nuclear” é o oposto da idéia de igualdade, que viveu sua ascensão política no mesmo período.” (BECK; BECK-GERNSHEIM, 2017, p.13). Os valores modernos foram válidos inicialmente somente para os homens, as mulheres permaneceram em primeiro momento inacessíveis a esses valores de forma direta.

Uma justificativa lógica para esse acontecimento veio por argumentos “científicos biológicos”, pois não poderia ser somente pela tradição ou hierarquia, pois esses preceitos também estavam sendo questionados pelos “novos” princípios ordenadores da sociedade.

Dessa forma, a mulher pela sua natureza foi empurrada para a gerência da família no âmbito privado, e, ao homem coube a gerência do espaço público. A mulher passou de procriadora a mãe e o pai continuou em um local de poder, pois o espaço público é mais valorizado socialmente que o espaço doméstico, mas não um poder absoluto como outrora devido as intervenções do Estado na família.

No livro Sociologia da Família Contemporânea o autor, François de Singly, apresentou uma divisão das mudanças ocorridas no que toca a família em dois períodos. A primeira modernidade corresponde ao período do século XIX até os anos de 1960 e a segunda modernidade remete as transformações marcadas a partir dos anos de 1960 até a contemporaneidade (BECK; BECK-GERNSHEIM, 2017; SINGLY, 2007; GIDDENS, 1993).

A primeira modernidade, segundo François de Singly, teria sido marcada pelo amor no casamento como eixo estruturante das relações, pondo fim ao casamento como uma instituição com interesses comerciais e políticos entre famílias; a divisão estrita de papéis de gênero, entre o homem e a mulher no seio da família; atenção a saúde e educação das crianças, que geraram novas demandas ao casal. A família patriarcal ou extensa foi dando espaço a família nuclear ou restrita, misturando o “novo” e o “velho”.

A *família patriarcal* edificada de forma hierárquica em relação ao gênero e geração, homem/pai no topo do poder, mulher/mãe submissa ao marido e filhos subordinados aos adultos, refletia o modelo de estrutura social de uma dada época histórica. Essa família também foi denominada por Singly de *família extensa*, pois possuía fortes relações públicas e laços sociais espalhados. O contato com a parentela era fluído. Sua principal responsabilidade era preparar o indivíduo para o convívio coletivo. E os pais esperavam de seus filhos os cuidados na velhice.

O papel central que o homem exercia nesse modelo, representando o exemplo de força e virilidade a ser seguido, foi paulatinamente sendo substituído pelo modelo do casal dando espaço ao surgimento da *família nuclear* ou a *família restrita* (SINGLY, 2007). Sua principal preocupação não é mais preparar o sujeito para o convívio social, mas a busca pela felicidade familiar e do indivíduo, seus laços sociais são privados e cabem somente a tríade pai, mãe e filhos.

Na família moderna, ao contrário, os elos de parentesco pautam-se menos na propriedade, nos bens comuns do grupo familiar: “as coisas deixam cada vez mais de ser o cimento da sociedade doméstica.” São as relações entre o homem e a mulher, entre os pais e os filhos que fazem viver o espírito de família. (SINGLY, 2007, p.35-36)

Apesar dos valores patriarcais serem evidentes na organização familiar burguesa em relação ao gênero, o poder absoluto do pai patriarcal vem sendo minado pela maior participação do Estado. A exemplo das leis que defenderam o estabelecimento do princípio de igualdade, inicialmente com a perda do direito de progeneritura que estabeleceu igualdade entre os irmãos (os descendentes) e posteriormente entre o casal, a intervenção do estado de direito na família principalmente com leis de proteção social para crianças e mulheres.

[...] é marcante o fato de que, no século XX, o poder concreto da família tenha sido secundarizado. Ao ser dissolvida a instituição familiar patriarcal, a ordem piramidal que tinha o pai no topo deu lugar a outras instâncias produtoras de novas subjetividades. O pai se extraviou ou foi demitido do seu papel cultural [...] (OLIVEIRA, 2001, p.82).

A segunda modernidade, segundo Singly, tem seu início marcada a partir da segunda metade do século XX, foi influenciada pelo movimento feminista e a desestabilização do casamento. O casamento que passou a ser orientado pelo amor difere do casamento anterior, pois na ausência deste sentimento não há motivos para perpetuar a união, dessa forma a instauração do divórcio por consentimento mútuo traz o ideal da liberdade. Amor e liberdade passam a dar a tônica das relações entre casais.

Como resultado da popularização e adesão ao divórcio, se tornaram cada vez mais comuns os rearranjos familiares resultantes das novas configurações de recasamentos ou não casamentos, estes vieram endossar a pluralidade das organizações familiares. No tema da parentalidade os termos monoparentalidade ou pluriparentalidade se tornam cada vez mais comuns e objetos de investigação (BECK; BECK-GERNSHEIM, 2017). Assim, a “família nuclear, modelo inspirador da sociedade ocidental é cada vez mais uma experiência minoritária” (UZIEL, 2007, p.20).

A família passou por reestruturação em um cenário capitalista e urbano, que produziu alterações profundas no laço social. No qual, “A divisão de papéis constituinte do “modelo antigo”, onde o homem é o provedor e a mulher é a responsável pela casa e pelo cuidado dos filhos, não perdura no modelo atual de família” (NEGREIROS; FERES-CARNEIRO, 2004).

Foi a partir dos anos de 1960 que o ideal de igualdade e liberdade passou a ser pensado entre o homem e a mulher nas famílias de relações heterossexuais, estabelecendo uma igualdade entre o casal. A literatura sobre a família a partir do final do século XX ressalta que o acesso das mulheres a educação, ao mercado de trabalho e o maior controle sobre a gravidez pelo desenvolvimento de métodos anticonceptivos foram fatores fundamentais para compreender as novas configurações familiares.

Outro movimento que será relevante para repensar a família no fim do século XX e XXI é o movimento de liberação sexual e que atualmente é representado pela sigla LGBTQIA+<sup>21</sup>. Ao passo que nas últimas décadas do século XX havia a popularização do divórcio entre casais heterossexuais, por parte dos casais homossexuais a luta era pelo direito de casar e também de ter filhos (MELLO, 2005; UZIEL, 2007). A reclamação dessa população para ter acesso a família reconhecida pelo Estado, pós em questão valores sociais como o “heterocentrismo compulsório” e abrindo ainda mais o leque de possibilidades de ser família na contemporaneidade.

O surgimento destes elementos na sociedade ocidental foram os responsáveis sobre o que muito se discutiu sobre a “crise da família”,

Os últimos cinquenta anos têm sido marcados por uma recorrência obsessiva de discursos sobre desestruturação da família, perda do prestígio social do casamento e banalização do amor como ponto de partida para a construção de projetos duais de existência. As críticas aos imperativos absolutos da monogamia, da coabitação, da indissolubilidade, da exclusividade, da complementaridade da compulsória reprodução biológica ganharam a arena política, despertando, em contrapartida, o medo e a ira dos defensores de uma concepção de família naturalista e sagrada,

---

<sup>21</sup> Lesbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexuais, Assexuados e o símbolo mais indica demais expressões de gênero e de sexualidade que existem.

fundada em valores religiosos e encarregada da missão – primeira e insubstituível – de assegurar a coesão social e a reprodução da espécie (MELLO, 2005, p.27).

Acerca desse debate Singly discorda da existência de uma “crise da família” e indica que as alterações ocorridas do tecido social convergiram para o declínio da *família patriarcal* e a perda da hegemonia da *família nuclear* e o aparecimento de novos modelos familiares.

Nesse processo de mudanças, do declínio de um modelo de civilização hierárquica para um modelo de sociabilidade mais horizontal nas relações familiares, podemos perceber uma disputa entre uma concepção singular que se pretende hegemônica e normativa, que defende um modelo identificado como tradicional de família, e outra que visa a pluralidade reconhecendo diferentes formas de ser família.

Considerando e reconhecendo a existência de novos paradigmas familiares e a disputa pela legitimação social destes, a investigação acadêmica passou a considerar e compreender a categoria Família no plural. As famílias podem ser classificadas enquanto no número de pessoas que compõem os laços familiares, podendo ser mono ou pluri, também pela forma em que se organizam podendo ser recomposta ou por adoção (UZIEL, 2007). Mas, vale destacar que é a presença de uma criança ou de um filho que tem validado a ideia geral de famílias.

A liberdade de escolher: casar-se ou não, a possibilidade do divórcio, a possibilidade de escolher em que momento da vida ter filhos, o surgimento de novas famílias que rompem com a lógica da família nuclear... Junto desse conceito e exercício da liberdade, próxima a um discurso de igualdade, foi que o conceito de individualização passou a ser um elemento chave na compreensão dos novos modelos familiares contemporâneos.

A individualização significa: as pessoas são libertas dos papéis de gênero internalizados, previstos no projeto de construção da sociedade industrial para a condução da vida segundo o modelo da família nuclear. E, ao mesmo tempo, elas se veem obrigadas (e isto pressupõe e agrava o aspecto anterior), sob pena de prejuízo material, a construir uma existência própria por meio do mercado de trabalho, da formação e da mobilidade e, se necessário, a impor e conservá-la em detrimento dos laços de família, parceria e vizinhança (BECK; BECK-GERNSHEIM, 2017, p.18).

Além da liberdade dos papéis de gêneros é importante ressaltar a horizontalidade nas relações pais e filhos que encontramos na família contemporânea. Para a reflexão feita neste trabalho é válido considerar junto as transformações oriundas dos movimentos feministas e LGBTQIA+, o lugar social simbólico atribuídos à infância e às crianças ao longo dos séculos.

A descoberta da infância marcou um amplo processo de mudança nas relações sociais entre os adultos e as crianças, que eram vistas inicialmente como adultos em miniaturas

em sociedades passadas, e agora em nossa sociedade moderna são consideradas indivíduos em um processo de desenvolvimento.

No contexto atual que impera os conceitos de igualdade e liberdade que transformaram as relações familiares e sociais em sua essência com o processo de individualização “[...] a criança se torna para muitas mulheres e homens uma fonte básica de felicidade” (BECK; BECK-GERNSHEIM, 2017, p.145). Mas, esse é apenas um aspecto na atualidade, a criança também representa investimento financeiro, de tempo e de amadurecimento emocional que em algumas situações pode entrar em paradoxo com o ideal de felicidade na sociedade que vive um processo de individualização.

Para o homem a coisa toda é ainda mais inédita, pois a relação pai e filho não mediados pela mãe, ou outra figura feminina, é um fenômeno aparentemente recente, mas que se torna cada vez mais comum com as situações de rupturas conjugais e em casos de casais homoafetivos. O pai está sendo cobrado pela sociedade a participar cada vez mais da construção familiar contemporânea.

### **3.2 Reflexões sobre as Paternidades Contemporâneas: da paternidade responsável à paternidade ativa**

As novas formas de famílias, que estavam cada vez mais em pauta no avançar do século XX impulsionadas principalmente pelos movimentos feministas e LGBTQIA+, que colocaram em análise a reprodução sexual e das relações sociais, impuseram ao conjunto da sociedade repensar os lugares que cada participante da família deve ocupar. Nessa cinesia de reorganização das famílias o lugar do pai e de como esse deve exercer sua paternidade, vem sendo debatido dentro e fora da academia.

Nas últimas décadas vem sendo debatido o surgimento do “novo pai”, da “nova paternidade” e essa construção parece que atende a necessidade de realocar o pai no seio da família e da sociedade atendendo os princípios de igualdade e liberdade em disputa com o modelo de pai que atende a princípios patriarcais e religiosos.

Proponho aqui dividir os estudos sobre a paternidade em dois momentos. O primeiro referente aos estudos sobre reprodução sexual e o destaque para a responsabilidade do homem/pai no sentido legal e de saúde. O segundo momento em que os debates e discussões se centram no cotidiano e nas relações interpessoais influenciados pela psicologia.

Os estudos realizados sobre paternidade no fim do séc. XX em geral apontavam a importância do pai no cuidado e criação dos filhos, contrapondo a ideias que eximia o homem

de ocupar o lugar do cuidado. Nesse sentido, havia duas questões centrais nesses estudos, uma era denunciar os impactos negativos de ausência do pai com o filho e, assim, a outra exaltava os benefícios e importância de uma relação efetiva entre eles (BERNARDI, 2017). O terapeuta junguiano Guy Corneau escreveu sua obra *Pai ausente, filho carente* explorando o silêncio entre pai e filho e os impactos psíquicos dessa relação afetiva distante ou inexistente.

Analisando o primeiro momento de produção e problematização sobre a paternidade, podemos indicar que valorizar a posição do pai e denunciar sua ausência, refletia o debate social sobre a reposição dos lugares do homem e da mulher nas famílias de relações heterossexuais. Qual o lugar do pai e da mãe na família contemporânea que impera os conceitos de igualdade e individualidade?

Nesse contexto de questionamento e reflexão sobre a paternidade o termo *paternidade responsável*, passou a ser utilizado em trabalhos acadêmicos, nas produções, principalmente, nas áreas da saúde e direito. Podemos apontar inicialmente que esse termo se contrapõe ao papel do pai dentro da *paternidade tradicional* que remetia ao modelo de *família tradicional* em que o local do pai era o de prover o sustento e ter um local hierárquico de autoridade.

No âmbito do direito a terminologia *paternidade responsável* foi introduzida e debatida no direito civil depois da constituição de 1988, tendo em vistas combater o abandono paterno afetivo, que frequentemente ocorre após o divórcio, em relações heterossexuais, pois o pai ao romper laços com a mãe acabava por abandonar o filho rompendo os laços afetivos e de convivência.

Ao continuar a investigar sobre a utilização do termo *paternidade responsável* retomamos o trabalho de dissertação de Margareth Arilha, intitulado: *Masculinidades e gênero: discursos sobre a responsabilidade na reprodução*. Nesse estudo, a pesquisadora analisou a “Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento” promovida pela Organização das Nações Unidas (ONU) no Cairo em 1994.

Segundo Arilha o documento gerado dessa conferência foi o marco legal e político para a estimulação junto aos homens para assumirem responsabilidade por seu comportamento sexual, e sua contribuição junto a família e filhos. A partir desse momento o homem foi convocado a também pensar e integrar a vida reprodutiva pelo Estado, aqui destaco a compreensão de Estado ampliado englobando também a participação da sociedade civil.

Após a conferência que teve como objetivo orientar os debates e políticas oficiais podemos perceber seus desdobramentos presentes em campanhas, projetos e publicações sobre

paternidade no Brasil<sup>22</sup>. A seguir apresento uma tabela expondo as principais iniciativas mapeadas em dados coletados no site da Promundo, do Instituto Papai, nos textos de Arilha(1999; 2005) e Silva(2019) e ainda em dados anotados na fase de coleta da pesquisa em redes sociais anotadas em diário de campo:

Quadro 3 – Linha do tempo

<b>Ano</b>	<b>campanhas, projetos e publicações e eventos sobre paternidade no Brasil:</b>
1994	Brasil participa e assina a “Conferencia Internacional sobre População e desenvolvimento”, Cairo, 1994.
1995	Brasil participa e assina a “Declaração de Ação IV Conferência Mundial Sobre a Mulher”, Pequim, 1995; Fundação do Grupo de Estudos sobre Sexualidade e Paternidade (Gesmap/Ecos)
1997	Fundação do Instituto Papai Campanha “Paternidade: desejo, direito e compromisso!” Instituto Papai
1998	Fundação do Instituto PAPAÍ I Seminário Internacional, Sexualidades e Reprodução, em São Paulo, organizado pela ecos e IMS/UERJ.
1999	Lançamento da campanha Brasileira Laço Branco: homens pelo fim da violência contra as mulheres; Gema/PAPAI/ RHEH
2002	Lançamento do manual Projeto H: Série Trabalhando com Homens Jovens (Contém cadernos sobre sexualidade e Saúde Reprodutiva e Paternidade e Cuidado) e Vídeo “Minha Vida de João”(Promundo, Instituto Papai, ECOS e Salud y Género)
2003	II Seminário internacional Homens, Sexualidades e Reprodução; (tema: tempos, práticas e vozes), em Recife, organizado pelo Instituto PAPAÍ e Núcleo Família, Género e Sexualidade (FAGES) da UFPE (ambos filiados a Rede Feminista Norte-Nordeste de estudos e pesquisas sobre Mulher e Relações de Género), em parceria com o Núcleo de Estudos de População (NEPO) da UNICAMP e projeto Pegapacará
2005	Campanha “Amor de Pai deve ser declarado: registre seu filho!”(RHEG) III Seminário internacional Homens, Sexualidades e Reprodução, (tema: participação popular), em Recife, sendo novamente organizado por dois grupos de pesquisa que integram a REDOR: o Instituto PAPAÍ e o Núcleo FAGES, além do Núcleo de Estudos sobre Género e Masculinidades (Gema) da UFPE;
2006	Lançamento do manual Programa M e do Vídeo “Era uma vez uma outra Maria” (Promundo, ECOS, Instituto Papai, Salud y Género e World education) IV Seminário internacional Homens, Sexualidades e Reprodução, (tema: homens, feminismo e políticas públicas em saúde: entre a produção acadêmica e a pauta política), em Recife, a partir de parceria entre o Instituto PAPAÍ, Gema/ UFPE, Núcleo FAGES/UFPE e a REDOR.
2007	Lançamento da Campanha “Pai não é Visita! Pelo Direito de Ser Acompanhante” (Instituto Papai) Instituição de 06 de dezembro como “Dia nacional de Mobilização dos Homens pelo Fim da Violência Contra as Mulheres” (BRASIL, Lei nº 11/489/07) Cartilha “Homens também Cuidam Diálogos sobre direitos, saúde sexual e reprodutiva no Brasil”(UNFPA e Instituto Papai);

<sup>22</sup> As publicações internacionais que tiveram reverberação no cenário nacional e apareceram no campo também foram registradas na tabela.

2008	<p>Campanha “Da Licença, eu sou pai!” (Gema/PAPAI/RHEG)</p> <p>5º Seminário Brasileiro “Homens e masculinidades”(tema: políticas públicas em saúde), em Recife, a partir de parceria entre Instituto PAPAI, Gema/UFPE, Núcleo Margens/UFSC e Promundo.</p>
2009	<p>I simpósio Global Engajando Homens e Meninos pela Igualdade de Gênero, Rio de Janeiro (Aliança MenEngage; Instituto Papai, Promundo, Save The Children Suécia, UNFPA e White Robbon Compaing Canadá);</p> <p>Publicação “Princípios, diretrizes e recomendações para uma atenção integral aos homens na saúde” (Instituto Papai e RHEG);</p> <p>Lançamento da Portaria N° 1944 - Política Nacional de Atenção Integral a Saúde do Homem (PNAISH) pelo Ministério da Saúde;</p>
2010	<p>Publicação Homens e Masculinidades: práticas de intimidade e políticas públicas (Instituto Papai, Promundo, Gema/UFPE e Margens/UFSC);</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>•I Seminário Internacional Saúde do Homem nas Américas, em Brasília (Ministério da Saúde e Ministério do Exterior)</li> </ul> <p>6º Seminário Brasileiro “Homens e masculinidades”(tema: práticas de intimidade e políticas públicas), em Recife, a partir de parceria entre o Gema/UFPE, Instituto PAPAI/PE; Associação Brasileira de Psicologia Social (ABRAPSO), Rede Brasileira de Homens pela Equidade de Gênero (Rheg), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Instituto Promundo/RJ, Fórum LGBT de Pernambuco e o Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFPE.</p>
2012	<p>Campanha “Você é meu Pai”, site <a href="http://www.voceemeupai.org.br">www.voceemeupai.org.br</a> e vídeo “A história de Márcio” (Promundo e MenEngage);</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>•Projeto “Fortalecimento e disseminação da Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem”, realizado pela Fundação Oswaldo Cruz com financiamento da Diretoria Executiva do Fundo Nacional de Saúde;</li> <li>•Publicação do Provimento n. 16 da Corregedoria Nacional de Justiça (CNJ): estabelece procedimentos para facilitar o reconhecimento de paternidade, ainda que tardiamente;</li> <li>•Publicação “Comunicado nº 149 - Trabalho para o mercado e trabalho para casa: persistentes desigualdades de gênero” (IPEA);</li> <li>•Certificação Unidade de Saúde Parceira do Pai (SMS-Rio em parceria com Instituto Promundo, SBP, SOPERJ, ABENFO, ReHuna, UFRJ);</li> </ul>
2013	<p>Seminário Nacional sobre Paternidade e Cuidado no Rede SUS (Coordenação de Saúde do Homem do Ministério da Saúde);Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro; Comitê Vida e Instituto Promundo;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>•Lançamento do blog “Paizinho, virgula!” <a href="http://www.paizinhovirgula.com">www.paizinhovirgula.com</a>;</li> <li>•Campanha “Pai Presente: Cuidado e Compromisso”. (Coordenação de Saúde do Homem do Ministério da Saúde);</li> </ul>
2014	<ul style="list-style-type: none"> <li>•Lei 13.010/14 – Lei Menino Bernardo;</li> <li>•I Seminário Pré-Natal do Parceiro e Saúde do Homem (Ribeirão Preto/SP);</li> <li>•I Simpósio de Atenção Integral a Saúde dos Homens, em Brasília (Ministério da Saúde e Organização Pan-Americana de Saúde/Opas);</li> <li>•Projeto “Os cuidados masculinos voltados para a saúde sexual, a reprodução e a paternidade a partir da perspectiva relacional de gênero”, realizado pela Fundação Oswaldo Cruz com financiamento da Diretoria Executiva do Fundo Nacional de Saúde;</li> <li>•Lançamento de nova “Caderneta da Gestante” (Ministério da Saúde)</li> </ul> <p>-Guía de Paternidad Activa para padres (Hogar de Cristo, Fundación CulturaSalud, UNICEF)</p>

2015	<p>-Lançamento da segunda edição do Programa P: Manual para o exercício da Paternidade e do Cuidado (Promundo, CulturaSalud, REDMAS e Coordenação de Saúde do Homem do Ministério da Saúde);</p> <p>-Lançamento do Curso à Distância Promoção do Envolvimento dos Homens na Paternidade e no Cuidado (Promundo e Coordenação de Saúde do Homem do Ministério da Saúde);</p> <p>-Lançamento Livro – Papai é pop (Autor Piangers)</p> <p>Lançamento do documentário The Mask You live</p>
2016	<p>-Inclusão do Pré-Natal do Parceiro na Nova Caderneta da Gestante (Ministério da Saúde);</p> <p>-II Seminário Nacional Paternidade e Primeira Infância, em Recife (Instituto Papai, Instituto Promundo e Rede Nacional Primeira Infância);</p> <p>-Lancamento do Relatório Situação da Paternidade no Brasil (Instituto Promundo);</p> <p>-Lançamento do Guia do Pré-Natal do Parceiro para Profissionais de Saúde (Coordenação de Saúde do Homem do Ministério da Saúde);</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>•Lançamento do Curso à Distância Pai Presente Cuidado e Compromisso (Coordenação de Saúde do Homem do Ministério da Saúde);</li> <li>•Oficinas de lançamento do Guia do Pré-Natal do Parceiro para Profissionais de Saúde (Coordenação de Saúde do Homem do Ministério da Saúde);</li> <li>•Início da Pesquisa Nacional Saúde do Homem Paternidade e Cuidado (Coordenação de Saúde do Homem e Ouvidoria Geral do SUS do Ministério da Saúde)</li> </ul> <p>Lançamento do Livro Papai é Pop 2 (Piangers)</p>
2017	<p>Publicação da Nota Técnica conjunta: Recomendações do Ministério da Saúde para regulamentar as atividades de orientação sobre paternidade em relação ao Marco Legal da Primeira Infância. (Coordenação de Saúde do Homem, Saúde da Criança, Saúde da Mulher, Atenção Básica e Saúde do Trabalhador do Ministério da Saúde)</p> <p>- Relatório Estado de La Paternidade de América Latina y el Caribe (Mencare, IPPF, WHR, Promundo, EME, Menengage)</p>
2018	<p>Cartilha para pais: como exercer uma paternidade ativa / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas;</p> <p>Publicação da Cartilha: Maternidade também é lugar para o pai/parceiro;(Coordenação de Saúde do Homem do Ministério da Saúde);</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>•Publicação da Cartilha para pais;(Coordenação de Saúde do Homem do Ministério da Saúde);</li> <li>•Publicação da Cartilha: Como envolver o homem trabalhador no planejamento reprodutivo, pré-natal, parto e desenvolvimento da criança. (Coordenação de Saúde do Homem do Ministério da Saúde);</li> <li>•Publicação do folder e cartaz sobre Licença Paternidade; (Coordenação de Saúde do Homem do Ministério da Saúde);</li> <li>•Lançamento do vídeo na plataforma Viva mais SUS sobre o Pré-Natal do Parceiro. (Coordenação de Saúde do Homem do Ministério da Saúde);</li> </ul>
2019	<p>A Situação da Paternidade no Brasil 2019: Tempo de Agir. Rio de Janeiro, Brasil: Promundo, 2019</p> <p>Evento online – PAI : desafios das paternidades atuais (Papo de Homem)</p> <p>Documentário o Silêncio dos Homens (Papo de Homem)</p> <p>Lançamento documentário Dads/Pais – exibido em canal fechado e pago</p>
2020	<p>Evento online – PAI : desafios das paternidades atuais (Papo de Homem)</p>
2021	<p>Evento online – PAI : desafios das paternidades atuais (Papo de Homem)</p> <p>Lançamento do Filme Paternidade exibido em plataforma de streaming</p>

Fonte: compilado pela autora.

Partindo de 1994 a agenda sobre paternidade é constante encabeçado em primeiro momento pela sociedade civil organizada em institutos em redes com diálogos com movimentos sociais e universidades, geralmente públicas. O adjetivo responsável passou a ser utilizado para identificar um pai que cumpre principalmente com seus deveres legais e de saúde e começa a se abrir para as questões afetivas, representa ao que se apresentava como “novos pais”.

A ideia de paternidade responsável apresenta que nos novos modelos familiares os pais que persistirem em manter valores arcaicos são considerados irresponsáveis, se lembrarmos que o princípio da liberdade que somente é possível com a igualdade entre os pais em relações heterossexuais é o que rege as sociabilidades familiares contemporâneas.

Na Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem (PNAISH) lançada em 2009, que tinha como escopo abordar a saúde do homem e introduzi-lo no campo dos direitos reprodutivos com foco no planejamento familiar a nomenclatura foi empregada para sinalizar que a atuação do pai no seio familiar e social deveria estar em pé de igualdade perante a mãe (PEREIRA, 2015).

Permanecendo avaliando a PNAISH encontramos bem próximo a *paternidade responsável* o termo *paternidade participativa*. Agora o homem é incentivado além ser responsável, de forma legal e garantindo a saúde da família, a acompanhar as diferentes fases do desenvolvimento da criança iniciado no planejamento familiar como aponta Pereira ao analisar a PNAISH,

O lugar do pai poderia ir além da noção de uma paternidade responsável, presente no discurso médico e governamental, pois ser responsável implicaria em participar. Essa participação vai sendo inserida pela PNAISH, na medida em que incentiva os homens a se integrarem, de forma ativa, desde o planejamento familiar, no sentido de definir, inclusive, quando se está pronto para ser pai, o que vai produzindo, no contexto dessa discussão, diferentes ou outros sentidos à paternidade (PEREIRA, 2015, p.71).

A *paternidade participativa* é a marca da transição de um discurso Médico e legal sobre paternidade para uma abordagem com ênfase no cotidiano familiar, com foco na igualdade entre o casal (SINGLY, 2007) e afetividade em relação aos filhos, demonstrada pela participação nas diferentes fases de desenvolvimento da criança.

Por volta de 2015 o vocábulo *paternidade ativa* passou a ter visibilidade nos debates sobre paternidades. Esse coincidiu com a maior acessibilidade a aparelhos que possibilitam o acesso à internet com destaque aos smartphones que viabilizou a popularização das redes

sociais online. Assim a expressão passou a ser divulgada por intermédio de pais produtores de conteúdos e influenciadores digitais principalmente em plataformas digitais.

Mas afinal, o que é a *paternidade ativa*? E o que a difere das nomenclaturas anteriores? De imediato, afirmamos que em comum com as expressões destacadas anteriormente o termo se opõe e busca romper com os paradigmas da *paternidade tradicional*, na qual o homem ocupa o lugar de pai-provedor.

O que a difere das demais é que esta marca o segundo momento proposto por esta pesquisa para pensar a paternidade, que para manter os princípios de liberdade e igualdade entre o casal que passa a se estender no vínculo entre pais e filhos em uma relação cada vez mais horizontal a psicologia entra para mediar as relações.

Em pesquisa no universo on-line sobre paternidade ativa encontramos diferentes sites<sup>23</sup> que exibiram matérias feitas com pais ou que falavam sobre a paternidade Ativa e encontramos algo em comum entre eles, todos indicaram o mesmo documento como a referência para o assunto.

O documento em questão foi o “Guía de Paternidad Activa para Padres” organizado pela Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) em parceria com as instituições *Hogar de Cristo* e a *Función Cultura Salud* lançado em abril no ano de 2014 na cidade de Santiago de Chile.

O guia é constituído de quinze páginas e se apresenta como um material de apoio para aqueles que desejam exercer uma *paternidade ativa*, que seria mais participativa e corresponsável em seu papel de pai e no relacionamento do seu filho. O guia indica que seu conteúdo é para todos os pais, sejam eles biológicos, adotivos, padrastos ou pais sociais.

O guia apresenta a definição de pai ativo nos seguintes pontos:

- a) Ter uma relação afetuosa e incondicional com seu filho;
- b) Manter uma relação que vá além do provimento financeiro;
- c) Participar dos cuidados diários e da criação do seu filho, dando comida, ajudando-o a se vestir, colocando-o para dormir e ensinando-o;

---

<sup>23</sup> Links para as matérias de meios de comunicação online. Empresa Brasil de Comunicação, disponível em < <https://memoria.ebc.com.br/infantil/para-pais/2016/05/como-exercer-uma-paternidade-ativa>>. Acessado em 03/08/2022.

Greenme, disponível em < <https://www.greenme.com.br/viver/costume-e-sociedade/61935-guia-ajuda-homens-a-adotarem-uma-paternidade-ativa/>>. Acessado em 03/08/2022.

Dentro da História, disponível em

<<https://www.dentrodahistoria.com.br/blog/familia/paternidade/paternidade-ativa-beneficios/>>. Acessado em 03/08/2022.

Teamtexgroup, disponível em < <https://www.teamtex.com.br/blog/paternidade-ativa-a-importancia-de-ser-um-pai-presente>>. Acessado em 03/08/2022.

- d) Promover um vínculo carinhoso, de apego mútuo e de proximidade emocional com seu filho;
- e) Compartilhar com a mãe as tarefas de cuidados com o filho e com a casa;
- f) Estar envolvido em todos os momentos do desenvolvimento do seu filho: gravidez, nascimento, primeira infância e adolescência;
- g) Incentivar o desenvolvimento de seu filho :lendo histórias, cantando e/ou colocando música, apoiando -o em trabalhos de casa e brincando com ele.

Podemos observar que o apelo repousa em manter a responsabilidade “conquistada” e demarcada pelo discurso da paternidade responsável e avançar mais para a *paternidade participativa* sendo ativo no cotidiano de cuidados. A ideia da *paternidade ativa*, assim como a da *paternidade responsável*, novamente nos revela em seu contradito que o pai não manifesta sentimentos e nem cuida dos filhos.

Ainda avaliando o documento encontramos associada a definição demonstrada acima no guia, a preocupação em em publicização dos benefícios de exercer essas práticas que caracterizam uma *paternidade ativa*, para a criança, para o pai e para a família. Como se fosse necessário convencer e quase vender a ideia da *paternidade ativa* para os homens.

Na sequência o documento também apresenta os principais impedimentos para o exercício desta modalidade de paternidade, aqui destaco um dos impedimentos apregoado: o machismo. O trecho a seguir foi retirado do documento aqui discutido, “el machismo: creer que el cuidado de los hijos es tarea de las mujeres y que tu rol de papá es de “ayudante”<sup>24</sup> (AGUAYO; KIMELMAN, 2014, p.4).

Destaco esse ponto, pois o combate a ideia do pai que ajuda contrapondo com a ideia do pai que cuida foi encontrada com frequência no material produzido pelos homens que acompanhei durante a pesquisa e será explorada melhor a diante no texto. Mas já demarco que a igualdade de gênero é uma das bandeiras dentro dos debates da *paternidade ativa*, deixando transparecer pensamento com ideias feministas.

No entanto, nesse modelo de paternidade o princípio de igualdade não é somente entre o casal, existe uma horizontalidade nas relações entre todos os membros da família – pais e filhos. Os filhos assumem uma posição de igualdade perante os pais. Nessas famílias a educação e criação dos filhos terá como eixos centrais de orientação: Respeito, Amor e Liberdade (as individualidades).

---

<sup>24</sup> Tradução da autora- “O machismo: acredita que o cuidado com os filhos é trabalho das mulheres e que o seu papel como pai é de “ajudante”.

Na tentativa de manter esses princípios orientadores busca-se um equilíbrio dentro da *paternidade ativa* entre manter o amor, a afetividade e de alguma forma exercer o poder de forma horizontal impondo limites aos filhos na sua criação. Nesse contexto as teorias psicológicas e conhecimentos apresentados pela neurociência vem sendo incorporadas como resposta a essa demanda.

O lugar da criança na família é o principal diferencial desse modelo de paternidade para os outros citados anteriormente, o pai pode ser responsável e participativo, mas optar por uma educação punitiva e violenta que vai de encontro com o princípio de amor e respeito presente na *paternidade ativa*, que apresenta junto a seus princípios uma educação no seio familiar embasada no amor e respeito.

Para este trabalho vamos entender os adjetivos apresentados no início do capítulo que acompanham a ideia de paternidade e de pai como marcos de mudanças e ressignificações em seu lugar e práticas dentro das famílias na contemporaneidade. Pois, a necessidade de qualificar acabou por debater a importância dos pais na educação e criação dos filhos que identificou sua ausência e danos recorrentes dela, assim o conjunto da sociedade convoca e ao mesmo tempo apela junto a esse pai por mudanças comportamentais como pai, utilizando de medidas estatais, para repensar seu lugar.

Para refletir seu lugar de pai e de como exercer sua paternidade os homens tiveram que repensar a concepção de masculinidades. Dessa forma, o momento da paternidade vem sendo apontado com frequência por homens como momento crucial para a mudança da sua percepção enquanto homem, e questionar os princípios de sua masculinidade, questionando sobre sua relação, ou a não relação com o seu próprio pai e como deseja estabelecer sua relação com o seu filho.

### 3.3 “Ninguém nasce homem, torna-se homem”

Oi meu nome é Thiago eu sou pai e precisamos falar sobre machismo na criação dos nossos filhos.

Bom então o que acontece? A gente tem dois filhos meninos aqui.

Então uma das nossas maiores preocupações, não só da Anne, mas minha também, é que a gente faça de tudo para que a gente não crie dois porcos machistas.

Eu estou no meu próprio caminho de desconstrução de um monte de coisas, de uma vida inteira carregada de machismo e eu não quero que os meus filhos já cresçam com isso.

Então eu quero que seja ao contrário, que eles não precisem desconstruir tanto quando eles chegarem a fase adulta e que as coisas já venham cada vez mais, né, que eles tenham exemplos de uma relação equânime dentro de casa[...]

(Trecho transcrito do vídeo intitulado Machismo e Criação de filhos)

O trecho acima foi retirado do vídeo intitulado Machismo e Criação de filhos postado no canal Paizinho, Vírgula de autoria de Thiago Queiroz na plataforma do YouTube no ano de 2017. A descrição que acompanhava o vídeo era a seguinte:

Como criar filhos sem machismo, ou com o menos efeito possível do machismo na criação? E quando nós já criamos nossos filhos pensando nessas questões, mas a sociedade se encarrega de trazer um monte de elementos do machismo para eles? Como lidar com esses desafios?

As postagens nas páginas dos pais que produzem sobre o combate ao machismo são constantes. Compartilho um pouco do conteúdo encontrado no campo com o leitor por meio de outra postagem está feita na conta de Zeca Gameleira, @paternidadepositiva em 2018, que também chama atenção para a relação da paternidade e a desconstrução do machismo.

Figura 19 - #Paiscontraomachismo



Fonte: Print realizado pela autora na página @paternidadepositiva no Instagram, 2021.

Acompanhando a imagem acima que publicizava a hashtag<sup>25</sup> #PAISCONTRAOMACHISMO encontramos a seguinte descrição:

Figura 20 – Descrição contextualizando a imagem

<sup>25</sup> A hastag simbolizada pelo seguinte símbolo # , vem sendo utilizada nas redes sociais para visibilizar um assunto que pode culminar em uma espécie de campanha ou iniciar um movimento que repercute socialmente sobre o assunto.

 Curtido por sosendopai e outras 187 pessoas  
paternidadepositiva SOBRE MACHISMO / Post 02:

Um tempinho atrás eu havia feito uma postagem sobre o MACHISMO e vejo, novamente, a importância de falarmos sobre esse assunto.

Tem circulado nas redes e em outras mídias os discursos do apresentador e prioritário do SBT, Silvio Santos, direcionando e destilando seu MACHISMO e Racismo sem pudor e protegido pelo clichê da zoação, da gracinha, da piada, da audiência.

Não somente diante disso, mas, de qualquer forma de discriminação, menosprezo, vulgarização, assédio, comportamentos desagradáveis, toque sem consentimento, assovios inapropriados ou qualquer tipo de Violência que seja direcionada a mulher, independente se pessoa pública como a @claudialeitte e @anitta , minha companheira @anykoerich ou de minha filha Ana Bella.

O posicionamento dos homens, pais, maridos, amigos, companheiros, filhos, irmãos que são contra atos e discursos Machistas é de extrema necessidade.

É preciso que estejamos atentos e vigilantes!

É preciso que eduquemos nossas crianças para o amor!

É preciso que VOCÊ eduque seu filho menino para respeitar e não querer diminuir pessoas de outra orientação sexual.

É preciso que falemos sobre e ensinemos nossas crianças sobre o que é MACHISMO!

É preciso combater, lutar, sonhar com um mundo com menos MACHISMO!

Sou pai, sou homem, sou marido, sou irmão, sou professor, sou filho, sou amigo. E em qualquer uma dessas esferas o MACHISMO pode estar presente. Portanto, não é porque um homem ou até mesmo uma mulher que esteja protegido por seu poder, seu equivocado sentimento de hierarquia, sua classe social, sexo ou liberdade de expressão, que pode sair como o Sr. Desprezível Silvio Santos proferindo discursos MACHISTAS e preconceituosos por aí, ainda mais em rede nacional, ainda mais em um programa que em tese possui o objetivo de arrecadar fundos para ajuda humanitária, ainda mais que trata de inclusão, ainda mais... Ainda mais... Nunca mais, MACHISMO não!

Use: #PAISCONTRAOMACHISMO e vamos criar uma rede de pais que efetivamente está focado contra o MACHISMO. .

Fonte: Print realizado pela autora na página @paternidadepositiva no Instagram, 2021.

As duas postagens indicam a frequente preocupação que encontramos no campo de investigação. Que coaduna com os estudos encontrados em nossa pesquisa bibliográfica, nas últimas décadas a paternidade vem sendo investigada a partir das mudanças dos lugares que os membros da família passaram a ocupar fazendo do pai alvo de investigação, e esse, “Está sujeito e é movido pelas transformações socioculturais. Dispõe-se a redefinir seu papel, a restabelecer seu lugar e a repensar modelos que lhe permitam viver a paternidade, senti-la e exteriorizá-la” (GOMES; RESENDE, 2004, p.122).

Nessa perspectiva, é importante destacar que um momento marcante que vem sendo indicado pelos homens para a ocorrência de refletir sobre sua masculinidade tem sido o advento da paternidade (CONNELL,1995),

Em período recente de nossa história, o homem encontrava dificuldades para separar sua individualidade das funções de pai. Manteve-se protegido no silêncio, comprometedor de toda possibilidade de diálogo com a família, especialmente com os filhos. Foi sempre apoiado pela cultura que, sendo patriarcal, reservou-lhe lugar acima da trama doméstica constituída, sobretudo pela mulher e pela criança (GOMES; RESENDE, 2004, p.119).

No entanto, para compreender as preocupações expostas acima no vídeo apresentado aqui por meio da transcrição da fala de Thiago, e as reflexões sobre as masculinidades precisamos retomar as discussões que vem ocorrendo há pouco mais de um século quando surgiu a primeira onda do movimento feminista e pelos movimentos de liberação sexual.

No primeiro momento em que as mulheres entram no cenário político para disputá-lo reivindicaram o direito ao voto e o acesso ao mundo do trabalho, a primeira onda era

composta majoritariamente de mulheres brancas e burguesas e suas pautas de lutas refletiam suas realidades e interesses de classe e raça.

Esse movimento está atualmente na sua quarta onda e passou por várias modificações em sua organização ao longo das décadas, principalmente a partir de 1950, com o feminismo negro (BUARQUE, 2018) a pluralidade é a principal marca desse momento. Mas, ressaltamos que foi durante sua segunda onda que o movimento feminista chegou na academia e as mulheres passaram a realizar estudos científicos apresentando novas epistemologias na compreensão de fenômenos sociais.

Estudos foram realizados questionando a ideia de desejo “inato” da mulher a maternidade, assim, os papéis sociais e as explicações biológicas e religiosas sobre o tema foram postas em análises, nesse contexto que a frase de Simone de Beauvoir “não nasce mulher, torna-se mulher” ficou conhecida em seu livro o segundo sexo.

Elisabete Bandinter (1994, p.8) recupera em sua obra, XY, que antes do século das luzes “Ser homem ou mulher era antes de tudo uma hierarquia, um lugar na sociedade, um papel cultural”. Que a modernidade perpetuou, pois o princípio de igualdade que passou a reger a sociedade burguesa somente foi válido para os homens.

No primeiro momento da modernidade que as famílias se tornaram menores, realizaram um movimento endógeno na direção do casal e filhos, para atender às novas e complexas demandas impostas pela vida moderna e urbana, o mundo privado foi imposto à mulher e disseminou-se o mito do amor materno, no qual a mulher é considerada um ser “biologicamente” preparado para cuidar, enquanto ao homem foi designado o domínio público (BADINTER, 1993; CHODOROW, 1990).

Essa diferença de lugares convivendo com o princípio de igualdade foi embasado pela ciência. A biologia tornou-se o fundamento para pensar o homem e a mulher na modernidade respaldando cientificamente os espaços que cada um deveria ocupar na sociedade, segundo seu corpo.

O útero e os ovários, que definem a mulher, consagram sua função maternal e fazem dela uma criatura em tudo oposta ao seu companheiro. A heterogeneidade dos sexos comanda destinos e direitos diferentes. [...] Fortalecida com seu poder de gerar, a mulher reina como senhora absoluta no lar, orienta a educação dos filhos e encarna sem contestação a lei moral que decide sobre os bons costumes. É do homem o resto do mundo. Incumbido da produção, da criação e da política, a esfera pública é seu elemento natural (BADINTER, 1994, p.9).

Durante muito tempo sexo e gênero foram interpretados como sinônimos e demarcadores estruturantes na sociedade: se o recém-nascido é considerado biologicamente um menino, socialmente lhe é atribuído o gênero masculino, e se for uma menina, será feminina.

Com base nesta suposta constatação inicial, construções sociais são realizadas para os diferentes gêneros (CONNELL, 1995; OSTERNE, 2001). Mesmo após séculos do início da modernidade, diferenciações em que sexo e gênero são atrelados como sinônimos ainda repercutem no cotidiano familiar e social à exemplo dos cada vez mais populares chá de revelação<sup>26</sup>.

No entanto, tal compreensão vem sendo historicamente contestada pelos movimentos sociais feministas e LGBTQIA+. Teóricas/os que defendem a desvinculação entre sexo biológico e gênero, compreendem gênero como uma “estrutura ampla, que engloba a economia e o estado, assim como a família e a sexualidade” (CONNELL, 1995, p. 189), e que influência a vida das sociedades e dos indivíduos em suas subjetividades. Levando em consideração as relações de poder que estão intrínsecas na sua configuração atual.

Geralmente as pesquisas desenvolvidas inicialmente sobre gênero eram sinônimo de estudos sobre mulheres, gênero feminino ou sobre os movimentos de libertação sexual. Desta forma, o gênero masculino parece ter ficado “intocado”, como se fosse algo natural em um limbo científico, longe de debates e questionamentos do gênero.

Michael Kimmel deu destaque à tradicional “invisibilidade” do gênero masculino, que tanto contribuiu para sua identificação com o humano. É mais que comum diz ele, “tratarmos os homens como se não tivessem gênero, como se sua experiência pessoal do gênero não tivesse importância” (BADINTER, 1994, p.10).

Ainda refletindo sobre os homens, Banditer adverte que, “ser homem se diz mais no imperativo do que no indicativo. A ordem ‘seja homem’ tão frequentemente ouvida, implica que isso não é tão evidente, e tão natural quanto se pretende” (BADINTER, 1993, p. 3-4). O homem ao longo de sua vida teve que provar para os demais que era homem, no sentido de se distanciar do que para ele era ser mulher, então o homem teve que negar seus sentimentos e demonstrar ser viril, forte...o oposto do feminino (BANDINTER, 1993). Daí a reflexão: o que aconteceu para os homens questionarem a sua masculinidade?

Para Bandinter (1993), quando o movimento feminista questionou o seu lugar na sociedade, o homem teve que reavaliar o seu próprio lugar, pois a definição deste se fazia em oposição à mulher, que por sua vez vem se modificando. Assim, para a autora, no fim do século XX o homem generificado começou a se questionar sobre sua identidade. “Seguindo o exemplo das mulheres, que contestam em alto e bom som os papéis tradicionais que lhes são atribuídos,

---

<sup>26</sup> Chá de revelação é uma comemoração que é feita durante a gestação para revelar o sexo da criança, geralmente usando o rosa para representar meninas e o azul se for menino.

alguns homens dizem que querem se libertar da coação da *illusio viril*” (BADINTER, 1993, p.5).

No entanto, Nolasco (1993) discorda em partes desse entendimento, e aponta em seus escritos, que ao longo da história existiram homens que procuram um caminho para suas vidas fora da identificação com a *falocracia*<sup>27</sup>, e que as reivindicações masculinas possuem as suas próprias demandas, baseadas nas experiências subjetivas.

Essas oposições demonstram os dois caminhos que os estudos das masculinidades foram analisados, por um lado uma perspectiva que se define como aliada ao feminismo e outra que se orienta para uma análise independente sobre masculinidade, essa última corrente foi influenciada e “inspirada no movimento mito-poético surgido ao redor do livro de Robert Bly, *Iron John: a book about man* [João de Ferro: um livro sobre homens].(VIGOYA, 2018, p.42)”. Para esta pesquisa, iremos partir de uma matriz feminista sobre o gênero masculino (MEDRADO, LYRA, 2008).

O marco dos estudos sobre as masculinidade ou como são conhecidos: os *Men's Studies*<sup>28</sup>, surgiram por volta da década de 1970, e que durante essas décadas vários pesquisadores passaram a investigar sobre o tema, sendo hoje um campo de estudos consolidado nas ciências humanas, aqui destacamos alguns nomes nacionais e internacionais que produziram sobre o tema: Kimmel (1998) e Connell (1995) Bandinter (1993), Bourdieu (2002), bell hooks (2019), Vigoya (2018), Nolasco (1993) e Medrado (1997).

Os estudos sobre as masculinidades nos permitiram estender aos homens a máxima de Beauvoir, “não nasce, homem torna-se homem”, pois os gêneros são construções. Em geral, as pesquisas sobre a temática da masculinidade, passaram a considerá-la no plural: masculinidades, pois se identificam diferentes construções, experiências e formas nas quais se expressam o gênero masculino. Connell (1995), por exemplo, considera os seguintes tipos de masculinidades: *hegemônica, cúmplice, subordinada e marginal*<sup>29</sup>.

---

<sup>27</sup> Ideologia cuja base se sustenta na premissa básica de que o poder político/econômico, em diversos âmbitos, deva ser exercido somente por homens.

<sup>28</sup> Nas décadas de 60 e 70 do século passado surgiram estudos que marcaram a reflexão sobre o gênero masculino nos países anglo-saxões. Ver mais em SOUZA, Márcio Ferreira. As análises de gênero e a formação do campo de estudos sobre a(s) masculinidade(s). In: *Mediações revista de ciência sociais*. v. 14, n. 2 2009. Disponível em <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/4510>> .

<sup>29</sup> A masculinidade hegemônica é considerada normativa e dominante, explicitando a pauta política misógina e homofóbica, que reafirma o modelo patriarcal da sociedade. Já a cúmplice não reivindica o padrão hegemônico, mas aceita a estrutura de gênero mais ampla, pois se acomoda aos benefícios que recebe do patriarcado, e não se manifesta contrária ao modelo hegemônico. A subordinada, por sua vez, remete a todos os modelos de masculinidade que podem se manifestar sem ser identificadas como hegemônicas, a exemplo daquelas expressas no movimento de liberação gay nos anos de 1970, cujo grupo é alvo de discriminações. E a masculinidade marginalizada, que está geralmente vinculada à classe e etnia, não fazendo parte do padrão hegemônico.

Nos últimos anos, o padrão hegemônico, dominante e normativo vem sendo questionado por diferentes segmentos de homens (CONNELL, 1995). Organização de campanhas pelo fim da violência contra a mulher realizada por homens e grupos de homens começam a se definir no final do século XX.

Destacamos a campanha laço branco que tem seu início no Canadá e no Brasil destaque a criação do Instituto Papai criado na década de 90, um dos pioneiros na reflexão da masculinidade partindo de uma reflexão feminista de sociedade, localizado em Pernambuco e coordenado por Jorge Lyra, atualmente é referência nacional sobre o tema.

Mais recentemente com surgimento e expansão da internet e o acesso as redes sociais que passam pelo processo de plataformação, apresentado no primeiro capítulo, os estudos sobre masculinidades e paternidades encontraram a lógica neoliberal. E outros projetos passaram também a movimentar as discussões sobre as masculinidades em nosso país, gerando recursos financeiros para seus organizadores lhes colocando em lugar de autoridade dentro das redes sociais sobre os assuntos.

O portal “Papo de Homem” é um exemplo. Ele funciona como um espaço catalisador e produtor de conteúdo. Pesquisando em seu site temos acesso a uma lista de 129 projetos e iniciativas nacionais e internacionais que debatem as mudanças do ser homem e de seus desdobramentos<sup>30</sup>.

O grupo também promove eventos para debater sobre aspectos da masculinidade e recentemente lançou os documentários: O silêncio dos homens. Temas como paternidades, combate à violência contra mulher, masculinidade frágil e masculinidade tóxica estão presentes nos temas abordados pelo portal.

Além dos “Papo de Homem” outras iniciativas individuais foram crescendo na internet para tratar sobre as masculinidades, realizando *lives*, rodas de conversas, transitando entre o espaço on-line e off-line com experiências presenciais, alguns realizavam retiros ou círculos de homens que por vezes traziam a ideia do sagrado masculino para a construção de espaços e vivências com inscrições pagas.

Os assuntos e debates que tem sido produzido por esses homens nas redes sociais em primeiro momento nos remete a uma construção subjetiva e cultural neoliberal, sem tocar necessariamente em pautas estruturais, e se tratar de ajustes interpessoais como indicou o trecho

---

<sup>30</sup> Link de acesso a página disponível em <<https://papodehomem.com.br/transformacao-homens-masculinidades-projetos-iniciativas-pessoas/>> Acessado em 04/08/2022.

da entrevista do Leandro postado no primeiro capítulo. Notamos que muitos que produzem os conteúdos se apresentam com formação em *coach*<sup>31</sup>.

As paternidades também ganharam as redes por meio de homens que desejavam encontrar nesse espaço eco para suas questões sobre as masculinidades, mas que também encontraram junto dessa prática um mercado a ser explorado, possibilitando retorno financeiro em pequena ou grande escala.

Os ideais da *paternidade ativa* termo apresentado e conceituado pelo Guia apresentado pela UNESCO em 2014 já estava sendo usado em 2015 nas redes sociais on-line, em revistas, programas de TV, inicialmente tendo artistas e/ou homens de alto poder aquisitivo divulgando a possibilidade de o homem demonstrar envolvimento afetivo na gestação e no parto. Geralmente partos naturais, humanizados e/ou domiciliares, acompanhados por uma doula, que possui um investimento financeiro, longe da realidade maioria das famílias brasileiras. Mas também foi sendo trabalhada por homens de classe média nas redes sociais e se popularizando com eles.

#### **4 PATERNIDADE ATIVA NAS REDES SOCIAIS: elementos constitutivos**

O debate de *paternidade ativa* emerge nas redes sociais *on-line* pelo que investigamos no processo da descoberta da paternidade por uma geração de homens que são atravessados por questões, que como vimos anteriormente vem sendo elaborada nas últimas décadas sobre família e gêneros.

Compartilho com o leitor um trecho longo de um vídeo intitulado “Paternidade ativa” publicado em 2018, elaborado por Thiago Queiroz, Paizinho, Vírgula!, resultado de uma parceria paga<sup>32</sup>. Nesse vídeo o autor busca definir a *paternidade ativa* para as redes.

[...] E esse vídeo vai ser sobre paternidade ativa. Então a gente vai conversar sobre o que é isso. Como é que é paternidade ativa? O que são os pais ativos? Será que isso existe de verdade? Onde vivem? Do que se alimentam?  
 [...] Bom, pra gente começar a nossa conversa aqui, acho que é bom a gente tentar contextualizar essa história da paternidade ativa, que eu acho que ela vem muito assim, andando de mãos dadas com a grande desconstrução que os homens estão passando por aí. E quando a gente fala desconstrução, o que seria isso? É nada mais do que a gente enquanto homem repensar qual é o nosso papel na sociedade. E isso passa muito forte dentro do que a gente entende na família como cuidar de crianças, por exemplo. Lá atrás o meu pai, os meus avós e tudo mais, todos eles pensavam em tipo: "Criar filho? Isso não é coisa pra homem." "Quem tem que cuidar do filho é a mulher e o homem tem que trabalhar." Então assim, parte dessa desconstrução toda vai passar pelo que a gente vai exercer na nossa paternidade. E na maioria das vezes,

<sup>31</sup> Coaching é o termo inglês para o verbo treinar, mas nos últimos anos é utilizado no Brasil para delimitar a relação entre duas pessoas em que o Coach(instrutor/a ou treinador/a) auxilia o/a Couchee(o/a aprendiz) a atingir seus objetivos por meio de planos e metas.

<sup>32</sup> Link de acesso ao vídeo completo <<https://www.youtube.com/watch?v=q6KdKIHdssg>>

a paternidade em si é um gatilho pra essas mudanças na vida do homem, que foi o que aconteceu comigo. E aí todas essas mudanças que acontecem na vida do homem, de repensar o seu papel, passam através da sua paternidade. E nisso a gente consegue fazer logo um gancho pra uma outra grande discussão que existe hoje em dia que é essa coisa toda do pai que cuida e o pai que ajuda.

[...] Então assim, a gente também tem que pensar que a paternidade ativa, na real, é só alguma coisa que nós, pais, já deveríamos estar fazendo desde sempre. Para pra pensar: é o cara que cuida do seu filho. Deveria ser sempre assim. Então a gente, na verdade, quando a gente está falando sobre paternidade ativa, a gente tem que lembrar também desse contexto global, que nos dias atuais a gente ainda tem pais que só se preocupam em prover. Então assim, legal a gente estar falando aqui sobre paternidade ativa, mas como é que a gente vai atingir esses outros caras e falar assim: Cara, não é só isso, sabe. Você não vai só trabalhar pra botar comida na mesa. As responsabilidades são muito maiores. É relativamente tranquilo você só botar a comida na mesa. Mas agora você tem que se envolver em saber o que a criança está estudando, o que ela está comendo, se ela está tomando algum remédio, qual o remédio que ela está tomando. Então todas essas coisas fazem parte desse pacote de pai que você vai ser, entendeu?

Esse trecho é um retrato geral do início da produção sobre o tema investigado na internet, que encontramos nos diferentes lugares e espaços que circulamos coletando dados. Homens que ao descobrirem a gravidez da parceira entram em um processo de reflexão sobre a própria paternidade, que os levam a repensar os lugares que ocupam nos diferentes espaços sociais.

Também no início, junto da descoberta havia um interesse em propagandear os benefícios da *paternidade ativa*, de demonstrar essa possibilidade de ser pai, como se fosse uma descoberta que encanta e faz bem ao homem. Ficando muito presa ao homem e sua liberação em manifestar sentimentos.

No entanto, vale destacar que as mudanças manifestadas nos conteúdos analisados indicaram que o amor pela criança, despertado principalmente no nascimento, e as crises no casamento geradas quando as companheiras exigem a participação e divisão no cotidiano de cuidados com os filhos é que compõe o cenário em que a “transformação” desses homens acontecem. A mudança não é automática, mas apontada pelos próprios homens como um processo que se inicia ainda na gestação e geralmente com conflitos na relação.

Os conflitos sejam na relação com o filho, com a esposa ou consigo mesmo gera no homem/pai o questionamento de que tipo de pai quer ser? A resposta geralmente marca um rompimento e descontinuidade com os modelos de criação das gerações anteriores. A fala de Thiago no vídeo publicado em 2019, intitulado *Que tipo de pai você quer ser* podemos observar essa característica,

começa muito nesse primeiro momento que a gente tá ali na gestação sabe acompanhando a gestação das nossas companheiras e tentando descobrir que tipo de pai a gente vai ser e eu acho que o mais assim emblemático que existe nessa sua transformação em se tornar pai é justamente como a gente se coloca em função dos

outros pais que vieram antes da gente os nossos próprios pais, né,[...] os pais de hoje eu sempre vejo assim eu por exemplo quando a minha esposa engravidou a gente começou a pensar sobre filhos[...] e principalmente sobre parto até que eu cheguei num ponto que eu falei assim: cara! mas que tipo de pai eu quero ser? E aí eu pensava que eu ia reproduzir as mesmas coisas que fizeram comigo né, aquela criação bem tradicional aquela coisa do pai que só se sabe só chega em casa pra botar comida na mesa o provedor e ao cara que só vai falar no tipo nem última instância para acabar com qualquer briga qualquer discussão eu achava que reproduzir daí porque era meu referencial né então ok tinha algumas coisas que já questionavam a figura paterna que eu tinha como referência e e o mais engraçado é que assim a partir do momento que [...] meu filho mais velho nasceu[.], caiu tudo por terra sabe eu peguei ele nos meus braços pela primeira vez e eu falei assim cara eu não sei como fazer, mas eu quero que seja tudo diferente do que eu tenho na minha cabeça, e quero que seja que esteja mais próximo eu quero que eu quero estar mais presente, eu quero, sabe, me relacionar afetivamente com esse pequeno menino que acabou de nascer e isso pra mim era inédito nunca tinha pensado sobre isso e eu achava inclusive que sabe não era por aí que vai criar um filho então assim nesse primeiro momento eu comecei a questionar isso do meu pai da minha dessa figura paterna que eu tinha como referência e e como eu gostaria que fosse diferente a gente tem esse caminho que a gente começa a renegar e questionar tudo[...]

Apesar de os *pais ativos* demarcarem um rompimento com práticas realizadas pelas gerações de pais anteriores as suas, eles também pregam a empatia e o entendimento de que os pais fizeram o possível com as informações que tinham e falam disso em um sentido psicológico, indicando a necessidade inclusive de terapia. Dando continuidade há mais um trecho do vídeo acima Thiago fala sobre essa relação entre as gerações,

a gente começa a renegar e questionar tudo, é tipo como os nossos pais tivessem feito tudo errado e a gente vai fazer um certo e agora, é agora a nossa oportunidade de mostrar pro mundo mostrar pra eles que a gente sabe que a gente vai fazer certo que é o que eles deveriam ter feito com a gente, né[...]  
e a partir do momento que você viu seu filho crescendo, que você vai dando com os burros n'água, você vai errando você vai aprendendo e seu filho vai te ensinando um monte de outras coisas, você percebe que na real o seu caminho é só um caminho diferente sabe? você não está querendo ser nem melhor, nem pior do que seus pais, você está querendo trilhar seu próprio caminho, é você olhar para o passado você fazer as pazes com o passado olhar para o seu pai, olhar para sua mãe e entender que, sabe, e tudo o que eles fizeram era exatamente o melhor que eles podiam fazer, com o melhor que eles tinham para oferecer na situação que se encontrava e com o tipo de informação que eles tinham disponíveis também, hoje cara a gente tem toneladas de informações que podem ajudar a gente a pensar como é que a gente pode criar o filho com mais respeito, como é que a gente pode desenvolver um vínculo afetivo com os nossos filhos naquela época não existia, naquela época as pessoas estavam muito mais preocupadas em manter ali aquele status quo, né[...]

Além de demonstrar uma ruptura entre gerações, podemos observar que a *paternidade ativa*, possui um forte apelo aos sentimentos e a ideia da paternidade como um processo de cura, que instiga do pai um investimento em gerenciar suas questões psicológicas que viabilize a descontinuidade do que foi assimilado no processo educacional dos atuais pais

em suas infâncias, outro post retirado da página @paternidadepositiva<sup>33</sup> traz a seguinte imagem e a seguinte descrição:

Figura 21 – Posicionamento, ruptura geracional



<sup>33</sup> Link de acesso a postagem, disponível em <<https://www.instagram.com/paternidadepositiva/>>

<p>Sua necessidade em falar comigo, em saber constantemente como estou são as mais puras provas de sua necessidade em se redimir, em ser um homem melhor a cada dia.</p> <p>.</p> <p>Sobre as marcas de minha infância, eu te perdoo.</p> <p>.</p> <p>O senhor sabe que te perdoo!</p> <p>.</p> <p>Eu amo te ouvir, falar contigo.</p> <p>.</p> <p>Eu amo tudo em você e sei que jamais serei como senhor.</p> <p>.</p> <p>Sei também que deixarei marcas em minhas meninas e mesmo não as agredindo, sou falho em muito com elas também.</p> <p>.</p> <p>Por isso, hoje eu te entendo, não relativizo, pois, agressões são agressões e jamais agrediria minhas meninas.</p> <p>.</p>	<p>Sei também que deixarei marcas em minhas meninas e mesmo não as agredindo, sou falho em muito com elas também.</p> <p>.</p> <p>Por isso, hoje eu te entendo, não relativizo, pois, agressões são agressões e jamais agrediria minhas meninas.</p> <p>.</p> <p>Mas, eu te perdoo pelas marcas que me deixou e te agradeço na mesma proporção por todas as outras maravilhosas marcas.</p> <p>48sem Ver tradução</p>
---	---

Fonte: Print realizado pela autora na página @paternidadepositiva no Instagram, 2021.

A construção dos temas que circularam nas redes sociais quando o termo paternidade ativa passa a ganhar visibilidade no Brasil (por volta de 2015) foi sendo construído por falas dos pais que descobriram na paternidade novas possibilidades e necessidades de desconstrução. Eram pais que estavam na gestação e criação do primeiro filho/a centrando a produção dos conteúdos postados nas redes sociais em torno do momento em que vivenciam, como parto, cuidados pós-parto e primeiros meses de vida e na medida que os filhos vão crescendo outros temas vão sendo abordados.

Essa característica de os temas irem acompanhando o processo de vida individual de seus produtores coaduna com os princípios das redes sociais em que eles estão conectados e produzem conteúdo, de capturar o momento vivido e ser compartilhado em tempo real com outros que enfrentam os mesmos problemas gerando uma ideia de coletivo, e engajamento em suas redes por meio de comentários, visualizações, compartilhamentos chancelando autoridade para aquele perfil que pode gerar lucros financeiros.

Em um vídeo (realizado com parceria paga com uma empresa) postado no canal Papo de Homem intitulado (2018): 4 níveis para paternidade ativa<sup>34</sup>, Vitor Farrat explica que a paternidade ativa é:

a paternidade ativa, o termo ativo ele é recente, é faz parte de um movimento que encerra um ciclo de gerações anteriores que era do pai provedor simplesmente. Então o ativo na verdade é mais um chamado para que os pais sejam cuidadores também (música). Então hoje em dia a gente lida com esses dilemas, porque o homem ainda não tá preparado para fazer essa transição de não sou mais o provedor, mas eu não sei cuidar e agora existe essa cobrança de que eu preciso estar em casa,

<sup>34</sup>Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=TXE8JQ6kumI>>. Acessado em 04/08/2022.

mas eu também preciso trazer o dinheiro para casa e como eu faço? É sim a sua responsabilidade de estar em casa e cuidar da sua família e é sim a responsabilidade de se trazer o dinheiro, assim como, também é o da mãe, então as coisas estão mudando, então a paternidade ativa ela nasce com esse movimento de chamado e que vai muito mais do que simplesmente trocar uma fralda.

De acordo com o conteúdo do vídeo os níveis da paternidade ativa estão divididos em quatro níveis, que são os seguintes: básico ou prático, presença emocional, transformação pessoal e nível social. O primeiro nível está vinculado com a ideia do cuidado prático e físico ligado a higiene e alimentação por exemplo.

O segundo nível seria a criação de um vínculo afetivo com a família, o terceiro nível estaria definido pela ideia de se reconhecer enquanto pai e que este ocupa o lugar de cuidador (reflexão sobre masculinidades) e o último nível seria o da transformação social impulsionada pela mudança pessoal.

nível social quando você se transforma e transforma a sua família você automaticamente está mudando um comportamento de um grupo e de uma sociedade então por isso que a paternidade ativa é tão importante como o movimento porque quando você se reconhece pai que cuida que ama e fique trabalha em casa fora de casa você inspira outras pessoas essas outras pessoas vão começar a fazer o mesmo e se você conversar com elas e falar com elas então esse processo vai ser ainda mais acelerado então esse é um dos propósitos das rodas[...] (FARRAT, PDH, 2018)

Acompanhando as redes sociais de pais traçamos o seguinte percurso de perguntas que vão sendo feitas e respondidas em suas postagens: Vou ser pai e agora? Qual o lugar do pai no parto e no pós-parto (Sono e amamentação)? Já chegou nos seis meses como introduzir alimentação? Ele já come e anda e agora começa a manifestar seus desejos e começa o famoso terrible two, o threenagers, o que fazer? Relação das crianças com a tecnologia, como controlar o uso das telas?

Seguindo esse caminho trilhado pelos sujeitos da pesquisa buscamos compreender os elementos que constituem a *paternidade ativa* nas redes sociais por pais/homens que a produzem e reproduzem em publicações de livros, cursos, vídeos e postagens nas redes sociais e que ocupam um lugar de autoridade e visibilidade sobre o assunto, gerando parcerias e possível lucro financeiro com o tema.

#### **4.1 Gestação, parto e pós-parto**

“Quando eu me torno pai?” Essa questão aparece em vários podcasts, vídeos e textos que acompanhamos, nas contas listadas no segundo capítulo, e as respostas foram as mais diversas demarcando que o momento em que cada pai se dar conta de que é ou vai ser

pais, o famoso “caiu a ficha” que significa tomei consciência que é real, foi apontado como um momento particular de cada indivíduo, podendo acontecer em diferentes momentos no período de gestação, quando pega o filho no colo pela primeira vez ou um processo durante a criação.

Mas a participação do pai independente da vontade dos pais, com relações heterossexuais e que geram filhos biológicos que foi o perfil predominante que acompanhamos durante a pesquisa, tem sido cada vez mais cobrada ainda durante a gestação, seja, por meio de políticas públicas incentivando a realização do pré-natal do parceiro ou por instituições privadas que oferecem cursos de preparação para o parto, geralmente humanizado, normal e se possível domiciliar, e as rodas de conversa com temas de interesse para gestação, parto e pós-parto e com os frequentes relatos de parto.

O parto tem sido cada vez mais compartilhado entre o casal, atualmente a expressão “estamos grávidos” vem se tornando mais popular tendo mais visibilidade em programas televisivos e nas redes sociais. O uso do termo reflete a maior participação do homem no compartilhamento da responsabilidade da gestação de um filho.

Cabe ao homem na contemporaneidade participar e acompanhar as consultas do pré-natal, se informar sobre os tipos de parto, plano de parto, e acompanhar o parto. Essa participação do homem na gestação começou a ser investigado ainda no final do século passado a estudiosa Tania Salem na década de 80 já escrevia sobre o casal grávido (CG), que surgiu com as discussões do movimento de revisão da gravidez e do parto a partir dos anos 70. A reivindicação e adesão ao parto natural e de cócoras era uma das características mais particularizantes do casal grávido (SALEM, 2007).

Nas últimas décadas os debates sobre a revisão do parto passaram a denunciar e combater a violências obstétricas. A defesa e o respeito ao corpo da mulher grávida passaram a ser um fundamento, que possibilitou a construção da concepção de parto humanizado. Um dos principais debates desse tipo de parto é a defesa da diminuição de intervenções médicas desnecessárias durante o parto. Nessa construção do parto humanizado o parto normal ou natural é preferível em relação do parto Cesário.

Nesse movimento de revisão do parto a novidade foi o surgimento de um novo profissional para acompanhar a gestante: as doulas. Essa tem seus primeiros registros nos Estados unidos ainda nos anos 1970. No Brasil a presença das doulas é marcado em 2003, com o primeiro curso de formação ofertado no país. E foi no governo da Ex-presidenta Dilma Rousseff por meio do programa Rede Cegonha que as doulas passaram a integrar a equipe de assistência ao parto dentro de uma política pública que auxiliou a solidificar a sua existência enquanto profissão.

O parto humanizado é geralmente defendido dentro da paternidade ativa, com foco no parto normal ou natural e a modalidade do parto domiciliar. Com a popularização das doulas encontramos em diversos estados do país centro de cuidados gestacionais particulares que organizam rodas de conversa e oferecem cursos para a preparação para o parto, pós-parto e amamentação.

Nessas rodas de conversa, casais que foram acompanhados pelas profissionais daquela instituição realizam o relato de parto para os pais que ainda estão no período de gestação. E nesse momento os pais vão sendo inundados de saberes oriundos da medicina e psicologia para possibilitar o bem-estar da gestante e da criança que deve ser recebida com amor.

No entanto diferente do cenário que Salem encontrou no final do século XX, não falamos mais em Casal Grávido o homem tem buscado dentro do que vem sendo produzido encontrar seu próprio lugar, na gestação e nas fases seguintes. Como já foi apresentado a construção da *paternidade ativa* caminha com a desconstrução de um modelo de masculinidade que cobra do homem distanciamento emocional. Temas intitulados a “caixa dos homens” e os conceitos de “masculinidade tóxica” e “masculinidade frágil” ganham os espaços das redes.

Os homens passam a ter seu próprio espaço no processo da reprodução. No Instagram encontramos a página @homempaterno, que possui cento e cinquenta e nove mil seguidores e é encabeçada pelo Thiago Koch. A página é destinada para pais e oferece cursos para sobre gestação e parto para homens, também realiza palestras e consultorias tendo link na descrição que abre uma aba para as outras redes de sociais (podcast e Youtube) e demais informações.

Encontramos nessa página, um mil e cento e sessenta postagens, sendo a primeira postagem registrada em janeiro de 2018. Nos conteúdos postados encontramos imagens com descrição e *lives*. Observamos que o conteúdo das postagens apresentou reflexões sobre a igualdade de gênero, sobre o sexo durante gestação e puerpério, também divulgação de eventos coletivos: “círculo dos homens” (pago e itinerante), roda de pais, e o Grupo de Apoio Paterno. Segue a postagem para o primeiro curso ofertado pelo Homem Paterno:

Figura 22 – O lugar dos homens na gestação

homempaterno

... homempaterno O mundo com certeza precisa de mais amor, mas vitalmente necessita de mais empatia.

Com muito orgulho, convido vocês para o primeiro curso de preparação de homens para a gestação e parto, realizado pelo projeto Homem Paterno.

Serão 12hs de muito conteúdo, muita troca e muito amor.

Datas: 18 e 19 de agosto  
Local: Clínica Universus  
Santana - São Paulo  
Valor Promocional: R\$300,00 ( 5 primeiros)  
Valor Real: R\$ 360,00

Serão somente 12 vagas.

Conteúdo do Curso :  Gestação  O que é ser Homem? E pai?  Empatia, esse é o caminho  Fases da gestação;  Intercorrências na gestação;  Sexualidade na gestação;  Cuidados e práticas com a gestante. ( Participação da parceira)  Parto  Parto humanizado - o que é?  Sexualidade e parto;  Fases do trabalho de parto;  Plano de parto;  Intercorrências do parto;  Hora do parto - o que fazer e não fazer;  Primeiros cuidados com a gestante e bebê.

Facilitador:  
Tiago Koch - homem em desconstrução;  
Pai da lara ;  
Naturólogo  
Suporte e acompanhamento de homens durante o período gestacional, parto e puerpério.

Mais informações e inscrições acesse o link na bio.

Vamos fazer o curso na sua cidade? Entre em contato comigo. 🙌🙌 Yeahhhhh 🙌🙌🙌  
#HomemPaterno  
#HomememDesconstrução  
#Paternidade  
#GestaçãoePartoParaHomens

18 E 19 DE AGOSTO  
SÃO PAULO  
CLÍNICA UNIVERSUS

Fonte: Print realizado pela autora na página @homempaterno no Instagram, 2021

Em busca do seu próprio lugar na gestação a demanda do homem parece criar uma profissão que caminha ao lado das doulas agora trabalhando em específico com os homens. Compartilhamos também a seguir um trecho da descrição que acompanhava outro encarte de divulgação do curso, que é pago que passou a ser itinerante por diferentes cidades da região sudeste e sul do Brasil,

Estudos apontam que a participação ativa e positiva do pai durante a gestação é determinante para o sucesso da gestação e do parto. Talvez isso não seja novidade, porém, será que nós homens realmente temos conhecimento e estamos prontos para estar nesse lugar de cuidador? Você está pronto? (@homempaterno)

A ideia da construção de conhecimentos e a necessidade de estudar para ser pai, começa a ganhar espaço ainda na gestação e se torna presente e constante com o passar das fases da criança. No entanto destaco dois pontos nessa descrição o uso da palavra ativa e positiva serão os pilares da *paternidade ativa* disseminada nas redes sociais.

Primeiro para o pai ser ativo ele precisa se envolver desde a gestação quando ele precisa estudar e entender o corpo feminino, entendendo a ação dos hormônios em sua parceira, tendo empatia com ela e principalmente dividir as tarefas do cotidiano como arrumar a casa, propiciar o descanso dela na amamentação, inicialmente o trabalho braçal e físico que envolve o cuidado com um recém-nascido. Esse momento é evidenciado pela distinção entre o “pai que ajuda” e o “pai que cuida” nas redes sociais.

#### 4.2 O “pai que ajuda” e o “pai que cuida”

Um ponto importante observado no decorrer da pesquisa que é defendido pelos pais defensores da *paternidade ativa* e que categorizamos como uma manifestação no eixo de gênero(s) é o estabelecimento de distinção e crítica entre o “pai que ajuda” e o “pai que cuida”, impregnado de uma ideia de igualdade de gênero e desconstrução de um tipo único de masculinidade, essa contraposição nos auxilia a compor um dos aspectos da nossa interpretação sobre o fenômeno que é a resignificação do termo pai.

O “pai que ajuda” foi apontado nas falas dos sujeitos da pesquisa em seus vídeos, postagens e áudios como aquele que faz o básico no cuidado com os filhos (trocar uma fralda, dar uma banho na criança...) podendo ser considerado um pai responsável e até certo ponto participativo, no entanto espera ser orientado ou solicitado pela companheira para exercer alguma tarefa doméstica ou de cuidado parental.

Esse tipo de posicionamento é identificada como problemática para a *paternidade ativa*, pois o homem ainda coloca a mulher como a responsável principal na economia do cuidado, acarretando uma carga mental de trabalho invisível sobre essa e perpetuando o lugar de desigualdade historicamente e culturalmente estabelecido. A seguir podemos visualizar duas descrições feitas em postagens de vídeos no Instagram do @tadeufranca, um dos perfis acompanhados pela pesquisa.

Figura 23 – Críticas

## 2.757 curtidas

otadeufranca PAI NÃO É REDE DE APOIO - Atenção!  
Alerta de cérebros explodindo. Bora Refletir? 🤔

Repitam até entender: PAI NÃO É REDE DE APOIO!  
PAI É PAI!

Toda vez que nós como sociedade colocamos o Pai na mesma prateleira da Sogra, dos Avós, dos amigos, dos vizinhos, nós estamos retroalimentando uma faceta do patriarcado muito sofisticada, que coloca o Pai nesse lugar de "Ajuda".

Quem é rede de apoio está ali pra ajudar, apoiar, de livre e espontânea vontade, mas não é uma obrigação daquela pessoa ajudar nos cuidados com os filhos e com a casa.

Já o Pai ele tem a obrigação de cumprir com seus papéis, dividindo a carga com a mãe em tudo! Por isso ele não pode ser confundidamente colocado nesse lugar! Senão será bem cômodo e fácil Paternar! "Pq a obrigação é da Mãe! O Filho é da Mãe! Então eu posso só ajudar e apoiar que já tá bom, Certo?"

ERRADO PARÇA!

Refleta sobre isso Papai, e segura seu B.O! 🤔❤️

otadeufranca LEVANTA E FAZ - HOMENS ATENÇÃO!  
Elejam suas prioridades e de preferência que suas prioridades sejam dividir a responsabilidade e a carga dos filhos com a mãe.

Quer Fingir que não sabe fazer as coisas pra mãe ir lá e fazer pq vc, o Alecrim Dourado, que nasceu no campo sem ser semeado, quer usufruir dos seus privilégios de ser homem, assistir seu joguinho, tomar sua cerveja enquanto a mãe se lasca né?

VOCÊ TÁ ERRADO PARÇA!

É seu papel participar, contribuir, dividir e cumprir com as responsabilidades reais da paternidade!

Se você não consegue assumir as suas responsabilidades como pai...EU NÃO TE RECONHEÇO COMO HOMEM!

Mamães, podem mandar esse vídeo pros Alecrins Dourados de vocês, e mesmo que eles fiquem revoltados discordando, fiquem tranquilas pq a culpa vai bater e a reflexão vai chegar!

Fonte: Prints realizado pela autora das descrições de posts da página do Instagram @otadeufranca, 2021.

Na descrição do *post* intitulado: "Pai não é rede de apoio" o produtor de conteúdos Tadeu França realiza uma crítica ao pai que se coloca como secundário no cuidado com os filhos. A postagem desse conteúdo ocorreu no dia 10 de agosto de 2021, no mês que comemoramos no Brasil o dia dos pais, aproveitando a visibilidade da data para a realização da sua crítica, no decorrer do mesmo mês mais cinco postagens foram realizadas com a mesma característica de crítica relacionando ao dia dos pais.

A segunda descrição intitulada: "Levanta e faz – homens atenção" o influenciador utiliza de seu lugar de homem para sensibilizar outros homens a assumir a paternidade ativa, tocando em questões que estão intrinsecamente relacionadas as masculinidades e os tipos de paternidades. Novamente criticando aos pais que dizem que ajuda.

Destacamos que o Dia dos Pais se tornou uma data de luta e visibilidade para as paternidades contemporâneas, reivindicar direitos, como o aumento da licença paternidade que atualmente são apenas cinco dias; e visibilidade do pai no lugar de cuidador em espaços públicos, como ter trocador de bebê em banheiro masculino.

Complementando essa ideia do pai que se coloca no lugar de ajudante outros três termos foram apontados pelos pais ativos como problemáticos, são os termos: *paizão*, *super pai* e *pãe*. As críticas aos dois primeiros termos é relacionada com a ideia de reconhecimento exacerbado para um homem quando ele faz apenas o que deveria ser feito e que geralmente é feito pelas mulheres ou demais cuidadores responsáveis pela criança sem o menor

reconhecimento social em relação ao cuidado das crianças e é um reconhecimento que alguns homens esperam ao estar cuidando, esses geralmente se enquadram no “pais que ajudam”.

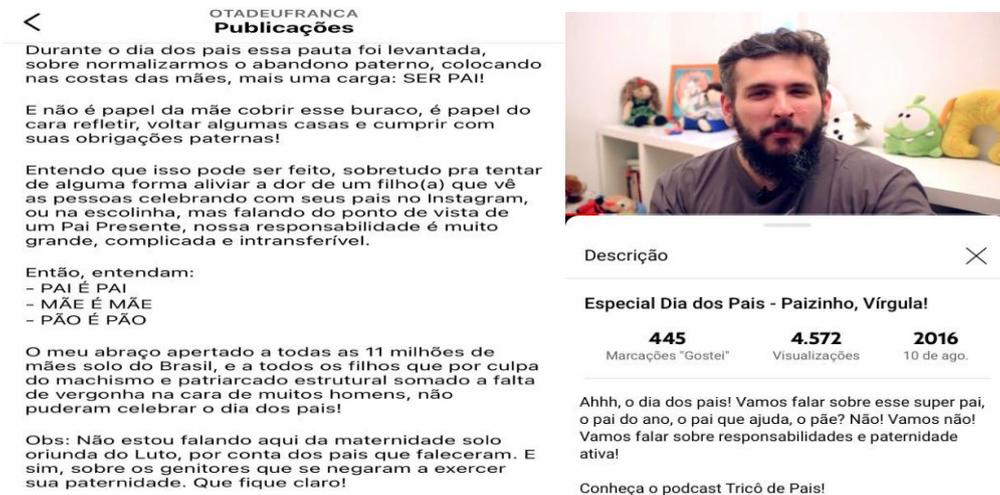
Figura 24 – Super pai ?



Fonte: Prints realizado pela autora nas postagens da página do canal Paizinho,vírgula no youtube.

O terceiro termo “pãe” é criticado pelos seguidores da paternidade ativa, pois reafirmam posições tradicionais sobre o lugar do feminino e masculino, ressaltando as qualidades da mulher para ocupar o lugar do cuidado e invisibilizando a capacidade dos homens para essa tarefa, tratando os homens que cuidam bem como casos isolados.

Figura 25 – Dia dos pães?



Fonte: prints realizados pela autora nas páginas do Instagram do @otadeufranca e no canal do Youtube do Paizinho,vírgula!, 2021.

O termo “pãe” é comumente utilizado de duas formas pode ser na busca de preencher a lacuna do abandono paterno fazendo com que a mãe ocupe o lugar do pai e da mãe ao mesmo tempo, e pode na situação em que o homem é um pai que cuida e participa e faz isso de forma eficaz que é quase uma mãe, reafirmando que esse não é o lugar do homem.

Já o “pai que cuida”, seria considerado o “pai ativo”, este é protagonista junto com a companheira ou companheiro ou mesmo sozinho, no caso dos pais solos em famílias monoparentais, nos cuidados cotidianos do lar (limpar e arrumar a casa, fazer, almoço...) e da família (levar as crianças para a escola, dar banho, alimentar, marcar consultas médicas...), as tarefas são divididas igualmente, se houver com quem compartilhar evitando a sobrecarga, ou buscando minimizar as diferenças, para um dos lados, nesse sentido alguns pais utilizam os termos *cocriar* e *coparentalidade* ao enfatizar a ideia de compartilhamento dos afazeres familiares.

Vale destacar, que a prática da *paternidade ativa* não se restringe ao envolvimento na parte “prática” dos deveres e necessidades da vida cotidiana, pois é o envolvimento afetivo que dar a tônica desse pai, que está preocupado com o desenvolvimento emocional e psicológico da sua criança, assim como com o seu e da sua companheira(o).

Esse pai se apresenta combativo aos princípios machistas presente em nossa sociedade e busca estabelecer laços que garantam a igualdade entre e intra gênero e ao respeito as crianças, não utilizando de violência como bater na criança para ser respeitado ou usar ameaças ou chantagens como ferramentas de educação.

Destacados esses pontos prosseguimos identificamos que o princípio de igualdade de gênero é forte dentro da ideia da paternidade ativa, que já vinha sendo desenvolvido nos debates suscitados pelos nomes anteriores, mas aqui a presença de um pensamento com ideias feministas se faz presente de forma mais evidente.

Ao descobrir que iriam ser pais alguns interlocutores relatam em seus podcasts e conteúdo que no primeiro momento sentiam um mix de emoções que passava da felicidade ao medo e pensamentos de sentimentos de inseguranças de ordem financeira e emocional, no sentido de achar que não iam dar conta. Mas assumiam o compromisso com a paternidade, sem ao certo saber o que iria diferenciar em suas vidas.

na criação com apego, Disciplina positiva, comunicação não-violenta e mais recentemente criação neurocompatível.

Todas essas palavras indicam além do lugar do pai o lugar que a criança tem para esse pai, um sujeito de direitos que deve ser educado e socializado, sendo respeitado seus desejos e autonomia. Mas como educar sem punir, castigar, bater? Essa foi uma das questões

que os pais se fizeram na contemporaneidade. Percorrendo a trajetória dos sujeitos da pesquisa podemos compreender melhor a paternidade ativa e seu aspecto positivo.

### **4.3 Paternidade participativa, ativa e positiva: percorrendo a trilha das novas paternidades, o caminho do meio como resposta**

As crianças não desenvolvem responsabilidade quando pais e professores são muito rígidos e controladores, mas também não se tornam responsáveis quando os pais e professores são permissivos. Crianças adquirem responsabilidade quando têm oportunidades de aprender habilidades sociais e de vida valiosas para desenvolver um bom caráter em um ambiente de gentileza, firmeza, dignidade e respeito (NELSEN, 2015, p.3).

Seguindo os questionamentos feitos e respondidos pelos pais apresentados acima, temos que passar a descoberta de outras masculinidades, a igualdade na divisão entre afazeres e cuidados iniciados na gestação até o puerpério, começa então a relação pai e filho. O filho que chega mudando a rotina do sono da casa, depois que tem que aprender a se alimentar sozinho e que manifesta seus desejos e sentimentos.

Os pais desejam construir a relação com amor e respeito. Nem autoritarismo e nem permissividade a busca pelo caminho do meio em educar os filhos com disciplina, amor e empatia é o que orienta a prática dos pais contemporâneos fortemente influenciados por teorias psicológicas.

No entanto, Norbert Elias em seu texto, a *Civilização dos Pais*, já anunciava sobre as mudanças nas relações pais e filhos em nossa sociedade, em seus escritos apontava,

Estão perto de desaparecer muitos símbolos de autoridade e demonstrações formais de respeito que, em tempos passados, eram símbolos de dominação, ou seja, que serviam para assegurar a dominação dos pais. O declínio paulatino das posturas de ostentação e os símbolos de respeito no trato das crianças com seus pais, certamente, é sintomático de uma redução da dominação paternal, ou seja, uma diminuição da desigualdade na relação entre pais e filhos. Esse é o resultado não planejado das mudanças amplamente difundidas no conjunto das sociedades-Estado mais desenvolvidas [...] (p.488).

A mudança do lugar do pai é também uma mudança social da ideia da autoridade e o seu lugar em nossa sociedade, a diferença e atribuição bem definida que esse lugar ocupou em um modelo de sociedade vertical e hierarquicamente bem estruturada não é evidente e até mesmo evitada em nossa sociedade horizontal e democrática.

A autoridade pode ser frequentemente confundida ou exercida juntamente com autoritarismo e essa relação confusa vem sendo questionada fortemente desde 1960 pelos movimentos contraculturais. No caso das famílias em primeiro momento podemos indicar que

a busca pelo rompimento com os costumes regulares acarretou uma posição de permissividade frente aos filhos.

Um dos pontos importantes para a reflexão nas relações intrafamiliares contemporâneas, é a diminuição do uso da violência física no processo de educação das crianças, se voltarmos a Elias esse já refletia sobre esse ponto e fez a seguinte reflexão,

Refiro-me à renúncia, cada vez mais ampla, do emprego da violência física como forma de repressão das crianças por parte de seus pais. Em parte, essa renúncia é imposta por meio da legislação estatal; mas também é autoimposta graças à crescente sensibilidade contra o emprego da violência física, no trato entre os seres humanos (p.488).

Para trilhar o caminho do meio, os pais produtores de conteúdo encontraram como resposta o exercício da disciplina positiva em seu cotidiano, também encontramos o uso da Comunicação Não -Violenta (CNV) na educação dos filhos. Vale destacar, que aqui investigamos a família, mas que essa mudança não se restringe ao âmbito do lar.

É possível afirmar que o processo que enreda as famílias contemporâneas também ocorre em outras instituições. Podemos identificar em diferentes locais em nossa sociedade relações que estão mudando em busca do equilíbrio mencionado, por exemplo nas empresas privadas o lugar do chefe vem sendo ocupado pelo líder.

Na escola o modelo tradicional, em que o professor era considerado o mestre e ao aluno cabia um lugar de passividade para aprender passou por transformações, que vem sendo desenhada desde a escola nova e tecnicista até as escolas construtivistas, chegando aos modelos de escolas embasadas na pedagogias propostas por Maria Montessori, Rudolf Steiner (Michael Waldorf), Emir Pikler entre outros nas quais a criança é ativa em seu processo educacional e o professor estabelece uma relação de maior igualdade. Destaco a existe uma forte relação presente entre os pais e as escolas montessorianas no conteúdo acompanhado nas redes sociais. Como indica Elias

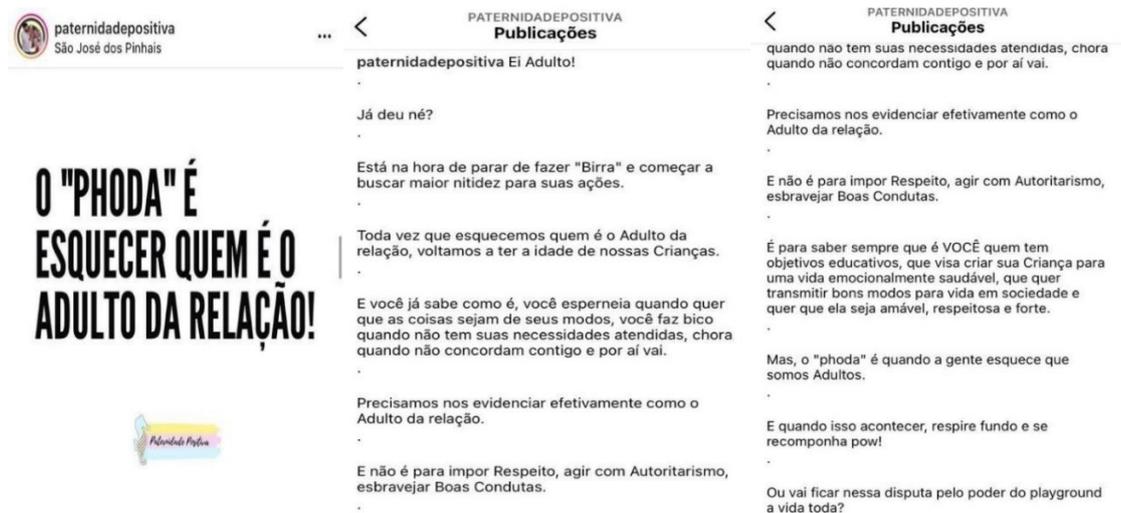
Um relaxamento das barreiras de respeito no tratamento entre pais e filhos, ou seja, uma informalização vai de encontro com o fortalecimento da proibição do uso da violência nas relações intrafamiliares. O que se refere, não só, ao tratamento entre adultos e crianças dentro da família, como também é válido para o tratamento entre adultos e crianças, no geral, especialmente no caso de professores e crianças na escola (p.489).

Essa restrição ao uso da violência nas relações “exige de cada pessoa um maior grau de auto controle, só que diferenciado, de um modo que nunca se existiu antes.” (ELIAS, 2012, p.489). Podemos, desta forma, considerar que no âmbito familiar as teorias psicológicas vieram

auxiliar o pai a ocupar o lugar de autoridade respeitando a individualidade (valor fundamental nas relações familiares contemporâneas) do desenvolvimento do seu filho, exigindo do pai maior autoconhecimento, maturidade e autocontrole das emoções.

No post a seguir, retirado da página do Instagram @paternidadepositiva, podemos observar a cobrança social feita pela *paternidade ativa*, pelos pais e para os pais:

Figura 26 – Maturidade emocional!



Fonte: prints realizados pela autora na página @paternidadepositiva, 2021.

Nas diferentes páginas que acompanhamos, nas diferentes redes sociais, a posição do adulto deve ser de alguém que é emocionalmente e racionalmente completo em relação à criança e responsável pela relação que estabelece com o filho. Tendo que saber trabalhar as emoções da criança e lidar com as suas próprias, sem recorrer a violências físicas ou psicológicas.

Como tendo necessidades de “ferramentas nobres” para a educação algumas metodologias embasadas em teorias metodológicas são difundidas por aqueles que estamos denominamos de pais ativos. Destacamos aqui a criação com apego, disciplina positiva e comunicação-não violenta, essas correntes que são complementares e servem para sustentar um dos pilares da paternidade ativa que é o amor, respeito e igualdade na relação pai e filho.

Encontramos os conteúdos dessas teorias presentes em vídeos, textos e áudios que falavam sobre alternativas a palmada para o filho obedecer aos pais, como lidar com a birra sem recorrer a violências psicológica (ameaças e medo) ou física. Era indicado a prática de fazer combinados e ouvir a criança, acolher a demanda e o choro, não se colocar em lugar de

superioridade e ser o regulador emocional. O apelo geral, no material recolhido é realizado pela seguinte pergunta que tipo de pessoa você quer que seu filho seja quando adulto?

Uma verdadeira pedagogia é encontrada nos conteúdos postados. Os produtores de conteúdo explicam como os hormônios agem no cérebro da criança, de inteligência emocional e o que fazer frente a diferentes comportamentos, indicando leituras e alguns dos produtores são consultores familiares ou Family Coach.

Acompanhando o canal do paizinho, vírgula encontramos o vídeo intitulado: O que é criação com apego?<sup>35</sup> – postado em 2017 em que o produtor busca explicar para o público de forma simples e sucinta a teoria do apego

Então o que é criação com apego?

De uma maneira bem básica, criação com apego é uma maneira bem prática que nós temos para nos vincularmos aos nossos filhos. São tipo ferramentas mesmo que a gente pode usar e, tipo, algumas vão servir pra gente, outras não, e elas vão servir pra gente fazer essa conexão com os nossos filhos[...] a criação dos seus filhos, uma criação mais próxima, mais afetiva e mais respeitosa, principalmente [...] O que eu queria dizer é que a criação com apego vem lá da teoria do apego, que é uma teoria da psicologia que foi proposta pelo John Bowlby e pela Mary Ainsworth. E daí, dessa teoria um pediatra americano chamado William Sears pegou isso tudo e falou assim: "Pô, vou criar isso aqui... eu vou fazer disso aqui uma maneira bem prática pros pais e pras mães praticarem com os seus filhos!" E aí que nasceu, de fato, a criação com apego, que do inglês veio do Attachment Parenting. Alguns anos depois, duas terapeutas americanas, Barbara Nicholson e Lyza Parker, elas pegaram esse trabalho do William Sears e transformaram nos princípios da criação com apego que é o que a gente conhece hoje, que é o que a gente divulga bastante hoje.

Nesse vídeo Thiago, mostra para seu público a base para o conteúdo dos seus vídeos sobre birra, sono, alimentação...a base para sua prática era retirada dos seus estudos e leituras da teoria do apego depois de mostrar a origem da teoria ela explica no vídeo um pouco sobre a ideia de ferramentas:

Então como é que funciona essa história das ferramentas pra gente se vincular aos nossos filhos, aos nossos bebês?

Uma delas, por exemplo, é como a gente responde às necessidades dos nossos filhos. A resposta sensível é aquela resposta que você sempre vai fazer pra atender quando o seu filho está chorando, quando seu filho está com fome, então passa por aquela noção de que o choro do bebê não é um negócio ruim, que o choro do bebê é um estorvo, que ele está querendo manipular você e tudo mais. Nada disso existe. Na verdade, o choro é a maior forma de comunicação de um bebê. Então se ele está chorando, ele tem uma necessidade ali e ela precisa ser atendida. E quando a gente sempre responde a essas necessidades, a gente oferece colo quando ele pede colo, a gente oferece alimento quando ele pede alimento, a gente afaga ele quando ele está chorando, com algum desconforto. Quando a gente faz isso consistentemente, a gente começa a criar esse vínculo, essa coisa, sabe, bonita, gostosa, que é a conexão, que é o apego, tá legal? Outra coisa também, por exemplo,

---

<sup>35</sup> Link para o vídeo no YouTube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=d6luionczCI>> Acessado em 04/08/2022. Link para o texto no blog paizinho, vírgula! sobre criação com apego. Disponível em <<https://paizinhovirgula.com/criacao-com-apego-aquele-resumo-que-voce-sempre-quis/>>. Acessado em 04/08/2022.

que está dentro da criação com apego é como a gente olha pro colo. A necessidade do contato físico... Na verdade é como a gente se vincula através do contato físico afetivo com os nossos filhos. Então a gente começa a desmistificar esse lance de que o colo é ruim, que se você der colo pro seu bebê ele nunca mais vai querer sair do colo[...]Então, o que é importante dizer sobre o colo é que, além de ele ser uma necessidade de contato físico, é uma maneira que você tem de justamente estar junto do seu filho, estar perto ali, pele a pele, aquela coisa do contato mesmo, de você demonstrar segurança através do contato físico, então isso é muito importante pra relação que você está construindo com o seu bebê, e por isso que ela está dentro da criação com apego.

A primeira ferramenta destacada por Thiago, responder a demanda do bebê entendendo o choro como comunicação de uma necessidade dando colo se essa for a necessidade, vai de encontro com o que geralmente era feito por pais de outras gerações que evitavam colocar muito a criança no colo para ela não ficar “mimada” ou seja apresentando um comportamento indesejado. Podemos perceber esse aspecto quando ele fala “desmistificar esse lance de que colo é ruim, [...]”.

Ao continuar explicando sobre as ferramentas da criação com apego o produtor ainda destaca mais duas ferramentas uma é a prática da cama compartilhada;

Outra coisa que também está muito dentro da criação com apego é a prática da cama compartilhada. Na verdade, a prática segura da cama compartilhada. Não quer dizer que você precise da cama compartilhada pra criar com apego, mas a maneira que você olha as necessidades da criança, você começa a perceber que elas também vão continuar existindo à noite, né[...] Então pra que serve a cama compartilhada, no contexto da criação com apego? É muito simples, ela é prática. Se a gente precisa atender essas necessidades dos nossos filhos pra que eles se sintam seguros na nossa relação com eles, porque não estar do lado? Estar do lado já facilita tudo, ele vai estar ali do seu lado, se ele precisar se sentir seguro com a proximidade do corpo, se ele precisar de contato físico, ele vai estar ali, se ele quiser mamar, ele vai estar ali perto da mãe. Se ele quiser, sabe, acordar e só ver onde é que ele está, que ele não está sozinho, ele vai poder fazer isso. Então por isso que a cama compartilhada, dentro da criação com apego, é tão importante. Mas não se restringe à cama compartilhada, porque dentro dessa coisa de vínculo, de dar segurança pra criança durante a noite, a gente não precisa estar dormindo na mesma superfície que os nossos filhos, então se ele estiver ali do seu lado, seja num bercinho acoplado[...], tudo que permita que você consiga atender àquelas necessidades do seu filho prontamente, de uma maneira que você não deixe seu filho se esgoelar, então...E isso é outra coisa importante, né, "nana nenê" não, entendeu? Vai lá, pega o teu filho, dá carinho nele, faz ele voltar a dormir que é muito melhor pro seu filho e pra você também, tá legal?

A outra ferramenta também apresentada no vídeo é a prática da disciplina positiva na criação e educação cotidiana dos filhos, ele explica essa de forma sucinta, pois em seu canal tem uma playlist sobre o assunto;

E a última coisa que eu queria falar com vocês, que fica dentro da criação com apego, que é um princípio que ajuda muito a gente a se relacionar e construir essa conexão é a disciplina positiva. E a disciplina positiva eu já falo bastante aqui no canal, e é uma maneira de você educar o seu filho através da conexão. É você usar essa relação que você tem de empatia e respeito que você está construindo com o seu filho pra guiá-lo através dos desafios da vida. As alternativas às punições, aos castigos, à humilhação, a gente vai ajudar muito os nossos filhos a nomear os sentimentos, a entender o que

está passando por eles, a acolher esses sentimentos. Então a ideia de você falar empaticamente com o seu filho é o que vai fazer também com que ele se sinta seguro na relação que vocês estão construindo um com o outro, Então é por isso que a disciplina positiva é um dos pilares mais importantes da criação com apego.

Além do Thiago outros canais e contas que foram analisados postam seus conteúdos com dicas de cuidado e resolução de problemas cotidianos embasados na teoria apresentada acima, por isso vamos nos deter um pouco a entendê-la, como mapeou Thiago em seu vídeo a criação com apego foi popularizada pelo pediatra estadunidense William Penton Sears que buscou pôr em prática a Teoria do Apego (TA) criada pelo psicólogo, psiquiatra e psicanalista britânico John Bowlby e pela psicóloga estadunidense Mary Ainsworth, essa teoria

baseia-se de modo geral no pressuposto de que o apego é biologicamente motivado como uma busca por conforto e segurança e que ele é estruturado por meio da formação dos modelos operantes internos, representações mentais da pessoa e de suas figuras de apego, que nortearão as expectativas futuras do sujeito sobre si e sobre o mundo (MENDES, ROCHA, 2016, p. 02).

Essa teoria diverge das ideias dos Freudianos e Kleinianos e converge com as abordagens de Fairbairn e Winnicott. O desenvolvimento da teoria é marcado em três fases. A primeira demarcada pelos estudos de Bowlby “com crianças com história de algum tipo de separação de suas figuras parentais” (MENDES, ROCHA, 2016, p.02). O estudioso apresenta sua definição de apego e de sistema de apego.

O apego seria uma ligação com uma pessoa em especial, ou seja, a figura de apego que serve como um intermediário da criança com o mundo a sua volta e um regulador emocional da criança que passa conforto e segurança e que é buscado em momentos de situação de sofrimento. Já o sistema apego busca provocar respostas do cuidador por meio de comunicações emocionais como por exemplo o choro ou mesmo o sorriso. De forma bem simplificada, o autor aponta em seus estudos que a relação da criança com a figura de apego é preponderante na sua formação.

Partindo das concepções de Bowlby a estudiosa Ainsworth inicia a segunda fase da T.A partindo de observações realizadas com 26 famílias em Uganda propões a divisão do comportamento do apego em três grupos: o apego seguro, o apego evitativo e o apego ambivalente. Esses grupos foram identificados de acordo com a relação da demanda criança e da resposta da figura de apego.

Dessa forma, o apego seguro foi identificado e caracterizado pela segurança da criança em explorar o ambiente em que estava na presença da figura de apego e se retrair em sua ausência, as demandas da criança nesse modelo era atendida com regularidade pela figura

de apego. No apego evitativo foi observado que a figura de apego demonstrava rigidez emocional e não disponíveis as demandas da criança, esta apresentava nessa situação de retração na presença desse modelo de figura de apego e até se relacionavam mais abertamente com estranhos.

No apego ambivalente a figura de apego oscilava nas respostas as demandas da criança e está apresentava retração na exploração do ambiente, na presença da figura de apego e grande ansiedade nos momentos que essa figura se ausentava, e não se relacionava bem com estranhos. No retorno a presença da figura de apego variava entre a busca de contato e demonstração de raiva e ressentimento (MENDES, ROCHA, 2016).

A terceira fase da teoria “Main, Kaplan & Cassidy<sup>8</sup> propuseram um deslocamento do foco da TA de um nível comportamental para um maior enfoque no nível da representação interna.” (MENDES, ROCHA, 2016, p.5) Main acrescenta mais um nível, aos níveis propostos por Ainsworth. O quarto nível seria o apego desorganizado, neste nível a criança apresenta diversos padrões contraditórios de comportamento. Este grupo é geralmente manifestado em história com traumas, perda ou abuso sexual parental (MENDES, ROCHA, 2016).

De forma sintética a criação com apego ressalta a necessidade de estabelecer e desenvolver junto a criança um apego do tipo seguro, pois esse seria o melhor caminho para o desenvolvimento comportamental, psicológico e afetivo desta. Inspiradas na criação com apego que foca no tipo de desenvolvimento do apego seguro as terapeutas Barbara Nicholson e Lyza Parker propuseram os oito princípios da criação com apego, que são os seguintes: 1) se preparar para a gestação, nascimento e criação; 2) alimentar com amor; 3) responder com sensibilidade; 4) use um contato afetivo ou use toque de carinho; 5) garanta um sono seguro, físico e emocionalmente; 6) cuidado consistente e amoroso; 7) pratique a disciplina positiva e 8) tenha uma vida pessoal familiar e afetiva.

Esses princípios apresentam vem modificando costumes e entrando em conflitos com tradições e signos de educação de gerações anteriores, a reflexão sobre essas mudanças trataremos a frente no texto, aqui falaremos sobre o ponto sete a prática da Disciplina positiva, no processo educativo.

A disciplina positiva é uma abordagem educacional proposta pela doutora em educação e terapeuta de casal estadunidense, mãe de sete filhos, avó de dezoito netos e autora de mais de dezoito obras sobre o desenvolvimento humano Jane Nelsen<sup>36</sup>, como a autora gosta de se apresentar. O método defendido pela estudiosa é baseado no sistema de psicologia

---

<sup>36</sup> Essa apresentação foi retirada do livro Disciplina Positiva.

individual desenvolvido pelo psiquiatra educador austríaco Rudolf Dreikus, que buscou tornar em método prático a teoria da psicologia do desenvolvimento individual criada pelo psicólogo e psiquiatra austríaco Alfred Adler.

A Disciplina Positiva enxerga a criança como um sujeito de direitos humanos e apresenta uma posição de combate e erradicação de castigos, punições físicas ou psicológicas na educação infantil e defende uma educação com respeito mútuo e cooperação. Gentileza e firmeza são uns dos conceitos-chave desse modelo educacional, que busca ajudar a criança a desenvolver autodisciplina, responsabilidade, cooperação e habilidade de resolver problemas. É assim que o método é apresentado no livro, *Disciplina Positiva*, e no conteúdo produzidos por pais

Para colocar em prática os conceitos de modelo de educação os pais precisam entre outros pontos: entender as necessidades das crianças por trás dos comportamentos para guiar suas ações e intervenções de forma amorosa, educar pelo exemplo e reconhecer quando cometer uma ação que considere inadequada pedindo desculpas se for necessário.

Em seu livro *Disciplina Positiva* a autora apresenta situações cotidianas e como atuar diante delas seguindo os princípios da sua abordagem, é uma espécie de guia, algumas das ferramentas apresentadas são: reunião familiar indicada para realizar com crianças a partir dos quatro anos, escolha limitada, quadros de rotina, combinados, postura diante da birra, envolver nas atividades, distrair, evitar o não.

A Disciplina Positiva vem ganhando popularidade entre os cuidadores parentais e forma que se tornou mais um adjetivo da “nova paternidade”, a paternidade *participativa, ativa e positiva*. Em complemento para a viabilização da criação com apego e do uso da disciplina positiva outro método também vem sendo apresentado pelos pais que produzem conteúdo sobre paternidade na rede a Comunicação não-violenta (CNV).

A (CNV) foi um método desenvolvido pelo psicólogo Marshall B. Rosenberg estadunidense que trabalhou em escolas que deixavam o modelo de segregação racial e que passavam por um processo de transição pacífica. Imerso nesse cenário de inúmeros conflitos sociais o autor elaborou a CNV, que foi inicialmente utilizada no espaço escolar e explorada pelo direito no campo da Justiça Restaurativa. Nos últimos anos vem se popularizando e sendo utilizada nas relações familiares e educação com os filhos em casa.

A CNV apresenta quatro componentes principais: observação, sentimentos, necessidades e pedido. A observação deve ser realizada sem o estabelecimento de julgamentos ou avaliações precipitadas

Quando combinamos observações com avaliações, os outros tendem a receber isso como crítica e resistir ao que dizemos. A CNV é uma linguagem dinâmica que desestimula generalizações estáticas. Em vez disso, as observações devem ser feitas de modo específico, para um tempo e um contexto determinado. (ROSENBERG, 2006, p. 57)

Depois de observada uma situação aquele que busca estabelecer uma CNV deve identificar seus sentimentos em relação a situação que foi observada. Aqui o autor chama a atenção que “expressar nossa vulnerabilidade pode ajudar a resolver conflitos” (ROSENBERG, 2006, p. 57), pois pode gerar um canal de conexão com o outro que facilita a comunicação e pode gerar empatia, outro ponto que o autor aborda é a necessidade de identificar o sentimento e distinguir sentimentos de pensamento e por fim assumir a responsabilidade pelos seus próprios sentimentos.

O próximo passo é compreender a necessidade vinculada ao sentimento já identificado para que por fim o pedido seja feito em uma linguagem positiva, enfatizando o que quer que seja feito ao invés de focar no que não quer que seja feito. Em resumo devemos nos comunicar “sem criticar, analisar, culpar ou diagnosticar os outros (ROSENBERG, 2006p.103)” e fazer nossos pedidos para atender nossas necessidades com empatia.

Marshall organizou seu livro como um guia prático com resumos e exercícios no final de cada capítulo, utilizou linguagem simples e também reservou espaço para falar sobre a raiva e empatia uma estrutura bem similar com o livro sobre a Disciplina Positiva da Jane Nelsen que também se propõe ser um guia prático.

Outra característica entre esses métodos é o caráter replicador das metodologias os dois possuem centros de formação que certificam, líderes, replicadores e educadores parentais nessas práticas, algumas das contas que acompanhamos os pais que são produtores de conteúdo são certificados no centro de formação de disciplina positiva e se tornaram consultores familiares.

Mais recentemente a Criação neuro compatível vem adquirindo visibilidade nas redes, sua base de educação é similar as anteriores apresenta relações horizontais entre os integrantes da família, defende que as necessidades das crianças devem ser atendidas, a educação deve ser realizada sem punição, os limites devem ser estabelecidos com base na empatia.

Os princípios desse método educacional são embasados na psicologia evolutiva, antropologia e neurobiologia. É uma corrente relativamente nova, data por volta de 2015 e aqui apresentamos de uma forma geral. Para maiores informações existe uma necessidade de maior investigação, que não é objetivo deste trabalho, aqui somente pontuamos a sua existência.

Todas essas teorias e ferramentas constituem um dos elementos fundamentais a prática da paternidade ativa que vem sendo produzida por meio das redes sociais. Fazendo surgir inclusive novos qualificativos indicando que o pai deve ser ao participativo, ativo, proativo e positivo.

#### 4.4 Problematizando a paternidade ativa e positiva nas redes sociais: simplesmente pai

Então vamos lá. A gente fala muito de paternidade ativa, tem um monte de gente falando sobre isso, só que eu tenho umas certas ressalvas com esse termo. Pra começar, cara, o que é paternidade ativa? Será que um cara que bate no seu filho todos os dias e participa da educação de uma maneira violenta, ele é um pai ativo? [...] E aí também tem um outro problema, que você acaba gerando uma mercantilização desse termo, tipo "Ah, vou te ensinar, vou fazer um curso aqui de paternidade ativa pra você. Vou te ensinar a ser um pai ativo." Não é nada disso, sabe. É só cuidar, sabe. Não tem um grande termo, uma grande glamourização, a gourmetização da paternidade. Então acho que às vezes a gente pode fugir um pouco do escopo principal do que é a gente conversar sobre o pai que cuida pra falar sobre paternidade ativa e dar um enfoque maior, quando que na verdade é só fazer o que as mães já fazem desde sempre e não recebem aplausos pra isso, né. Então a gente também tem que ter na cabeça que... Tá legal, a gente pode usar um termo pra facilitar a maneira de abordar os caras que ainda não estão nesse tipo de pensamento. Mas a gente tem que ter muito cuidado pra não transformar esse negócio num troço muito grande, que quando na verdade deveria ser muito simples, que deveria ser nossa responsabilidade desde sempre, né. Bom, mas vamos pensar na parte prática da coisa. As pessoas me perguntam "ah, mas o que que é?", "o que é paternidade ativa?", "o que um pai ativo faz no dia a dia?". Exatamente as mesmas coisas que a mulher vai fazer, sabe [...] parir e amamentar, e é só isso que eu não posso fazer. De resto eu posso fazer tudo. (Thiago, paizinho,vírgula!, 2018)<sup>37</sup>

No trecho da fala do Thiago, Paizinho,vírgula! exposto acima, observamos uma crítica ao que se tornou em parte a *Paternidade Ativa* ao ser desenvolvida dentro de plataformas que seguem uma lógica neoliberal e de mercado. Toda a popularização e visibilidade que as redes propiciaram ao tema, trazendo o passo-a-passo de novas formas de educar divulgando teorias e ferramentas gerou uma demanda de mercado que se tornou praticável com o Instagram.

Em 2014 quando foi lançado o “Guia sobre Paternidade Ativa” pela UNESCO, este encontrou um cenário em que as redes sociais se tornavam cada vez mais populares e foi incorporada por sujeitos que falavam sobre paternidade nesses espaços. Em 2015 já temos o lançamento de livros e canais no Youtube para trata sobre o assunto.

A ideia da necessidade de estudar para ser um bom pai que começa ainda na gestação vai se fazendo presente e continua em outras fases. Ainda mais quando há uma

---

<sup>37</sup> Link para acessar o vídeo que o trecho foi retirado. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=q6KdKIHDs5g>> Acessado em: 04/08/2022.

distância entre o mundo dos adultos e das crianças nas famílias contemporâneas e uma ruptura com os modelos anteriores de criação.

Explorando essa lacuna e enfatizando esse aspecto do estudo e orientação para prática contemporânea da paternidade, há uma discordância entre a necessidade de estudar para ser pai ou a não necessidade, dentre os perfis analisados, aqueles que comercializam cursos e prestam consultorias enfatizam na preparação para ser pai. Outros perfis que apostam em outros produtos e formas de financiamento coletivos apontam que o afeto deve ser o princípio orientador da relação e não necessariamente o estudo.

As contas que em geral ofertam cursos e consultorias como principais produtos são em sua maioria homens brancos, heterossexuais de classe média, consultores familiares, palestrantes e/ou coachs licenciados pelo instituto de Disciplina Positiva. Suas postagens abordam o cotidiano familiar e ferramentas para melhor gerenciá-lo. Embalados pela tônica da necessidade de estudar para ser pai, além das consultorias oferecem cursos com foco nas ferramentas da Disciplina Positiva visando a demonstração prática de como implementá-las no cotidiano.

Estamos educando para um mundo que está sendo construído, profissões que serão inventadas onde a criatividade na resolução de problemas é mais importante em relação ao conhecimento sem aplicabilidade, uma educação empreendedora surge no pano de fundo desse grupo que tem uma característica mais de individualização.

O foco em geral é dado na analogia “família empresa<sup>38</sup>”, os pais devem saber quais as habilidades e competências que desejam que a criança desenvolva e para isso devem usar as ferramentas corretas, ênfase em quadros de rotina dando o passo-a- passo de como fazer e pôr em prática, dividir os afazeres domésticos incluindo as crianças, construir lista de comportamentos desafiadores e estratégias para evitar ou resolvê-los, são alguns exemplos.

Essas ferramentas citadas apresentam a necessidade do autoconhecimento dos praticantes, gerando uma desconstrução de sua compreensão de mundo, no caso específico dos homens sempre de mãos dadas com a revisão e transformação de suas masculinidades.

As transformações sociais pautadas nesse grupo parte de a ideia geral que a mudança individual gera uma mudança no coletivo sendo a pauta de gênero a mais abordada. As outras pautas de luta sociais como antirracismo e anticapacitismo aparecem de forma mais

---

<sup>38</sup> A relação do funcionamento da família com uma empresa foi realizada por um pai ao exemplificar algumas ferramentas que explicava na aula que estava ministrando em sua conta explicando sobre o produto que estava ofertando.

secundaria sendo visibilizadas em momentos pontuais geralmente por meios de posicionamentos referente a algum caso que repercutiu nas redes sociais.

Entre os pais que o afeto é o principal para o exercício da nova paternidade encontramos um perfil mais heterogêneo são homens, pretos, brancos, heterossexuais e homossexuais de classe média, existem nesse grupo consultores familiares e palestrantes, mas não é a maioria. Os conteúdos produzidos se articulam entre o âmbito familiar e pautas sociais como raça e gênero, tendo perfis que se propõem a serem uma espécie de rede de apoio que é tocado de forma coletiva.

A forma que buscam angariar recursos financeiros para investimentos em melhorias e manter independência na produção de seus conteúdos é por meio do financiamento coletivo e grupos fechados para apoiadores membros que contribuem com valores específicos mensais, havendo conteúdos exclusivos para cada faixa de preço. E parcerias publicitárias com empresas que coadunam com os princípios da página.

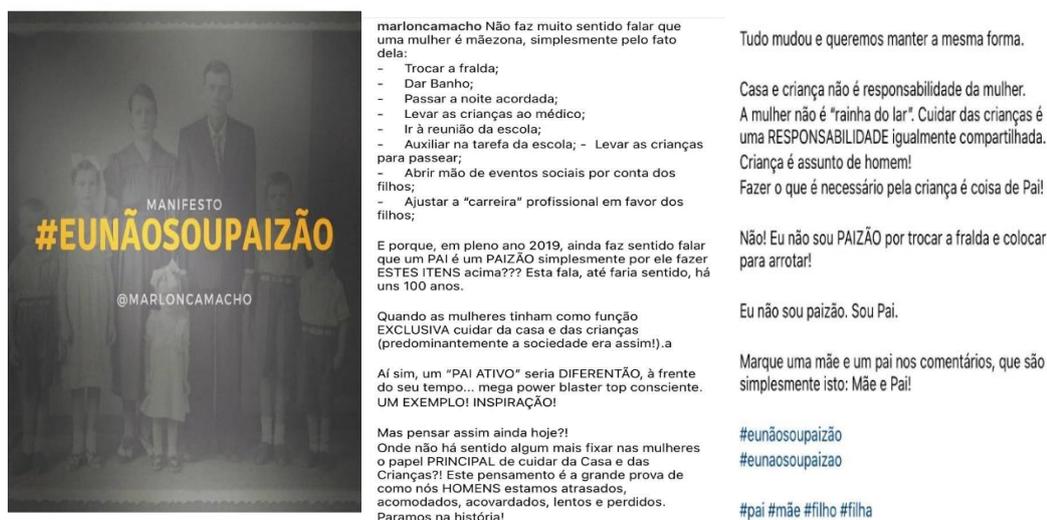
Os pontos convergentes entre os tipos propostos: ambos os grupos produzem conteúdo, monetizam e vendem produtos e infoprodutos, apesar dos conteúdos terem como foco os homens percebo que a maioria ou ao menos a metade das pessoas que seguem e acompanham o trabalho desses homens são mulheres.

As pautas sociais em evidência na atualidade: raça e gênero aparecem em ambos os grupos sendo que em um os debates de gêneros é mais preponderante no outro a busca pela interseccionalidade entre gênero e raça. No entanto em um deles é central as demandas sociais e no outro aparece em posicionamentos pontuais.

Sobre os qualificativos todas nas redes utilizam em suas postagens e hastags utilizadas para gerar mais visualizações, os títulos das postagens são colocados de forma que gere uma polêmica ou um apelo de identificação por situações cotidianas que geram cansaço propondo uma solução. A linguagem transita entre o cômico, a raiva e indignação.

Mesmo que o uso dos qualificativos seja feito por todos nas redes, há um apelo geral dos que usam a rede de forma profissional ou não, para que se chegue ao simplesmente pai, que ao se referir a pai todas essas noções de cuidado agora endereçadas aos homens estejam intrínsecas em seu significado. O post e a descrição a seguir nos dá uma dimensão do geral do dito nas redes;

Figura 27 – Simplesmente pai



Fonte: Print realizado pela autora na página @marloncamacho na plataforma do Instagram, 2021.

Apesar dos pontos de divergências e convergências desses tipos apresentados podemos sustentar a seguinte hipótese: o homem na busca de reencontrar seu lugar na família reivindicam para o masculino o lugar do cuidado e disputa pela ressignificação do termo pai como um cuidador em igualdade e com o mesmo significado de ser mãe perante a sociedade. A mais recente manifestação nas redes sociais sobre o tema tentando de fato demarcar o pai nesse lugar de cuidado é fazer a distinção entre pai e genitor, não lhe atribuindo maiores qualificativos.

#### 4.5 Dia dos pais – dia de desconstrução

Dentro desse novo contexto o Dia dos Pais deixou de ser uma homenagem ao paizão e passou a ser um mês de visibilidade dos princípios da paternidade ativa nas redes. Todos os canais publicam *lives* com campanhas ou temas relevantes para a desconstrução da paternidade tradicional.

Chamando atenção, para a campanha pai não é visita! aparecendo temas como as arquiteturas que não reconhecem o pai como cuidador quando não tem banheiros masculinos, com trocadores demanda essas que começa a ser respondida em alguns shopping centers que apresentam banheiros para família.

A licença paternidade também vem sendo questionada, na busca de ser ampliada, e até mesmo vem sendo debatido uma nova modalidade de dispensa do trabalho para cuidar dos

filhos que seria a licença parental, a ideia busca que a luta pela igualdade na família repercuta também no mercado de trabalho.

O tema da diversidade não costuma a parecer com frequência nos temas produzidos nos canais investigados, apesar de a igualdade de gênero ser um princípio da paternidade analisada temas como aborto, a gravidez de homens trans e a parentalidade de pessoas não-binárias ainda não tem espaço nas redes. No entanto, no dia dos pais de 2020 uma campanha lançada nas redes sociais de uma marca de cosméticos, causou controvérsia, ao trazer um homem trans como um modelo possível de pai.

A reação de grupos religiosos foi imediata criticando e desaprovando a iniciativa da empresa desqualificando o pai em questão. Em contrapartida os perfis acompanhados pela pesquisa saíram em defesa do pai. Na página do @paternidadepositiva, postou um vídeo em que afirmou a seguinte frase: “interessa de um pai independente de seu gênero ou orientação sexual é se ele é realmente presente na vida da criança.” (sic) O paizinho, vírgula fez a seguinte postagem:

Figura 28 - Diversidade na Paternidade



Fonte: print da autora na página @paizinho,vírgula! no Instagram, 2020.

Analisando polêmica que tomou o mês dos pais de 2020 a questão central por traz dos argumentos a favor ou contra um homem trans representar um pai. Eram as seguintes questões o que é ser um pai e o que é ser homem na contemporaneidade? E para a paternidade ativa ser pai é estar presente no cuidado.

Outros recortes como o de raça e de classe aos poucos vão tomando maiores proporções dentro das redes com novos perfis que falam sobre paternidades negras. Nos eventos online com o passar dos anos há uma maior diversidade entre os seus participantes.

É importante refletir sobre os eventos produzidos nas redes sociais, pois precisamos entender que tipo de financiamento e parceria os organizadores dispõem e de que relação de influência essas possuem nas pautas e palestrantes escolhidos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegar na parte final do trabalho em que analisamos a Paternidade Ativa nas redes sociais indicamos que as considerações aqui feitas não marcam o fim dessa pesquisa, mas uma primeira fase, pois as múltiplas facetas que compõem o cenário das famílias e paternidades contemporâneas ainda requerem esforços de análises.

Por meio deste trabalho buscamos iniciar a compreensão desse novo contexto social em que as relações sociais acontecem em múltiplos espaços mediados por máquinas conectadas pela internet. Ainda é cedo para compreender o impacto das redes sociais nas sociabilidades em nossa sociedade, mas já podemos indicar que ela tem se tornado cada vez mais presente e transformadora das relações sociais.

O objetivo geral deste trabalho foi dar o primeiro passo para compreender a paternidade em um período de construção de subjetividades neoliberais mediadas e divulgadas pela internet. Desse modo, nos interessou olhar a perspectiva de quem usa as redes sociais para produzir conteúdo sobre o tema e que influenciam ou dialogam com inúmeras famílias que alcançam por meio de seus posts.

Retomando os objetivos dessa investigação, buscamos ao longo do texto responder a três questões iniciais: Quem são os sujeitos que estão produzindo sobre a *paternidade ativa* nas redes sociais? Como os produtores de conteúdo definem e caracterizam a *paternidade ativa*? Quais os elementos que a constitui? Dessa forma, nossos objetivos eram: mapear os produtores de conteúdos, traçar um perfil desses sujeitos, caracterizar como a paternidade ativa era produzida e divulgada nas redes e apreender os seus elementos constitutivos.

Mapeamos os produtores sobre paternidade ativa nas redes sociais utilizando a lógica das redes sociais (D'ANDRÉA, 2020). Traçamos um perímetro em ordem decrescente nas contas que apresentavam maior “capital social” para as que apresentavam um menor. O capital social pode ser comparado e analisado pela quantidade de seguidores e engajamento (curtidas, comentários e compartilhamentos) que o perfil gera na plataforma dessa forma chegamos aos produtores com maior visibilidade e “autoridade” no Instagram (RECUERO, 2020). Do *Instagram* transitamos por outras plataformas, mas apenas acompanhando sujeitos já identificados e selecionados.

Uma vez definido o campo podemos traçar o perfil de quem eram essas pessoas que produziam nas redes sociais e compreender quais os elementos constitutivos da *paternidade ativa* nas redes sociais. O perfil encontrado foi de um público urbano, concentrado predominantemente na região sudeste e sul do país, homens adultos de classe média,

majoritariamente heterossexuais e em maioria homens brancos, tendo uma participação ainda em expansão de homem negros.

Com o escopo de compreender o que era a *paternidade ativa*, quais suas características o que a constitui transitamos na rede e encontramos como a principal referência para a utilização do termo o documento “Guia de Paternidad activa para padres” lançado pela UNICEF.

O guia foi o começo para a disseminação de uma paternidade focada na construção do vínculo afetivo entre pai e filho. Diferente da *paternidade responsável* que foi divulgada predominantemente por falas institucionais, por meio de políticas públicas e campanhas a *paternidade ativa* emergindo junto com a popularização das redes sociais passou a ser divulgada e apropriada por indivíduos que passavam pelo processo de descoberta da paternidade e exploravam as possibilidades e transformações que este momento de suas vidas lhes proporcionava.

No primeiro momento (2015) os debates sobre a *paternidade ativa* foram marcados pela contraposição pai não ajuda, pai cuida! Sendo os debates sobre a igualdade de gênero o predominante nos debates. Imperando as reflexões sobre as masculinidades, que explodiam nas mídias com os termos masculinidade tóxica e masculinidade frágil. Essa contestação da masculinidade culminou em posts que criticavam o machismo e a busca pela igualdade de gênero dentro das relações entre os pais heterossexuais.

Passado o primeiro momento e o crescimento das crianças que apresentavam novas demandas aos pais que não somente cuidados de higiene, a paternidade ativa encontra nos conhecimentos produzidos pela psicologia e neurociência a resposta para conseguir implementar os princípios de liberdade, respeito e amor (SINGLY, 2007) nos cuidados cotidianos com os filhos. Sendo a Disciplina Positiva (NELSEN, 2015) o ponto alto da base para a produção dos vídeos que falam sobre os comportamentos das crianças como a “birra” e como lidar com eles de forma afetiva, mas impondo limites.

Essa forma de educar também indica que a paternidade investigada é um marco de ruptura entre gerações de pais. Pois os pais ativos, estão à procura de outros modelos que não os difundidos culturalmente sobre a criança, pois a palmada, ameaças ou chantagem não são aceitas com métodos de educação. Dentro do contexto dessa paternidade a criança é compreendida como um sujeito de direitos e que deve ser respeitada em suas fases de desenvolvimento e do adulto é cobrado cada vez mais compreensão de seu lugar de responsável e regulador de emoções da criança (ELIAS, 2012). Combinados e rotinas são ferramentas

aceitas como forma de impor limites, entre outras ferramentas como CNV e conhecimentos sobre inteligência emocional.

Ao longo da coleta de dados encontramos os mais variados adjetivos atrelados ao termo paternidade. Compreendemos que esse traço, que se intensifica com a “Conferência do Cairo”, demarca o processo ressignificação da paternidade e do lugar do pai nas dinâmicas familiares contemporâneas, sendo a paternidade ativa com mais um passo para a construção desse lugar que disputa espaços com visões ainda arcaicas e atreladas a uma moral religiosa.

O perfil dos nossos entrevistados predominante de homens de classe média fazendo com que pesquisa realizada para a elaboração desse trabalho se some a tantas outras feitas sobre as transformações das famílias nesse recorte de classe (SALEM, 2007), demonstrando que esses tem sido os principais expoentes das transformações familiares no Brasil, talvez por ter sido esse grupo que buscou manter fortemente um padrão tradicional e normativo por décadas esteja sentindo, mais profundamente tais transformações em seu cotidiano.

E como estamos falando de uma classe média os homens brancos são maioria entre os produtores de conteúdo, sendo que a presença de pais negros passa a ser presente na produção sobre paternidade ativa em 2018. Trazendo uma maior pluralidade das falas e nos temas a pauta de combate ao racismo passa a ocupar espaço junto ao combate ao racismo. Sobre a diversidade de gênero os produtores sobre paternidade ativa são homens cis com relações heterossexuais.

A produção da *paternidade ativa* além de ser determinada pelos perfis de seus produtores, também é determinada pela política e dinâmica das plataformas que estão sendo veiculadas. Temas considerados tabus ou com pouca aceitabilidade popular com o aborto e gravidez de homens trans, não aparecem nos conteúdos investigados, apesar da igualdade de gênero ser um elemento constitutivo dessa paternidade.

O grande esforço da pesquisa foi compreender e definir a paternidade ativa situada no cenário das redes sociais e com lógicas de mercado. Mas o assunto não se finda aqui no decorrer da pesquisa percebemos que a relação com as redes em contexto neoliberal, as novas estruturas de “movimentos sociais”, a questão da raça, gêneros (com a parentalidade não-binária) ainda requerem investigação para compreendermos de fato as transformações da paternidade e da parentalidade nas famílias do século XXI.

## REFERÊNCIAS

- AGUAYO, Francisco; KIMELMAN, Eduardo. **Guía de paternidade activa para padres**. Santiago de Chile, CL: UNICEF, 2014. Disponível em: [https://www.unicef.org/chile/media/1126/file/guia\\_de\\_paternidad\\_activa\\_para\\_padres.pdf](https://www.unicef.org/chile/media/1126/file/guia_de_paternidad_activa_para_padres.pdf). Acesso em: 19 set. 2019.
- ALMEIDA, Angela Mendes de. Notas sobre a família no Brasil. In: ALMEIDA, Angela Mendes de et al. **Pensando a família no Brasil: da colônia a modernidade**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo: UFRRJ, 1987.
- ALVES, Rachel Cristina Vesú. **Metadados como elementos do processo de catalogação**. Orientador: Plácida Leopoldina Ventura Amorim da Costa Santos. 2010. 132 f. Tese (Doutorado em Ciências da Informação) - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/103361>. Acesso em: 19 set. 2019.
- D'ANDRÉA, Carlos. **Pesquisando plataformas digitais online: conceitos e métodos**. Salvador: EDUFBA, 2020.
- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução: Dora Flaksman. 2.ed. Rio de Janeiro: LTC, 2009.
- ARILHA, Margareth Martha. **Masculinidade e gênero: discursos sobre responsabilidade na reprodução**. Orientador: Fúlvia Rosemberg. 1999. 126f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1999. Disponível em: [https://www.pagu.unicamp.br/pf-pagu/public-files/arquivo/24\\_arilha\\_margaret\\_termo.pdf](https://www.pagu.unicamp.br/pf-pagu/public-files/arquivo/24_arilha_margaret_termo.pdf). Acesso em: 19 set. 2019.
- BECK, Ulrich; BECK-GERNSHEIM, Elisabeth. **O caos totalmente normal do amor**. Tradução: Fernanda Romero Fernandes Engel e Milton Camargo Mota. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira Editora, 1985.
- BADINTER, Elisabeth. **XY: sobre a identidade masculina**. Tradução de Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BERNARDI, Denise. Paternidade e cuidado: “novos conceitos”, velhos discursos. **Psic. Rev.**, São Paulo, v. 26, n.1, p. 59-80, 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/view/28743>. Acessa em: 06 out. 2021.
- BURGESS, Jean; GREEN, Joshua. **YouTube e a revolução digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade**. Tradução: Ricardo Giassetti. São Paulo: Aleph, 2009.
- CAVALCANTE, Clarisse Castro. Desafio da maternidade ou da adequação?: análise dos discursos sobre ser mãe no Facebook, a partir do depoimento de Juliana Reis. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 40., Curitiba. **Anais**

[...]. Curitiba: Intercom, 2017. Disponível em:  
<https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-0480-1.pdf>. Acesso em:  
06 out. 2021.

CICHELLI, Vincenzo; PEIXOTO, Clarisse Ehlers. SINGLY, François de. (org.). **Família e individualização**. Tradução: Angela Xavier de Brito. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

CONNELL, Raewyn. **Gênero: uma perspectiva global**. Tradução: Marília Moschkovich. São Paulo: nVersos, 2015.

CONNELL, Robert W. Políticas da masculinidade. **Educação e Realidade**, v. 20, n. 2, p.185-206, 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71725>. Acesso em: 07 ago. 2019.

CORNEAU, Guy. **Pai ausente, filho carente**. Tradução: Fernanda Silva Rando. Barueri, SP. Manole, 2015.

CHAUVIN, Sébastien; JOUNIN, Nicolas. A observação direta. In: PAUGAM, Serge (coord.). **A pesquisa sociológica**. Tradução: Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Editora vozes, 2015.

DONATH, Orna. **Mães arrependidas: uma outra visão da maternidade**. Tradução: Marina Vargas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

ELIAS, Norbert. A civilização dos pais. **Revista Sociedade e Estado**, v. 27, n. 3, set./dez. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/d8cs7Bb6zx8n83kgYdP7kRH/?lang=pt>. Acesso em: 06 out. 2021.

FLICK, Uwe. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Tradução: Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

GOMES, Aguinaldo José da Silva; RESENDE, Vera da Rocha. O pai presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 20, n. 2, p. 119-125. mai./ago. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v20n2/a04v20n2.pdf>. Acesso em: 07 jun. 2019.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Tradução: Ana Luiza Libânio. 2. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2018.

HOOKS, Bell. **Teoria Feminista: da margem ao centro**. Tradução: Rainer Patriota. São Paulo: Perspectiva, 2019.

LEBRUN, Jean-Pierre. **Um mundo sem limite: ensaio para uma clínica psicanalítica do social**. Jose Nazar (org.). Tradução: Sandra Regina Filgueiras. Rio de Janeiro: Companhia Freud, 2004.

- LYRA, Jorge; MEDRADO, Benedito. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. **Estudos Feministas**, v. 16, n. 3, p.809-840., set-dez, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/7VrRmvB6SNMwQL5r6mXs8Sr/?lang=pt>. Acesso em: 06 out. 2021.
- LYRA, Jorge; MEDRADO, Benedito. O gênero dos/nos homens: linhas de uma proto-genealogia. **Ciênc. Saúde Coletiva**, v.17, n.10, p. 2579-2581, out. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232012001000003>. Acesso em: 04 jul.2022
- NOLASCO, Sócrates. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco 1995.
- MÃE, Valter Hugo. **O filho de mil homens**. São Paulo: Biblioteca Azul, 2016.
- MENDES, Lorena Sena Teixeira; ROCHA, Neusa Sica da. Teoria do Apego: conceitos básicos e implicações para a psicoterapia de orientação analítica. **Revista Brasileira de Psicoterapia**. v.18., n.3., dez. 2016, p.1-15. Disponível em: [https://rbp.celg.org.br/detalhe\\_artigo.asp?id=209](https://rbp.celg.org.br/detalhe_artigo.asp?id=209). Acesso em: 06 out. 2021.
- MILLER, Daniel; SLATER, Don. Etnografia on e off-line: cibercafés em trinidad. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 10, n. 21, p. 41-65, jan./jun. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/byXgK3hjvpRs4snhb8MSbGy/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 06 out. 2021.
- MINATEL, Isabela. **Crianças sem limites: educação empreendedora na primeira infância**. Barueri, SP: Novo Século Editora, 2019.
- MINATEL, Isa. **Temperamentos sem limites: como conseguir resultados com crianças da raiva e com crianças da tristeza**. Barueri, SP: Novo Século Editora, 2019.
- NELSEN, Jane. **Disciplina positiva**. Tradução: Bernadette Pereira Rodrigues e Samantha Schreier. 3. ed. Barueri, SP. Manole, 2015.
- PEIXOTO, Socorro Letícia Fernandes. **Vidas de mães na favela: reinvenções da maternidade nas experiências de mulheres na periferia de Fortaleza**. Orientador: Antônio Cristian Saraiva Paiva. 2019. 313f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019.
- PELÚCIO, Larissa. **Amor em tempos de aplicativos: masculinidades heterossexuais e a negociações de afetos na nova economia do desejo**. 2017. 230f. Tese (Livre docência) – Departamento de Ciências Humanas da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual de São Paulo, Bauru, 2017.
- PEREIRA, Jamile Peixoto. **Da paternidade responsável à paternidade participativa? Representações de paternidade na política nacional de atenção integral à saúde do homem (PNAISH)**. Orientador: Dagmar Elisabeth Estermann Meyer. 2015. 119f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2015.
- PIZA, Mariana Vassallo. **O fenômeno Instagram: considerações sob a perspectiva tecnológica**. Orientador: Michelangelo Giotto Santoro Trigueiro. 2021. 48 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) – Instituto de Ciências Sociais, Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

- RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2020.
- ROSENBERG, Marshall B. **Comunicação não-violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais**. Tradução: Mário Vilela. São Paulo: Ágora, 2006.
- ROUDINESCO, Elisabeth. **A família em desordem**. Tradução: André Telles. Rio de Janeiro: RJ Editora Zahar, 2003.
- SALEM, Tania. **O casal grávido: disposições e dilemas da parceria igualitária**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007. 232p.
- SANTOS, Elisama. **Educação não violenta: como estimular autoestima, autonomia, autodisciplina e resiliência em você e nas crianças**. 4. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.
- SILVA, Caroline Guimarães. **Maternidade, cultura e redes sociais: análise da interação social de mães solo através de netnografia e mineração de dados no Instagram**. Orientador: Douglas Farias Cordeiro. 2020. 64 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Faculdade de Informação e Comunicação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2021.
- SILVA, Janaína. **Pode uma mãe não gostar de ser mãe? as controvérsias acerca do feminino**. Curitiba: Editora Appris, 2020.
- SINGLY, François de. **Sociologia da família contemporânea**. Tradução: Clarice Ehlers Peixoto. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.
- SOUZA, Ana Luiza de Figueiredo. **“Me deixem decidir se quero ou não ser mãe!”: narrativas pessoais de mulheres sobre a maternidade nas mídias sociais**. Orientador: Beatriz Brandão Polivanov. 2019. 216 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.
- QUEIROZ, Thiago. **Abrace seu filho**. Caxias do Sul, RS: Editora Belas Letras LTDA.
- UZIEL, Anna Paula. **Homossexualidade e adoção**. Rio de Janeiro: Gramond, 2007.
- VIGOYA, Mara Viveros. **As cores da masculinidade: experiências interseccionais e práticas de poder na nossa América**. Tradução: Allyson de Andrade Perez. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2018.